

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

NATALINO FIOROTI

**DÍZIMO - SUSTENTABILIDADE DAS CEBs NO FRAGATA**

São Leopoldo

2020



NATALINO FIOROTI

**DÍZIMO - SUSTENTABILIDADE DAS CEBs NO FRAGATA**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Orientador: Prof. Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F521d Fioroti, Natalino  
Dízimo: sustentabilidade das CEBs no Fragata /  
Natalino Fioroti; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo :  
EST/PPG, 2020.  
169 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa  
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2020.

1. Dízimos. 2. Sustentabilidade - Teologia. 3.  
Comunidades eclesiais de bases. I. Bobsin, Oneide,  
orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

NATALINO FIOROTI

**DÍZIMO - SUSTENTABILIDADE DAS CEBs NO  
FRAGATA**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 11 de agosto de 2020

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (PRESIDENTE)  
Participação por webconferência

PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (EST)  
Participação por webconferência

PROF. DR. VANILDO LUIZ ZUGNO (ESTEF)  
Participação por webconferência



*A todos (as) os (s) dizimistas das  
Comunidade Eclesiais de Base no  
Fragata, em Pelotas! Sem desmerecer  
ninguém, especialmente missionários (as)  
(missionárias) das comunidades. E, do  
que aprendi com a Coordenação da  
Pastoral do Dízimo representada no casal  
coordenador Francisco e Margarida  
Victória. Dos fundamentos adquiridos com  
o saudoso Gandi Ferreira.*



## **AGRADECIMENTOS**

Aos freis que integram as fraternidades capuchinhas de Caxias do Sul e de Canoas, bem como aos colegas freis na pastoral e lideranças das comunidades na Mathias Velho pela compreensão e tolerância nos percalços neste período do mestrado.

Aos professores da Faculdades EST, em particular ao orientador prof. Oneide Bobsin e demais docentes dos componentes no PPG e das bancas da qualificação e da dissertação.

A todos os (as) colegas do mestrado e grupo de pesquisa Identidade Étnica e Interculturalidade.

À Província Capuchinha do RS através da sua coordenação nas pessoas dos Freis Nilmar Gatto e Claúdelino Brustolin que me desafiaram a abraçar esta pesquisa com seu objetivo pastoral.

Aos freis e lideranças das Comunidades Eclesiais de Base no Fragata e Arquidiocese em Pelotas liberando o acesso e ajudando na coleta das fontes documentais primárias, arquivos, livros tombo, registros, atas e demais documentos das entidades parceiras possibilitando a realização desta pesquisa.

Ao Deus criador e doador de toda a vida a quem tudo e todos pertence, que enviou seu Filho Jesus Cristo, e, na sua vida, morte e ressurreição nos convidou e inseriu a participar da sua ceia pascal, em ação de graças despertando à prática solidária e ilimitada com o pobre.

Meu muito obrigado!



Com a morte na cruz e a vitória da ressurreição, o Filho de Deus, Jesus Cristo sacrificou-se/doou-se/voltou-se totalmente para os outros, para a nossa salvação: não há oferenda maior do que esta.

Arquidiocese de Pelotas, 2013, p. 8.



## RESUMO

A pesquisa tem como tema o dízimo cristão na perspectiva da sustentabilidade das CEBs no Bairro Fragata, Pelotas/RS, a serviço da missão dada por Deus. Busca-se responder às perguntas: a fragilidade vivida por estas comunidades periféricas conseguiria com o dízimo tornar-se força aglutinadora, gerando unidade, sendo formativa e desencadeando um processo de ajuda solidária entre si e mesmo para fora delas? Poderia gabaritar a comunidade para alguma parceria com entidades civis e religiosas beneficiando adolescentes, jovens, adultos e idosos de alguma forma em suas vidas? Esta vivência do dízimo que tem compreensões teológicas e espiritualidades subjacentes poderiam tornar-se um exemplo e alcançar algum dia uma teologia correspondente com olhar de gratuidade e alteridade? Para tanto, a pesquisa tem como objetivo refletir acerca da sustentabilidade nas Comunidades Eclesiais de Base no Fragata, a partir do seu dízimo celebrado liturgicamente, autônomo e solidário com suas implicações nas comunidades, e seus gestos solidários internos e externos. Através da pesquisa bibliográfica, em documentos das CEBs no Bairro Fragata, Pelotas/RS, e da observação participante, a pesquisa é desenvolvida em dividida em três capítulos. Os dois primeiros capítulos são etnográficos com suporte em pesquisa documental primária, buscando uma relação respeitosa às fontes e à observação participante. No primeiro, destacam-se comunidades não sustentáveis que organizam um mutirão nas casas dos católicos e convidam à participação na comunidade de fé cristã partilhando seu dízimo. No segundo, são relatados os impactos nas relações entre comunidades que investem nos seus membros, auxiliam-se mutuamente e com espírito solidário abrem parcerias com o entorno e solidárias para além de si próprias, dando novo rosto às mesmas. Por fim, através do argumento de que a teologia é reflexão, atitude crítica, a teologia é ato segundo, são lançados os fundamentos bíblicos, teológicos e litúrgicos, questionando teologias de cunho mercadológico presentes em várias igrejas e, com base no ressuscitado que se dá a si mesmo ao Pai e a nós na ceia cristã para a salvação de todos, são descritas as espiritualidades vividas nas comunidades que dão base à teologia da gratuidade e alteridade florescente em Pelotas. Constata-se que a sustentabilidade nas Comunidades Eclesiais de Base no Fragata, a partir do seu dízimo celebrado liturgicamente, autônomo e solidário, com suas implicações nas comunidades, e seus gestos solidários internos e externos, é possível e necessário, prática e teologicamente.

**Palavras-chave:** Dízimo. Sustentabilidade. Comunidades Eclesiais de Base.



## **ABSTRACT**

The research has as its theme the Christian tithe in the perspective of the sustainability of CEBs in the Fragata neighborhood, in Pelotas / RS, at the service of the mission given by God. It seeks to answer the questions: would the fragility experienced by these peripheral communities manage with tithing to become a binding force, generating unity, being formative and triggering a process of supportive solidarity among themselves and even outside of themselves? Would it be able to qualify the community for some partnership with civil and religious entities benefiting teenagers, youth, adults and the elderly in some way in their lives? Could this experience of tithing, which has theological understandings and underlying spiritualities, become an example and someday reach a corresponding theology with a view of gratuity and otherness? To this end, the research aims to reflect on sustainability in the Ecclesial Base Communities in the Fragata neighborhood, based on its tithing celebrated liturgically, autonomously and in solidarity with its implications in the communities, and its internal and external solidarity gestures. Through bibliographic research, documents from CEBs in the Fragata neighborhood, Pelotas / RS, and participant observation, the research is developed in three chapters. The first two chapters are ethnographic supported by primary documentary research, seeking a respectful relationship with sources and participant observation. In the first, there are unsustainable communities that organize a collective effort in the homes of Catholics and invite participation in the Christian faith community by sharing their tithing. In the second, the impacts on the relations between communities that invest in their members, help each other and with a spirit of solidarity open partnerships with the surroundings and in solidarity beyond themselves are reported, giving a new face to them. Finally, through the argument that theology is reflection, a critical attitude, theology is a second act, biblical, theological and liturgical foundations are launched, questioning theologies of a marketing nature present in several churches and, based on the resurrected who gives himself to the Father and to us in the Christian supper for the salvation of all, the spiritualities experienced in the communities that underpin the theology of gratuity and otherness flourishing in Pelotas are described. It appears that sustainability in the Ecclesial Base Communities in Fragata, from its tithing celebrated liturgically, autonomously and solidary, with its implications in the communities, and its internal and external solidarity gestures, is possible and necessary, practically and theologically.

**Keywords:** Tithing. Sustainability. Base Ecclesial Communities.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 NARRATIVA DO DÍZIMO DAS CEBs NO FRAGATA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 DIFICULDADE REQUER NOVO CAMINHO.....</b>	<b>25</b>
2.1.1 Agentes de pastoral partilham caminhada.....	26
2.1.2 Comunidades em assembleia .....	27
2.1.3 Troca de agente pastoral .....	28
<b>2.2 “NOITES DE AQUECIMENTO” .....</b>	<b>29</b>
2.2.1 Gandi visita paróquias em Pelotas.....	30
2.2.2 Gandi atua na primeira Noite de Aquecimento.....	30
2.2.3 Lideranças decidiram encaminhamentos em torno do dízimo.....	33
<b>2.3 UMA NOVA PASTORAL DO DÍZIMO .....</b>	<b>35</b>
2.3.1 Criação da Coordenação da Pastoral do Dízimo.....	36
2.3.2 Funções da Coordenação da Pastoral do Dízimo .....	36
2.3.3 Conselho Pastoral das Comunidades aprovou a Coordenação .....	39
<b>2.4 MISSIONÁRIOS EM CONTATO COM MATERIAL DISPONÍVEL .....</b>	<b>41</b>
2.4.1 Coordenação da Pastoral do Dízimo em contato com o material.....	41
2.4.2 Missionários (as) estudaram o material da missão .....	42
2.4.3 Perguntas comuns sobre o dízimo .....	44
<b>2.5 COMUNIDADES EM MISSÃO .....</b>	<b>46</b>
2.5.1 Envio dos (as) missionários (as).....	46
2.5.2 Retorno dos (as) missionários (as).....	49
2.5.3 A comunidade acolheu e rezou com os (as) dizimistas .....	50
<b>2.6 UNIDADE NAS COMUNIDADES.....</b>	<b>52</b>
2.6.1 A Primeira abertura dos envelopes .....	52
2.6.2 Prestação de contas do dízimo.....	54
2.6.3 Decisão da Pastoral do Dízimo em reunião.....	55
<b>3 MUDANÇA NO ROSTO DAS COMUNIDADES .....</b>	<b>59</b>
<b>3.1 O DÍZIMO UNIU AS PESSOAS EM CONFRATERNIZAÇÃO .....</b>	<b>59</b>
3.1.1 Festa das Comunidades.....	60
3.1.2 Confraternização dos missionários e dizimistas.....	61
3.1.3 Festa junina .....	63
<b>3.2 O DÍZIMO VIABILIZOU QUALIFICAÇÃO DE LIDERANÇAS .....</b>	<b>65</b>
3.2.1 Formação via Jornal Correio Riograndense.....	66
3.2.2 Formação nos Conselhos Comunitários de Pastoral.....	67
3.2.3 Formação conforme as necessidades locais.....	69
3.2.4 Formação teológica assessorada pela ESTEF .....	70
<b>3.3 O DÍZIMO PROPORCIONA AJUDA MUTUA ENTRE AS COMUNIDADES..</b>	<b>73</b>
3.3.1 Doações para compra de terreno em vila humilde.....	73
3.3.2 Doações auxiliam comunidades e Santuário de Guadalupe .....	74
3.3.3 Empréstimo da Arquidiocese e dízimo doado melhoraram o patrimônio.....	76
3.3.4 Comunidades doam e emprestam à Comunidade São José .....	79

<b>3.4 O DÍZIMO PERMITE PARCERIAS COM ENTIDADES.....</b>	<b>80</b>
3.4.1 Parceria com SINDIVEST e entidades evidencia área têxtil.....	81
3.4.2 Parceria com entidades cria Sala Digital.....	82
3.4.3 Frutos da Sala digital .....	85
<b>3.5 O DÍZIMO DESPERTA SOLIDARIEDADE .....</b>	<b>88</b>
3.5.1 Solidariedade na Saúde .....	88
3.5.2 Solidariedade com os jovens.....	91
3.5.3 Solidariedade nos Encontros de CEBs .....	92
3.5.4 Solidariedade com outros locais.....	95
<b>3.6 O DÍZIMO PROVOCA UM PROJETO ARQUIDIOCESANO .....</b>	<b>96</b>
3.6.1 Missionário Gandi visita paróquias pelotenses .....	96
3.6.2 Missões Diocesanas descobrem o dízimo fragatense .....	97
3.6.3 Assembleias Diocesanas assumem a Pastoral do Dízimo.....	98
<b>4 SUSTENTABILIDADE, MISSÃO E TEOLOGIA.....</b>	<b>103</b>
<b>4.1 SUSTENTABILIDADE A SERVIÇO DA MISSÃO .....</b>	<b>104</b>
4.1.1 Conselho é responsável pela sustentabilidade.....	105
4.1.2 Conceito de Sustentabilidade .....	109
4.1.3 Fundamentação Teológica.....	110
<b>4.2 SENTIDOS DO DÍZIMO .....</b>	<b>114</b>
4.2.1 Visão breve do dízimo nos patriarcas.....	115
4.2.2 Visão breve do dízimo em Moises e na lei.....	116
4.2.3 Visão breve do dízimo nos profetas.....	116
4.2.4 Visão breve nos Evangelhos e primeiras comunidades.....	117
<b>4.3 PALAVRA DA IGREJA CATÓLICA SOBRE O DÍZIMO.....</b>	<b>118</b>
4.3.1 Ensino geral .....	118
4.3.2 Orientações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.....	119
4.3.3 Dízimo no Diretório Diocesano de Pelotas ano 2000.....	120
<b>4.4 TEOLOGIAS SUSPEITAS APRESENTAM-SE COMO CRISTÃS.....</b>	<b>124</b>
4.4.1 Teologia da Prosperidade .....	125
4.4.2 Teologia do Interesse.....	129
4.4.3 Teologia do Acúmulo.....	130
4.4.4 Teologia da Miséria.....	133
<b>4.5 CEIA.....</b>	<b>136</b>
4.5.1 Ceia como festa da Páscoa .....	136
4.5.2 Festa dos ázimos e profecia .....	137
4.5.3 Ceia de Jesus.....	139
<b>4.6 ESPIRITUALIDADES NASCIDAS DA CEIA DE CRISTO.....</b>	<b>142</b>
4.6.1 Espiritualidade Eucarística .....	143
4.6.2 Espiritualidade da Oferenda.....	144
4.6.3 Espiritualidade da Partilha.....	146
4.6.4 Espiritualidade missionária.....	148
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>163</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A motivação da presente pesquisa parte das experiências vividas por um grupo de Agentes Pastorais Capuchinhos presentes nos municípios de Pelotas, Rio Grande, Bagé e São José do Norte, Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul, no qual este autor participava ativamente. Em um destes encontros no ano de 2004, os freis pelotenses deixaram clara uma certa preocupação das CEBs situadas no Bairro Fragata que então viviam dificuldades de sustentabilidade. Na oportunidade, os nortenses compartilharam uma situação análoga vivida em suas comunidades e que no passado recente conseguiram um excelente resultado organizativo com a Pastoral do Dízimo nas comunidades que formam a Paróquia São José, naquele município. Uma vez conhecida a dinâmica interna desta experiência tão positiva, foi mencionada como proposta para ser levada e discutida pelas Comunidades no Fragata. Estas, localizadas em meio popular, em seus espaços próprios de diálogo e decisão acolheram esta possibilidade como luz diante da sua fragilidade vivenciada. Aprovaram e concretizaram a proposta.

Muitas outras comunidades da região sul dirigiram convites às Comunidades do Fragata com o objetivo de ouvir e conhecer a forma organizativa realizada no dízimo com a finalidade de animar e despertar nelas esta Pastoral. Tornou-se um testemunho conhecido e acolhido. Muitas pessoas diziam que isto deveria ser um assunto da Igreja em Assembleia Diocesana, o que ganhou corpo ao longo dos anos e produziu novos frutos. Esta temática foi valorizada na troca de experiências pastorais em encontros anuais no conjunto maior dos Pastoralistas Capuchinhos.

Conhecedores do êxito alcançado em duas paróquias, a saber, a que se localiza em São José do Norte e a localizada no Bairro Fragata em Pelotas, a Coordenação dos Freis Capuchinhos fez um desafio este autor. O pedido foi a dedicação e aprofundamento na temática da sustentabilidade da Igreja através do dízimo. A intencionalidade desta ação foi a de que as comunidades acompanhadas pelos Capuchinhos pudessem desfrutar posteriormente deste aprendizado. Isto nos locais onde os frades atuam pastoralmente e demonstrem uma abertura para, de alguma forma trabalhar esta temática. A proposta de pesquisa foi abraçada como uma missão.

Vários caminhos seriam possíveis para realizar esta investigação. Um deles seria fazer um questionário com perguntas pré-estabelecidas para um determinado número de entrevistados e depois fazer um entabulamento tendo em mãos os dados quantitativos e qualitativos para que a pesquisa chegasse a um certo resultado. Outra vereda ventilada poderia apontar para uma análise dos dados existentes na secretaria da Paróquia São José. Seria algo muito fácil de realizar. Ali encontra-se registrado e arquivado vasto material identificado separadamente por comunidade somando um conjunto de vinte e quatro comunidades com a quantidade de envelopes que representam pessoas e respectivos valores arrecadados. Estes dados iniciaram no mês de maio de 2005 até o momento final desta pesquisa. Todos estes dados estão arquivados na secretaria das comunidades. Isto poderia ser interessante, já com todos os dados necessários em mãos.

O olhar local da Pastoral do Dízimo não é economicista. Nesta prática pastoral nunca foi citada cifras, quantidade dinheiro. Isto somente apareceu na prestação de contas, pois, este não é o objetivo primeiro desta Pastoral. Um dos desafios desta pastoral é a participação do (a) católico (a) na comunidade com os seus posteriores desdobramentos.

O autor imaginou que se tratasse de uma temática já esculpida por muitos. Assim, bastaria fazer uma busca aprofundada na literatura existente em bibliotecas ou onde ela pudesse ser encontrada. Deparou-se rapidamente com uma certa escassez de materiais disponíveis. Encontrou três investigações. A primeira é tese doutoral de Carolina Gual da Silva onde trata historicamente o dízimo nas suas origens até a Idade Média. Uma segunda é dissertação de mestrado na autoria de Eduardo Staúder sobre o dízimo como prática comunitária e solidária numa leitura histórico-crítica em Dt 14,22-29. A terceira trata-se do Documento de Estudos número 8 apresentado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Este, fala que nas décadas de 50 e 60 o dízimo constituiu debate dos presbíteros tornando-se temática nas assembleias dos bispos entre 1969 e 1975. Este diálogo indicou uma organização do dízimo nas comunidades católicas e dioceses brasileiras.

Estes estudos versaram aspectos do dízimo na bíblia, na história, na sociologia, pressupostos e interrogações pastorais. Socializou algumas experiências e indicou que fosse uma opção diocesana. Os demais escritos basearam-se em

aspectos deste último estudo numa linha de incentivo, sugestões, testemunhos oferecendo caminho para a organização do dízimo.

No Brasil, há dois Institutos formados por homens casados que se empenham no incentivo do dízimo. Um deles é o “Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades”, (MEAC), criado por Antoninho Tatto. Este, é um senhor casado, inicialmente com ideia contrária ao dízimo na Igreja e nos anos 80 deparou-se com a pobreza da Igreja. Mudou suas ideias e atitudes e passou ao seu incentivo. Criou uma equipe de missionários que atende todo o Brasil. O outro instituto é o “Prodízimo”. Foi criado por Joel Valentim, cuja Pastoral do Dízimo no Fragateira foi incentivada por Gandi Ferreira, um dos missionários ligados a este Instituto. É deste que nos valemos da missionariedade e do material disponibilizado para a organização desta pastoral. O “Prodízimo” mudou o seu nome para “Pro-Idé”. Vários outros autores têm obras escritas, como Dom José Maria Maimone, Dom Edson Oriolo, Padre Jerônimo Gasques (com vários livros), Edmundo de Lima Calvo, Artur Jorge, Enio Felipin entre outros tantos. Em comum entre todos estes é a não adoção de linhas fundamentalistas fixadas na porcentagem (10%). Grande parte destes materiais estão redigidos em poucas páginas com incidência repetitiva nos seus aspectos e assuntos debatidos mostrando um futuro pouco promissor. Um autor que destoa e é muito seguido nas Igrejas pentecostais, neopentecostais ou pós-pentecostais é Edir Macedo com a sua “Teologia da Prosperidade”, na qual, o dinheiro é um deus.

Diante de tudo isto, a perspicácia e reflexões do orientador propôs nova perspectiva com esta pergunta: “essa história que você conta, não tem lá alguma coisa que a registre? Poderia ser algum papel que comprove a autenticidade deste trabalho todo. Não seja invenção da tua parte, mas que exista um fundamento nisto tudo?” Resposta afirmativa. Este questionamento provocou um caminho desafiante que tornou este autor um apaixonado pelo rumo tomado na pesquisa. Resolvemos com o orientador que a pesquisa seria bibliográfica documental primária e observação participante, o que supôs não fazer nenhuma pergunta a ninguém. Isto viabilizou a pesquisa a ser realizada sem a necessidade de pedir liberação à mesa Brasil.

Retornando<sup>1</sup> a Pelotas, o pesquisador surpreendeu-se pela existência de vastos materiais guardados pela Coordenação da Pastoral do Dízimo. Nos arquivos

---

<sup>1</sup> Para encurtar a distância entre residência e local de estudos, mudei de endereço saindo de Pelotas para Caxias do Sul. Assim, Pelotas e São Leopoldo tem 287 Km, ao passo que Caxias do Sul e São

da Paróquia São José, nas Atas dos Conselhos de Pastoral a nível comunitário e paroquial, no Livro Tombo da Paroquia São José. Muitos membros das comunidades trouxeram materiais que ainda guardavam em suas casas e disponibilizaram com o desejo que pudessem servir para alguma coisa. Guardava no meu acervo pessoal uma certa quantidade de documentos dos trabalhos realizados e que foram acrescidos com os existentes na Arquidiocese de Pelotas. Isto facilitou esta pesquisa. Havia uma enorme riqueza documental primária existente no Fragata, Pelotas. Guardava memória recente da observação participante.

Este trabalho investiga nos campos da pesquisa bibliográfica primária e na observação participante a sustentabilidade das Comunidades Eclesiais de Base, CEBs, que formam a Paróquia São José Operário, na Diocese de Pelotas no Fragata<sup>2</sup>, da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Investiga como tais comunidades deram conta do dízimo para sair da situação de não sustentabilidade para a sustentabilidade ocorrida entre 2005 e 2017. No campo prático da pesquisa a prática da vida foi o ato primeiro e no campo teórico está o fazer teológico, o ato segundo. O conceito da sustentabilidade, trazido da área ambiental para o campo institucional, para a presente pesquisa, é revestido com bases bíblicas e teológicas. A pesquisa prática e a teórica conduzem esta investigação confirmando a sua hipótese.

O problema da sustentabilidade das Comunidades Eclesiais de Base, no Fragata, buscou resposta no dízimo. Poderia transformar a fragilidade comunitária em força formativa humana, bíblica, litúrgica, beneficiando os pobres no contexto da pobreza, enxergando a necessidade do outro, superando a mercantilização capitalista do próprio dízimo? Isto poderia servir de exemplo para que outras pessoas se animem a buscar este caminho construindo teologia?

No caso desta pesquisa, o escopo principal é dízimo: a sustentabilidade das Comunidades Eclesiais de Base no Fragata poderia responder de tal forma que se tornem autônomas e solidárias interna e externamente, superando a visão capitalista mercadológica do dízimo a tal ponto de fermentar uma diocese toda e florescer uma

---

Leopoldo são apenas 93 Km. Diminuiu significativamente a distância e o tempo da locomoção para os estudos.

<sup>2</sup> Fragata é um dos vários bairros da cidade de Pelotas, RS, localizada a 250 quilômetros de Porto Alegre e 60 quilômetros de Rio Grande, sendo esta uma cidade portuária. Em meados dos anos 80 ocorre desmembramento da Rede de Comunidades São José Operário em duas gerando uma coincidência geográfica entre Bairro Fragata e estas comunidades.

teologia que fundamente o dízimo numa visão de gratuidade e alteridade? O livro Conselhos de Pastoral em construção aprofundado pelas lideranças permitiu uma excelente oxigenação onde as capacidades e motivações despertaram para um olhar de serviço à comunidade inspirado por Jesus Cristo no lava-pés. Isto deu um novo sentido à existência desta ferramenta que refletiu de forma conjunta os passos realizados e suas consequências não como fruto do acaso, mas como resposta às necessidades a partir das sugestões, do diálogo, da oração, na busca do verdadeiro sentido do dinheiro na comunidade. Este foi percebido não como acúmulo, mas, colocado a serviço da missão de Deus confiada à Igreja, entendida como todas as pessoas batizadas.

Pergunto-me enquanto problema desta investigação: a fragilidade vivida por estas comunidades periféricas conseguiria com o dízimo tornar-se força aglutinadora, gerando unidade, sendo formativa e desencadeando um processo de ajuda solidária entre si e mesmo para fora delas? Poderia gabaritar a comunidade para alguma parceria com entidades civis e religiosas beneficiando adolescentes, jovens, adultos e idosos de alguma forma em suas vidas? Esta vivência do dízimo que tem compreensões teológicas e espiritualidades subjacentes poderiam tornar-se um exemplo e alcançar algum dia uma teologia correspondente com olhar de gratuidade e alteridade?

O objetivo desta investigação é: a sustentabilidade nas Comunidades Eclesiais de Base no Fragata, a partir do seu dízimo celebrado liturgicamente, autônomo e solidário com suas implicações nas comunidades, e seus gestos solidários internos e externos. Percebido por outras comunidades cristãs poderiam acolhê-lo como exemplo e a partir das compreensões teológicas existentes produzir uma teologia que o fundamente? Especificamente pretendo: pesquisar na bibliografia primária e observação participante os passos organizativos da Pastoral do Dízimo com a ação missionária de visita às casas e convite a participar da Celebração da Palavra e da Ceia Eucarística na comunidade. Isto leva a uma partilha à mesa do pobre. Abre a possibilidade de tornar-se dizimista na sua continuidade. Descrever a fé do povo no âmbito comunitário como seus ritos, orações, gestos do dízimo, afastando a visão capitalista mercadológica fundamentando teologicamente com olhar solidário vivido em várias áreas. A integração comunitária em momentos de confraternização, o resgate de festas juninas no ambiente de convivência.

Compreender a nova realidade do dízimo local que permitiu fazer parcerias com entidades religiosas e civis trouxe benefícios para adolescentes, jovens, adultos e idosos. Gerou marcas solidárias e cidadãs.

O ineditismo desta presente pesquisa está na construção de duas etnografias embasadas em documentos primários destas comunidades e observação participante com o nome: dízimo: sustentabilidade das CEBs no Fragata. Ele tem como lugar não mais a cobrança nas casas, nem a entrega na secretaria paroquial ou em algum espaço reservado na igreja para isto. Ela ocorre na celebração litúrgica, rezado e dado junto à preparação da ceia, aos pés do altar do Senhor com espírito de reconhecimento que tudo vem de Deus e a Ele pertence. Por isto, como gratidão, fé e partilha, damos a Deus um pouco do que Deus nos deu. Fazemos isto conforme o tamanho do nosso coração e recebemos a benção sobre o nosso trabalho que gerou este fruto e o gesto realizado na partilha.

Acrescentamos a este ineditismo a originalidade da criação, em Pelotas, da Teologia da Gratuidade e Alteridade que combate quatro teologias ditas errôneas, a saber: da prosperidade, do interesse, do acúmulo e da miséria. Substitui estas quatro teologias combatidas por quatro espiritualidades existentes na ceia de Cristo e da comunidade: Eucarística, da oferenda, da partilha e missionária que fundamentam esta nova teologia nascida.

Sendo assim, além desta introdução, essa dissertação concentra-se em mais três capítulos e a conclusão. O segundo capítulo é uma etnografia que relata a caminhada organizativa da Pastoral do Dízimo. É narrada a sustentabilidade em detalhes com todos os seus passos realizados desde a decisão em organizar a Pastoral do Dízimo e finalizado no momento em que se encontra consolidado em todas as comunidades. O terceiro capítulo é uma segunda etnografia que relata a realidade do dízimo com as suas implicações posteriores dando rosto novo às comunidades. A sustentabilidade das comunidades com o suporte do dízimo revela que não se fundamenta no espírito monetário em si, mas tem autêntica e profunda postura cristã onde se coloca a serviço da missão da Igreja.

Assim, no quarto capítulo com o conhecido argumento trabalhado por Juan Luís Segundo, buscado em Gustavo Gutierrez, “a prática vem antes, a teologia vem depois”. Assim, neste capítulo trazemos conceitos e autores utilizados para trabalhar as etnografias e a observação participante. A Igreja situada no Vaticano II busca um

novo modo de mesmo ser. Incentivou os conselhos pastorais em todos os níveis. O conceito da sustentabilidade vindo do campo ambiental entrou no campo institucional. O conceito de sustentabilidade, a missão da Igreja, a teologia, a palavra da Igreja sobre o dízimo, as teologias sob suspeição e as espiritualidades que nascem da Ceia Pascal de Jesus, base da teologia nascida em Pelotas, que tem por nome Teologia da Gratuidade e Alteridade. Na conclusão trago um possível cenário da sustentabilidade da Igreja a serviço da missão. Trabalho que revela sua ancoragem na Ceia, Morte e Ressurreição de Jesus que disse: fazei isto sempre em memória de mim, e, envia: ide a todos os povos, fazei discípulos batizando-os e ensinando-os o que vos mandei.

As fontes documentais primárias originais encontram-se agrupadas de duas formas. Primeiro são os livros Tombo da Paróquia São José, Livro dos Cursos da Paróquia São José, e os livros Atas do Conselho Paroquial de Pastoral da Paróquia São José. No nível das comunidades, que na soma do seu conjunto compõem a Paróquia São José, cada Comunidade tem os seus livros atas de seus respectivos conselhos com mais de um volume. Cada ata tem numeração e data. Para facilitar a localização de ata utilizo o número dela encontrado no livro. Caso a pessoa redatora da ata tenha entendido vários encontros como um conjunto só, formando nele uma só ata, e acrescentado cada dia, neste caso, acrescento a data logo após o número da ata. A segunda forma de agrupamento é a dos documentos primários formados por materiais menores com poucas folhas como ofícios, comunicações, boletins, liturgias, pequenos polígrafos de orientações, os materiais disponibilizados pela Prodízimo, e outros. Todo este conjunto de documentos originais encontra-se na secretaria da Paróquia São José, incluindo alguns livros atas das comunidades. Além dos originais, está à disposição uma pasta com cópia em papel de todos os documentos primários citados. Todos estes documentos estão escaneados e encontram-se em formato PDF na secretaria da Paróquia São José.<sup>3</sup> Naturalmente, algumas comunidades guardam seus livros atas na própria comunidade e, respectivamente, com o (a) secretário (a) do conselho aqueles que estão em uso.

---

<sup>3</sup> Situada à Avenida Duque de Caxias, 520, Fragata, Pelotas, RS, Brasil. Cep: 96030-002. E-mail: saojosefraga@gmail.com. (53) 3221-1201. Também estão disponíveis em: <https://drive.google.com/file/d/1kqlUHuBXSo7TbIFQ3ljnS40qy2cTbvk2/view?usp=sharin>.



## 2 NARRATIVA DO DÍZIMO DAS CEBS NO FRAGATA

Dízimo na Igreja Católica vem de longa data. Aliás, encontramos formas rudimentares de uma espécie de prática sacrificial muito antes que uma parcela da humanidade se identificasse sequer como cristã. Temos na bíblia cristã, gestos exemplares ou não, de uma busca para agradar a Deus. Isto numa visão agradecida ou como pedido para receber as suas graças. A favorabilidade divina para a vida dos animais domésticos ou dos frutos da terra que acabaria por alimentar ou vestir. Inclusive a casa aos seres humanos. Com o evento Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição, Ele próprio passa a ser a mediação entre Deus e os seres humanos. Seu testemunho suscitou seguimento a Deus. Brotou um novo sentido de viver. Surgiu a vida comunitária com partilha de bens entre irmãos. Transcorridos dois milênios, uma parte dos cristãos busca a sustentabilidade a partir do dízimo a serviço da missão que foi confiada por Jesus e vivenciada na fé e no serviço aos irmãos, em comunidade.

### 2.1 DIFICULDADE REQUER NOVO CAMINHO

Esta narrativa parte das dificuldades vividas e mostram o caminho que foi percorrido pelos membros das Comunidades Eclesiais de Base no Fragata. Elas viviam suas dificuldades que foram partilhadas no ano de 2004 em São José do Norte durante um encontro de freis<sup>4</sup> pastoralistas, na sua maioria párocos<sup>5</sup> e vigários paroquiais. Esta reunião tinha como finalidade socializar experiências e o estímulo mútuo no trabalho pastoral. Naquele dia ocorreu o estudo de textos que aprofundaram alguma temática pertinente. Entre os vários membros desta reunião é importante destacar um membro presente na reunião, pároco em Pelotas: “compareceu o Rvmo. Fr. Ademir Benetti, que tomou posse da Paróquia São José da cidade de Pelotas, cumprindo o ritual prescrito.”<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Frei é um termo que significa irmão. Na Igreja Católica Apostólica Romana existem várias formas de viver a vida. Uma delas é a chamada vida religiosa. São Francisco de Assis pediu e recebeu aprovação papal para viver esta forma de vida religiosa como vocação. Seus seguidores são nomeados freis. A vocação primeira é ser Frei. Tem a possibilidade de tornar-se presbítero ou não.

<sup>5</sup> Pároco é o termo atribuído ao pastor próprio da paróquia a ele confiada. A comunidade está aos seus cuidados sob a autoridade do bispo e em cujo ministério de Cristo é chamado a colaborar na missão que é a de Cristo junto aos fiéis, tendo o auxílio, se houver, de presbíteros, diáconos ou ministros (as) conforme o direito da Igreja Católica.

<sup>6</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Pelotas. **Tombo**. 1943. v. 1. p. 192

### 2.1.1 Agentes de pastoral partilham caminhada

Na partilha das dificuldades vividas pelas comunidades, este frei expressou a situação delicada na sustentabilidade das mesmas. As comunidades estavam sem dinheiro, sofrendo para manter suas contas de água, energia elétrica e outros compromissos elementares de toda comunidade. Ademir comentou que foram realizadas festas ao final de cada ano com participação de membros de todas as comunidades. O resultado financeiro foi para a paróquia, mas, assim mesmo, revela-se um caminho não suficiente. Recorreu à única comunidade que tem algo em caixa, São Pedro: “participantes do conselho da Paróquia São José vieram relatar que a situação financeira da Paróquia está muito difícil, por isso pediram um empréstimo para a São Pedro. Foi cedido 1.500,00 reais e será acertado na próxima reunião a forma de pagamento.”<sup>7</sup> No Diretório da Diocese de Pelotas encontra-se algo que orienta esta possibilidade: “Em casos de necessidade, para a manutenção dos serviços essenciais da Paróquia, o Conselho Paroquial de Pastoral poderá solicitar auxílio financeiro ‘extra’ da comunidade que dispõe de recursos.”<sup>8</sup> O fato de estar previsto nas orientações da Diocese, passamos a ter clareza de que tal situação já foi vivida, dialogada, debatida por tantos outros, em espaços próprios, de forma que apareceu como uma possível solução em momentos mais desconfortáveis. Este apontamento revelou que esta situação não se trata de um privilégio do Fragata mas encontra-se presente em outras Comunidades ou Paróquias da Diocese. Fr. Ademir registrou ser esta uma constante de vários anos. “É do conhecimento de todos que no final de ano precisamos da ajuda de cada comunidade para poder cobrir os gastos necessários.”<sup>9</sup> A reflexão sobre a pastoral do dízimo mostra ser ele um forte pilar da sustentabilidade nas comunidades de São José do Norte. Talvez poderia tornar-se um bom caminho para o Fragata superar estes momentos difíceis.

---

<sup>7</sup> COMUNIDADE SÃO PEDRO. **Atas do Conselho Pastoral da Comunidade São Pedro**. 2002. v. 2. p. 6.

<sup>8</sup> DIOCESE DE PELOTAS. **Diretório para Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base**. Pelotas: UFPel, 2000. p. 13.

<sup>9</sup> BENETTI, Ademir. **Contribuição para a Paróquia**. Pelotas, 2002. [n.p].

## 2.1.2 Comunidades em assembleia

As comunidades encontram-se dentro desta composição de Igreja em Pelotas: “A Diocese de Pelotas organiza-se em paróquias, e cada paróquia, por sua vez, é formada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).”<sup>10</sup> Este mesmo documento construído na diocese pelotense, aparece junto à natureza e objetivos, a definição dada às paróquias: “A Paróquia é uma rede de comunidades, formada pelo conjunto das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), inclusive da comunidade que se reúne na Matriz. É o centro de coordenação e animação das comunidades e grupos: pastorais, movimentos associações [...] (DP 644).”<sup>11</sup>

Dom Jayme Chemello<sup>12</sup> é um bispo muito presente no cotidiano do seu povo. Agostini mostra muito bem esta proximidade dando um bom estímulo e amplo apoio na sua apresentação das comunidades, quando escreve: “Pode-se dizer que as CEBs no Fragata e na diocese são o fruto mais importante da atuação de D. Jayme.”<sup>13</sup> Salientamos que a Igreja define neste mesmo documento seu espaço mais próximo às famílias, que é a Comunidade Eclesial de Base:

A CEB é a menor parcela do povo de Deus, Comunidade de Fé, esperança e caridade em que cresce: a) a experiência das relações interpessoais de fé, b) o aprofundamento da palavra de Deus, c) a participação na eucaristia, d) a comunhão com os pastores da Igreja, e) o compromisso com a justiça (DP 640; At 2,42).<sup>14</sup>

Dom Jaime se fez presente no momento celebrativo da Comunidade São José que no final de 2004 reuniu os membros das demais comunidades. “Após o término da missa, foi empossada a nova coordenação paroquial e teve início a assembleia paroquial. Tomando a palavra, D. Jaime explicou ao plenário o motivo da presença do Bispo nas assembleias das paróquias.”<sup>15</sup> Neste contexto da Assembleia ocorre a visita do pastor junto ao povo reunido e que foi a ele confiado. Durante o diálogo e a temática

<sup>10</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 4.

<sup>11</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 5.

<sup>12</sup> Dom Jayme Chemello. Nasceu aos 28 de julho de 1932 em São Marcos, RS. Em 4 de novembro de 1977 assumiu a diocese pelotense. Participou em Puebla e registra contribuição no eixo teológico-pastoral na perspectiva de comunhão e participação em toda a ação evangelizadora. Coordenou departamentos na CNBB e no CELAM. Em 1994 foi eleito vice-presidente da CNBB e assumiu presidência em 1998. Em 1999 foi eleito presidente da CNBB até 2002. De 2005 a 2011 presidiu a Comissão Episcopal para a Amazonia. Em 2005 foi nomeado presidente da Comissão que preparou a 5ª Conferência Episcopal Latino-americana de Aparecida.

<sup>13</sup> AGOSTINI, 2011. p. 119.

<sup>14</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 5.

<sup>15</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Atas do Conselho de Pastoral Paroquial. 2004. Ata n. 117. v. 2. p. 1.

que lhe era própria, registrou a Ata desta Assembleia Comunitária: “dando sequência, Frei Ademir alertou um pouco a questão do dízimo e que no próximo mês de março teremos a visita de um pregador – Gandi – vai tentar dar um novo impulso ao dízimo.”<sup>16</sup> Naquele momento da assembleia, Fr. Ademir adquiriu o aval da mesma para fazer contatos com o Gandi, o que passou a ser um tema para aprofundamento no início do ano seguinte. Certo é que este encaminhamento prático com o missionário do dízimo, concretizou-se tendo sua confirmação na reunião da Coordenação do Conselho Paroquial de Pastoral: “Ficou acertado que as ‘noites de aquecimento’ serão nos dias 9, 10 e 11 de março com a presença, na primeira noite, do Gandi.”<sup>17</sup>

### 2.1.3 Troca de agente pastoral

Por coincidência houve uma troca de responsáveis no ano de 2005: “Aos vinte e sete dias de fevereiro de 2005, [...], Frei Natalino Fioroti, assumiu a Paróquia São José na função de Pároco, em substituição a Frei Ademir Benetti que atuou até presente data.”<sup>18</sup> O mundo deu as suas voltas e pregou a sua peça. Aquilo que fora uma simples sugestão dada a um colega de ministério nas comunidades passou a ser agora missão deste autor. Havia uma desvantagem e uma vantagem. O que depunha em desfavor foi o desafio de chegar na terceira maior cidade do Rio Grande do Sul, no Bairro Fragata e assumir o acompanhamento das suas comunidades sem conhecer ninguém do seu povo, muito menos a localização de qualquer uma delas com um agravante: a responsabilidade de organizar a Pastoral do Dízimo. O ponto favorável foi o fato de a presença capuchinha naquele bairro tinha dupla finalidade: espaço pastoral e formativo. Seus membros tinham a clareza de comporem uma fraternidade formativa e missionária, onde, além das tarefas inerentes aos estudos filosóficos, também tem colaboração pastoral. Foi uma vantagem o fato de conhecer Gandi Ferreira<sup>19</sup> desde São José do Norte, onde havia já organizado uma Pastoral do

---

<sup>16</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, *Atas do Conselho de Pastoral Paroquial*, Ata n. 117, Pelotas, 2004. p. 2. v. 2.

<sup>17</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 118, 2004, p. 3.

<sup>18</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, 1943, p. 195, v. 1.

<sup>19</sup> FERREIRA, Gandi. Nasceu em Taubaté, Paraíba. Firmou residência em Pindamonhangaba, São Paulo. Viveu os últimos 26 anos de vida como missionário da Prodízimo, hoje, Pro-Ide. Percorreu inúmeras comunidades e paróquias. Testemunhava ser esposo e pai de uma família missionária. Dividia seu tempo desta forma: três semanas em missão e uma semana em casa com a esposa e filhas, sempre apoiado por elas. Missionário no Fragata. Autor do livro: “Dízimo: Fonte de Graças Comunhão com Deus” editado em 2005. Faleceu em 2008.

Dízimo naquelas comunidades em realidade rural e urbana. Eram já familiares as suas valiosas orientações lá adquiridas. Bela experiência já vivida.

Pelotas era nova para este autor: terra, comunidades, pessoas, desafios. Precisei ambientar-me, entrosar-me. Com o passar dos dias, constatei a veracidade do que Fr. Ademir partilhou sobre a situação financeira das comunidades. Houve quem se preocupou, dialogou e se disponibilizou em regularizar a documentação das obras existentes, incluindo a própria Igreja Matriz: “Dona Helena, contadora, nos passou xérox do GPS da Previdência Social. Pagou de seu dinheiro R\$ 4.421,64 como empréstimo para regularizar obra com área de 627,08 m<sup>2</sup>. ”<sup>20</sup> Ajustada a questão previdenciária foi encaminhada a certidão para a averbação da obra de construção civil do dito imóvel junto às repartições públicas próprias para este fim. Foram corrigidas questões pendentes, mas ainda era necessária a unidade e compreensão dos membros das comunidades no sentido de regularizar as edificações comunitárias. Natural à convivência humana organizada num espaço urbano.

## 2.2 “NOITES DE AQUECIMENTO”

As “Noites de Aquecimento” nasceram no Fragata para conhecer e estudar o texto da Campanha da Fraternidade.<sup>21</sup> Segundo Accelino, “Frei Protásio também preocupado no deslanchar da caminhada no início de cada ano chamou para estes dias, de início da quaresma, em Semana de Aquecimento. Inicialmente era cinco dias e depois passou para terça, quarta, quinta e sextas feiras.”<sup>22</sup> Mais tarde passou a acontecer em 3 noites, de quarta a sexta feira, chamadas Noites de Aquecimento. No dia oito de março chegou Gandi Ferreira, missionário da Prodízimo<sup>23</sup>. Veio de

<sup>20</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, 1943, p. 196, v. 1.

<sup>21</sup> A “Campanha da Fraternidade” nasceu no Brasil em 1964. Dentro do espírito do Concílio Vaticano II que orientou a criação de Conselhos da Igreja em todos os níveis, a CNBB elege um tema nacional para ser refletido de modo especial no período quaresmal, mas, a ser vivido durante o ano vigente. Assim, passa a ser um ponto comum que cria unidade pastoral na Igreja Católica neste país.

<sup>22</sup> AGOSTINI, 2011. p. 90.

<sup>23</sup> Prodízimo é uma entidade criada em torno de 1997. Está sediada na Vila Maria, Barra Mansa, RJ. O fundador é Joel Leal Valentim. Constituiu uma equipe com cinco membros denominados missionários da Prodízimo. Eles são homens casados, dispostos a atender pedidos de paróquias católicas em qualquer lugar do Brasil para motivar a compreensão e o desenvolvimento de uma Pastoral do Dízimo naquela comunidade de onde partiu o contato. Já o início da atuação de Joel Leal Valentim na Pastoral do Dízimo, partiu como pedido do seu pároco, enquanto membro da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Paróquia Santo Antônio, Diocese Barra do Pirai/ Volta Redonda em 1988. Com o passar do tempo a Prodízimo mudou seu nome para PRO-IDE até os dias atuais, expressando melhor a sua marca missionária. Outros membros ligados a este grupo produz um kit de materiais disponibilizados para um grande mutirão nas casas, e outros materiais.

Pindamonhangaba o que foi uma grande alegria, pois, veio para colaborar nestas noites. Foi acolhido na residência dos freis.

### **2.2.1 Gandhi visita paróquias em Pelotas**

Em dezembro de 2004, na reunião mensal dos padres que acompanham as paróquias da Região Sul da cidade de Pelotas, Fr. Ademir combinou com os mesmos sobre a vinda do Gandhi na primeira quinzena de março do ano vindouro e que trataria sobre o assunto do dízimo. Fez com eles um pré-agendamento da presença do Gandhi. Por isto, ele as visitaria com previsão de falar sobre dízimo também nelas. Aquele missionário tinha algumas informações recebidas do pároco anterior e pediu meu acompanhamento para estas visitas. A Igreja Católica, no município de Pelotas, está organizada em 13 paróquias, constituída por 70 comunidades. Nesta época a cidade era organizada em duas Regiões, a saber, Sul e Norte.

No dia 09 de março visitamos os padres destas paróquias e percebemos que em algumas faltou amarração destas com suas lideranças. Assim, firmou agenda em duas delas e as demais deu ciência aos párocos da presença e palestra que o missionário faria no Fragata e possivelmente um trabalho organizacional. Imaginamos que isto poderia gerar alguma forma de comentário entre os seus paroquianos. Nos intervalos das visitas entre as paróquias, Ferreira me relatou que há mais tempo redige um livro, já em fase adiantada, expondo a seu modo o que aprendeu e ensinou ao longo de seus anos de missionariedade. Prometeu enviar um exemplar, possivelmente no corrente ano.

### **2.2.2 Gandhi atua na primeira Noite de Aquecimento**

Iniciamos as “Noites de Aquecimento” no Fragata. O casal Jorge e Graça Guterres, em nome da Coordenação das Comunidades, saudou, acolheu e encaminhou a apresentação dos presentes por comunidade. A equipe de liturgia dinamizou a oração na qual participei: “A seguir Frei Natalino convidou a todos a rezarmos juntos o Pai Nosso. A seguir fez a apresentação do palestrante da noite, o missionário Ferreira.”<sup>24</sup> Este expressa sua alegria por ter reencontrado Fioroti em

---

<sup>24</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 08/mar./2005, p. 13. v. 2.

Pelotas. Comentou o trabalho realizado em São José do Norte, que pertence à diocese de Rio Grande. Ele passou a conversar sobre a sua própria vida. Buscou entrosamento com os presentes. Escutei-o narrar a sua primeira forma de colaborar com o dízimo na sua paróquia. Disse que no início era muito estranha e sem sentido. Fazia tempo em a Secretaria até o padre chegar. Na presença deste, dava um alto dízimo somente para aparecer, para fazer o que chamou de “média com o padre”.

Ouvi perguntarem-lhe: por que és dizimista? Ele respondeu que é por amor, gratidão, obediência e fé. Sua forma de dar o dízimo era aquela até que um dia teve uma experiência diferente com Deus e refletiu sobre o seu próprio jeito de ser. Mudou de vida e tornou-se missionário do dízimo. Lembrou a Via Sacra do Mestre: “Por ocasião da crucificação de Jesus, os guardas jogaram a sorte sobre o manto dele. Nós também muitas vezes o fazemos através de rifas, bingos em nome da Igreja.”<sup>25</sup> Perguntou se os ali presente amavam a Deus: “Tudo isso por amor a Deus, pois no primeiro mandamento nos diz que devemos amar a Deus sobre todas as coisas. Se amamos a Deus não teremos dificuldades.”<sup>26</sup> Passou a desenvolver o seu trabalho ao longo de duas horas com palestra, exemplos e muitas passagens bíblicas sobre o dízimo: “seu povo no deserto, teve fome e ele lhes mandou o maná, tiveram sede e lhes deu a água da pedra. No livro do Gn 4 e 8–20 temos todas as riquezas.”<sup>27</sup> Ouve-o falando sobre a fé. Dialogou com os participantes e deu o seu testemunho pessoal: “Eu dou meu dízimo por gratidão, eu dou meu dízimo porque sou grato a Deus por tudo aquilo que ele me deu. Somos abençoados porque temos tudo, enquanto muitos nada têm. Olha teu trabalho, olha tua família, tudo isto ele te dá, e tu o que das a ele?”<sup>28</sup>

O missionário mostrou aos presentes onde poderia ser investido o dinheiro: “O dízimo pode ser visto por três dimensões a) religiosa - manter a estrutura da Igreja. b) missionária – criar e manter pastorais. c) social – obras de caridade, ajuda aos pobres.”<sup>29</sup> No seu trabalho fez um paralelo entre o “envio dos 72 discípulos”<sup>30</sup> com os missionários que precisam ser preparados e enviados em missão de casa em casa:

<sup>25</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 09/mar./2005, p. 13. v. 2.

<sup>26</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 09/mar./2005, p. 13. v. 2.

<sup>27</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 09/mar./2005, 2004, p. 13. v. 2.

<sup>28</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 09/mar./2005, 2004, p. 14. v. 2.

<sup>29</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 09/mar./2005, 2004, p. 14. v. 2.

<sup>30</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 1949.

A paróquia será dividida em setores e todos, sem distinção serão convidados a trabalhar. Vamos fazer o que diz Lucas 10,1 'depois disso designou o Senhor ainda outros setenta e dois e os mandou dois a dois por todas as cidades e lugares.' Grande é a messe e poucos são os operários. Irão de casa em casa, entregando livros, envelopes e convidando para a missa.<sup>31</sup>

O missionário fez uma demonstração prática de como os nossos missionários poderiam realizar a visita nas casas. Exemplifica vários perfis de famílias que possivelmente poderiam encontrar em nossas comunidades. Uma família pode ser inteiramente católica. Outra pode ter a mãe ou pai de outra denominação religiosa, como evangélicos, umbandistas ou mesmo de algum outro perfil. Há os que se identificam como católicos, mas não participam na comunidade de fé. Pode-se encontrar famílias sem nenhuma religião. Para a visitação disponibiliza-se:

O material necessário para cada missionário estará em uma bolsa padronizada. Vão uma cartilha desta, cinquenta livros, cem envelopes, cem fichas, uma folha para anotar o número das casas onde o morador não foi encontrado, cinquenta folhas. Abra a tua porta, (que deve ser entregue nas casas dias antes da visita), dois crachás e duas camisas. Não vai caneta.<sup>32</sup>

Ferreira falou que o (a) visitado que se tornaria um possível dizimista, iria trazer o seu envelope aos pés do altar: "Depois todos virão à Igreja como está escrito em Dt 12,6 é aqui nesse lugar que apresentarei vossos holocaustos, vossos dízimos, vossas primícias, vossas ofertas espontâneas."<sup>33</sup> Respondeu perguntas que lhe foram dirigidas. A mais comum foi quanto deve ser dado no dízimo? Na sua resposta fez questão de não definir um valor, nem uma percentualidade. É sempre decisão de cada um. Perguntado o que é o dízimo, ele disse que, a partir da fé em Deus que lhe deu tudo, tem imensa gratidão, e por isso dá a Deus uma parte na Igreja do que vem dele de forma livre, sistemática e mensal, pois a população recebe mensalmente. Percebi a riqueza contida naquele homem forjado numa experiência de vida espetacular que foi sendo descortinada na fala fácil, dirigida com muitos fatos da vida partilhados naquela noite reservada para ouvi-lo. daquelas falas percebi ninguém é tão pobre que nada possa dar ou tão rico que não tivesse alguma coisa para receber.

---

<sup>31</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 09/mar./2005, 2004, p. 14. v. 2.

<sup>32</sup> VALENTIM, Joel Leal. **Mutirão do Dízimo**: como fazer e dar continuidade cartilha explicativa. [Rio de Janeiro: Drumond, [s. d.]. p. 6.

<sup>33</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 09/mar./ 2005, p. 14. v. 2.

### 2.2.3 Lideranças decidiram encaminhamentos em torno do dízimo

Na segunda noite de aquecimento coube-me dialogar com todos os presentes. Após refletir com todos se de fato iríamos abraçar a missão: “Dando continuidade Frei Natalino teceu alguns comentários sobre a noite anterior e aproveitou para expor como será implantada a pastoral do dízimo. Vamos nos tornar missionários.”<sup>34</sup> Alguém sugeriu a ideia de trabalhar uma comunidade como uma espécie de projeto piloto, para, depois, se desse certo, então, implantaríamos nas demais comunidades. Esta ideia obteve pouca adesão. Juntar todas as forças possíveis seria sempre o melhor caminho. Naquela noite encaminhou-se alguns passos práticos importantes como o cálculo de material necessário e firmaram-se datas importantes: “Nos dias 23 e 24 de abril haverá missas de envio nas comunidades e paróquia dos missionários que trabalharão até o dia 1º de maio, quando então haverá a missa de retorno.”<sup>35</sup>

Na terceira noite, entre muitos encaminhamentos houve a sugestão de um pequeno instrumento de comunicação: “Frei Natalino tomando uso da palavra lançou o desafio de que se produzisse um boletim informativo com notícias da Paróquia e das comunidades. Todos aprovaram e ficaram de providenciar material e notícias para que saia.”<sup>36</sup> Vários representantes comentavam as palavras ditas por Ferreira na primeira noite, no sentido de que mais pessoas poderiam ter a oportunidade de ouvi-lo falar sobre o dízimo, e que foram assim registradas pelo Secretário: “Foi perguntado à plateia se gostariam de ouvir o Gandi mais uma vez? É claro que todos foram unânimes que sim, mas quando, domingo pela manhã ou à tarde. Ficou acertado que será à tarde das 17 às 19 h.”<sup>37</sup>

Ferreira agendou uma reunião na Catedral São Francisco de Paula. Ele insistiu muito na minha presença lá, à noite. Desejava um testemunho da implantação da Pastoral do Dízimo realizado em São José do Norte: “Fiquei até 08:40 da noite no aquecimento que aprovou um boletim, entre outras coisas. Fui na Catedral. Dei meu testemunho.”<sup>38</sup> Minha percepção junto às lideranças da Catedral é a de que se

---

<sup>34</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 10/mar./2005, p. 14. v. 2.

<sup>35</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 10/ mar./ 2005, p. 15. v. 2.

<sup>36</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 11/mar./ 2005, p. 16 v. 2.

<sup>37</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 128. Dia 11/mar./2005,, 2004, p. 16 v. 2.

<sup>38</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943, p. 197.

encontrava em dificuldades de compreensão e reflexão nesta temática. Gandi acolheu o pedido de falar na São José novamente no domingo: “Gandi retornou à comunidade paroquial com palestra entre 17:00 e 19:00 horas a pedido dos participantes das noites de aquecimento. 66 pessoas de 15 comunidades participaram. Foi ótimo.”<sup>39</sup> Da quarta feira dia 09 até domingo dia 13, nas celebrações litúrgicas, sempre passei a reflexão do evangelho para o Ferreira. Ele refletia a palavra de Deus ligando-a com o dízimo em torno de dez minutos. Um fruto claríssimo destes poucos minutos da participação de Ferreira foi a pessoa do Tailerandt Nunes. Tinha perfil do católico de batismo que dificilmente colocava o pé na igreja, mas, por insistência e amizade do Francisco Victória, participou desta celebração no dia 09 de março. Ouvi dezenas de vezes o testemunho de Tailerandt dando conta que naqueles poucos minutos foi convencido pelo missionário a ser dizimista e participar da vida da comunidade. Poucos dias depois, mediante convite de Francisco integrou-se à Coordenação da Pastoral do Dízimo. Gandi voltou para São Paulo na segunda feira.

Com o propósito de divulgarmos a vida das comunidades, no dia 14 de março foi impresso este meio de comunicação muito simples. “Aprovado dia 11, redigimos o 1º Boletim das Comunidades Eclesiais de Base – Paróquia São José – Fragata. Nº 01, março de 2005. Ano 1. Pastoral da Comunicação. Tiragem 1.000 exemplares.”<sup>40</sup> Neste boletim estava contido todo o programa da Semana Santa, festas em três comunidades, as noites de aquecimento, a proposta com ações e datas já firmadas que giravam em torno do dízimo, além de um convite. “As pessoas que se sentem chamadas para esta missão se dirijam à secretaria paroquial (de Terça a Sexta feira das 14:00 às 18:30h e Sábado das 8:00 às 11:00h) ou então às pessoas responsáveis da equipe da sua comunidade.”<sup>41</sup>

O que dialogamos nas noites de aquecimento também foi levado às comunidades como no Conselho da Comunidade São Francisco de Assis, reunido no dia dezoito de março. Passados nove dias da exposição feita pelo Gandi Ferreira, a dona Maria Inês transmite ao conselho e a secretaria escreve do que entendeu: “Dízimo Maria Inês falou sobre o encontro do dízimo. Na palestra foi colocado que o dízimo é encontro com Deus, gratificante, que o dízimo não é pagamento, mas

---

<sup>39</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943, p. 197.

<sup>40</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943, p. 197.

<sup>41</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas: n. 1, maio /2005. p. 3.

devolução daquilo que Deus me dá.”<sup>42</sup> Numa simples frase, estas duas mulheres deram sua definição do dízimo. Não se tratava de uma dívida humana para com Deus, para ser entendida como pagamento. Partia de um encontro com Deus, uma experiência com Deus que é gratificante, ou seja, a pessoa experimentava um sentimento de gratidão. E mais, deste reconhecimento, devolvia a Deus aquilo que Ele lhes dera. A comunidade encaminhou nesta reunião a sua coordenação: “Devem ser destacadas cinco pessoas para trabalhar na pastoral do dízimo. Os responsáveis pelos setores da pastoral serão: coordenador Maria Inês; coordenador de liturgia Darlan; coordenador fichário Márcia, coordenador setor Pedro, coordenador plantão Venceslau.”<sup>43</sup>

Esta comunidade já deu o seu passo. Construiu a sua coordenação que acolheu e iria liderar este trabalho missionário para a pastoral do dízimo naquele local. Isto mostra que o trabalho realizado por Ferreira na noite de aquecimento foi bem assimilado e já produziu o seu fruto. As demais comunidades também, em algum momento, naqueles dias, deram o mesmo passo. Era a prática das Comunidades Eclesiais de Base, como que em duas mãos. Seus representantes traziam sugestões, pareceres e opiniões às Noites de Aquecimento e também levavam muitas informações que eram partilhadas, assumidas e encaminhadas nelas próprias.

### 2.3 UMA NOVA PASTORAL DO DÍZIMO

As comunidades encaminharam este desafio comunitariamente. Era preciso construir uma Coordenação da Pastoral do Dízimo ao nível de Rede das Comunidades levando em conta as dificuldades próprias de quem recém chegara em Pelotas. A limitação que eu vivia era o ainda pouco entrosamento com as lideranças. A vantagem foi ser esta caminhada uma construção coletiva. Assim, a Coordenação de Pastoral da Rede sugeriu sete membros de várias comunidades para esta finalidade. Os contatos foram realizados alcançando este desfecho: os sete aceitaram ser missionários, porém, nenhum aceitou coordenar esta pastoral. Ainda permaneceu com pouca luz.

---

<sup>42</sup> COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade**, Ata n. 132, 2003, p. 14. v. 2.

<sup>43</sup> COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Ata 132, 2003, p. 14. v. 2.

### 2.3.1 Criação da Coordenação da Pastoral do Dízimo

Na troca de informações e ideias com Frei Jenésio Pereira da Silva, vigário paroquial, octogenário, acolhi sua sugestão do nome de um casal que é amigo dos freis, Francisco e Margarida Victória. Propomos a eles esta possibilidade de coordenar esta pastoral em construção. Francisco e a esposa pediram dois dias para dialogar em casa e pensar nisso. Passado este tempo, retornariam para dar uma resposta positiva ou negativa. Fizemos uma proposta concreta de formatação para a Coordenação da Pastoral do Dízimo, a depender de aceitação, o que ocorreu sem transtornos. Trabalhamos com confiança. Eles conheciam pessoas e comunidades. Tranquilizou os passos dados nesta empreitada no que se juntou este conhecimento e a experiência do trabalho anterior, além dos diálogos com o Ferreira.

Pude ver a alegria estampada em seus rostos por acreditar neles e também por sentirem a importância deste trabalho para as comunidades, o que é percebido como um anseio há algum tempo: “Já temos a Coordenação Paroquial da Pastoral do Dízimo e cada comunidade está constituindo a sua equipe para desenvolver esta pastoral em todas as comunidades.”<sup>44</sup>

### 2.3.2 Funções da Coordenação da Pastoral do Dízimo

Passo a reunir-me com esta Coordenação da Pastoral do Dízimo tanto para conhecer-nos melhor, quanto para organizar conjuntamente as necessárias funções que exercemos:

No domingo à noite se reuniu a coordenação paroquial da pastoral do dízimo. Essa noite foi escolhida por ser o melhor momento, com presença de toda a equipe. Aprofundamos as funções: do coordenador, do setor, da liturgia, do plantão e do cadastro. A coordenação está muito otimista.<sup>45</sup>

Percebemos no grupo que, no desejo de projetar para o dia das mães o primeiro retorno dos dizimistas como uma data marcante, o nosso tempo é muito curto. Começamos juntos a elaborar as funções que acreditamos como necessárias, iniciando pelo Coordenador:

---

<sup>44</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE, n. 01, maio /2005. p. 3.

<sup>45</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943, p. 197. v. 1.

Acompanhar, auxiliar e coordenar todas as demais quatro funções da equipe; motivar as pessoas para que não esmoreçam no trabalho desenvolvido; colocar-se sempre à disposição de todas as equipes; supervisionar todas as pontas de trabalho; preparar os missionários, podendo assessorar-se dos demais membros e do frei; acolher os kits quando chegarem pelo correio depositando em três locais: na Igreja São José, na garagem do Francisco e na garagem da lumara; distribuir as tarefas da nossa reunião mensal ou semanal, seja para avaliação ou projeção; coordenar a abertura dos envelopes garantindo correta anotação do que corresponde a cada comunidade.<sup>46</sup>

A fé une semanalmente, ou diariamente, os membros das comunidades no Fragata. Costumamos nomear Equipe de Liturgia aos que dinamizam este encontro litúrgico. Refletimos qual a função do Cleber junto a estes:

Sentar junto com equipe normal de liturgia para: 1.1 Enviar uma frase bíblica sobre dízimo [...] 1.2 Montar a MISSA DO ENVIO DOS MISSIONÁRIOS. [...] 1.3 Grupo de Oração e Corrente ou Alavanca de Oração [...] 1.4 Montar a MISSA DE RETORNO E ACOLHIDA DOS MISSIONÁRIOS [...] 1.5 Montar a MISSA DE AÇÃO DE GRAÇAS PELOS DIZIMISTAS.<sup>47</sup>

A proposta de sair em missão era espelhada em Jesus. Ele dialogou com os seus mostrando-lhes onde deveriam ir. Sentimos a necessidade do apoio de alguém capacitado para desenhar as ruas das comunidades onde seria realizado este grande mutirão. Ana Maria Bertinetti Alves Gonçalves, arquiteta, urbanista e geógrafa, esposa do Sr. Sidney, casal participante e Coordenadores do Encontro Paroquial de Casais da Paróquia São José, graciosamente, fez e doou um mapa das ruas da Paróquia São José. Em separado, fizeram o mapa das ruas de cada uma das vinte e quatro comunidades, o que facilitou a função do setor, coordenado pelo casal Altair e Nara Gonçalves:

Ver e providenciar os missionários [...] a) os limites da comunidade [...] b) faça um levantamento para conferir a distribuição dos missionários de cada comunidade [...] c) orientar a colagem de informações que irão junto com o abre a tua porta e também junto com o livrinho [...] d) distribuição do folheto Abre a Tua Porta. Encaminhar com a comunidade quais as informações colocar nele [...] e) ver junto com o companheiro da liturgia e divulgar os locais e horários que serão rezadas Missas de Envio [...] f) fazer chegar todo o material necessário para o mutirão nos locais certos e acompanhar o mutirão. Definir junto da equipe de setor de cada comunidade o número para cada dupla [...] g) estar atenta aos locais que falta missionários a fim de atingir todos os lugares do bairro. h) lembrar que os condomínios onde possamos entrar já na primeira fase, já o faremos. Os que não conseguirmos [...] i) é provável que nem todos os missionários queiram continuar após o mutirão. Por isto, estar atenta para que haja substituição [...] j) se um envelope não for

<sup>46</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Funções da pastoral do dízimo**. Pelotas, mar./2005. p. 1.

<sup>47</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2005, p. 1-2.

devidamente devolvido, será um dizimista que perdemos por ineficiência nossa.<sup>48</sup>

O mutirão demonstrou acesso facilitado onde um terreno corresponde a uma casa ou algumas casas. Os condomínios existentes em algumas comunidades apresentaram dificuldade para acessar as famílias por causa das regras estabelecidas nos contratos das empresas que edificaram os prédios. As normas estabelecidas para a segurança do visam proteger os seus moradores. Estes moradores poderiam vir até a comunidade e precisaríamos de alguma forma lhes propor a participação no dízimo. Uma forma visível para estes irmãos foi o plantão coordenado pelo casal Tailerandt e Rosa Nunes:

Estar no plantão 20 minutos antes da missa ou celebração iniciar, permanecer durante toda a missa e sair bem depois da missa ou celebração acabar. – À disposição para dar informações sobre o dízimo, batismo, catequese e saber encaminhar outras informações que as pessoas necessitam. – Cadastrar novos dizimistas ali na própria igreja e para tal serviço, ter livrinhos, fichas de cadastro, envelopes para o que for necessário. – Sempre a equipe do plantão deverá estar identificada como tal para que as pessoas busquem o que desejam. – Inicia o plantão a partir do lançamento das missas de ação de graças pelos dizimistas.<sup>49</sup>

Nos dados coletados junto aos moradores constava o endereço dos que se declararam Católicos, membros da Comunidade Eclesial de Base. Apresentou-se na coleta de dados muitas pessoas que se disseram católicos, porém, por algum motivo estavam ausentes da Igreja e que provavelmente poderiam se tornar dizimistas. Estes dados, poderiam permitir, se assim houvesse iniciativa para tanto, para alguma abordagem diferente que a comunidade quisesse e pudesse realizar. Nesta hipótese foi elaborado um trabalho cadastral que era realizado nas comunidades e também pela Iumara Moreira e Margarete Leal:

Trabalhar junto com o setor a fim de orientar o preenchimento da ficha pequena nas famílias. – Em casa, passar os dados das fichas pequenas para as fichas grandes para o controle dos missionários, que passarão as fichinhas para a equipe do cadastro. Os missionários uma ficha grande consigo para os trabalhos de acompanhamento posterior ao lançamento, tais como, controle dos dizimistas, na ocasião do aniversário, parabenizar o aniversariante e devolver mensalmente os envelopes. – A coordenadora geral ter uma cópia do cadastro que seja mensalmente atualizado. – Lançar os dados no sistema de computação para analisar os dados e acompanhar todo o trabalho realizado pela pastoral do dízimo.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2005, p. 2 – 4.

<sup>49</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2005, p. 4.

<sup>50</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2005, p. 4-5.

### 2.3.3 Conselho Pastoral das Comunidades aprovou a Coordenação

A reflexão realizada nesta coordenação foi a de que não seria bom realizar tudo isto sem partilhar e propor os passos concretos ao Conselho das Comunidades. Este importante espaço de reflexão, decisão e encaminhamentos, aguardava informações sobre os nomes que aceitassem compor a Coordenação da Pastoral do Dízimo, bem como, desenvolver estas funções. Buscamos um contato com este, para uma reunião conjunta de forma extraordinária que pudesse acolher e aprovar a nova coordenação apresentada. Assim, neste espaço seriam socializadas e analisadas as funções colocadas. Ainda quatro outros pontos seriam propostos nesta reunião:

Os envelopes serão inicialmente trazidos das comunidades pelos freis ou ministros e abertos pela Coordenação Paroquial. – Os primeiros meses que forem necessários, serão exclusivamente para saldar o investimento feito. Assim, o dízimo será positivo para todas as comunidades a partir do mesmo mês. – O resultado inicial será divulgado somente de forma geral. A partir do momento em que foi pago o investimento, poderá ser feita divulgação por comunidade. – Será mantida a mesma forma atual de colaboração mensal com a diocese e Paróquia.<sup>51</sup>

Importante salientar que a Igreja Católica Apostólica Romana é regida por um Código de Direito Canônico comum a toda a Igreja. Respeitadas as normas comuns tem abertura para definir algumas questões de forma diferenciada junto a culturas e povos nos seus respectivos países. Assim, encontramos nas dioceses muitas orientações comuns e algumas normas que podem ser diferenciadas inclusive entre dioceses vizinhas. Uma orientação da Diocese de Pelotas está inserida na parte final da prática das comunidades assim proposto: “Todas as comunidades partirão com o dízimo positivo ao mesmo tempo. Depois, 50% fica na comunidade, 40% na paróquia e 10% para a diocese.”<sup>52</sup> Conforme proposto, a primeira reunião da pastoral do dízimo com o conselho das comunidades ocorreu no dia 1º de abril, tendo representantes de todas as comunidades:

A seguir Frei Natalino apresentou aos presentes a equipe que compõe a Coordenação da Pastoral do Dízimo que são Francisco e Margarida – casal coordenador. Altair e Nara – Casal coordenador de setor, Cleber – coordenador da liturgia. Tailerandt e Rosa coordenador de plantão. Iumara e Margarete – Encarregadas do cadastro.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2005, p. 5.

<sup>52</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943, p. 198. v. 1.

<sup>53</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 129, p. 18. v. 2.

A definição conjunta sobre as ações e datas comuns, é uma prática recorrente nas Comunidades Eclesiais de Base. Há possibilidade de propor as ações e datas comuns. Na própria reunião, os membros percebiam a necessidade de encaminhamentos práticos e verbalizam o seu parecer, pois eram representantes das comunidades reunidas. As definições foram assim registradas:

Dando sequência, foi colocado a todos que o material deverá chegar entre os dias 05 e 06 de abril. Entre 08 e 18 deverá ser entregue nas famílias o folheto abre a tua porta. No dia 14 de abril um dia de formação para os missionários (visitadores às famílias), às 15h e às 20 h. No dia 24/04 às 9h teremos a missa de envio dos missionários. Todos deverão vir vestindo a camiseta, enquanto alguns já sairão em missão, um grupo ficará na capela em oração. No dia 01 de maio haverão missas de retorno dos missionários nas comunidades S José, S Judas, Santa Luzia e Maria de Nazaré. Nos dias 07 e 08 de maio teremos 10 missas e 17 celebrações em ação de graças e benção a todos os dizimistas e em especial as mães, as quais receberão um boletim em homenagem a elas.<sup>54</sup>

Nesta mesma reunião identificamos cada comunidade por uma letra do alfabeto, a ser posteriormente colocado nos envelopes, e iria facilitar o retorno dos mesmos para o dizimista. Para identificar cada missionário foi reservado um número também posto nos envelopes, identificando o (a) missionário (a), uma facilidade na organização. Refletimos sobre a possibilidade de alguma família ser visitada duas vezes e outra não receber a visita. Para evitar isto buscamos a clareza dos limites entre as comunidades. Destacamos as ruas existentes: “Cada comunidade recebeu um mapa onde as duplas de missionários deverão atuar.”<sup>55</sup> O mapa citado é composto por três páginas. Na primeira está o croqui com a localização exata da sede da comunidade correspondente e das ruas do seu entorno com destaque para a sua área correspondente. Na terceira página estavam os nomes de quem participou na primeira “Noite de Aquecimento”, pertencente a ela. Na segunda folha encontram-se orientações para a comunidade: “Até o dia 19 de abril a coordenadora do setor da comunidade deverá passar para a Coordenadora Paroquial de setor quantos setores tem, para repassar o material utilizado no mutirão. Nome: Nara ou Altair. Fone 2213076 ou 30283076.”<sup>56</sup> Sempre foi um desafio conseguir missionários. Na primeira noite, quando Ferreira perguntou quem se dispunha a ser missionário (a) praticamente todos concordaram. É evidente que nem todos conseguiram, por motivos vários. Sempre haverá alguma forma de colaboração por parte de quem deseja engajar-se.

<sup>54</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 129. p. 18. v. 2.

<sup>55</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 129, p. 18. v. 2.

<sup>56</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Orientações para o setor da equipe da comunidade**. Pelotas, abr./2005.

Tínhamos presente que muitas caixas de correio estavam repletas de correspondências, documentos, propagandas tantas e o nosso folheto “Abra a Tua Porta” poderia tornar-se somente um entre tantos papéis a serem descartados pelos moradores. Neste sentido reservamos um espaço no boletim para fazer chegar informações aos moradores:

Entre os dias 23 de abril e 1º de maio faremos um grande mutirão de visitas em nome da Igreja Católica às famílias onde daremos de presente um livrinho ‘Dízimo sinal de Fé’. Enquanto acontece o mutirão uma equipe estará na Igreja rezando por todos os missionários e famílias visitadas.<sup>57</sup>

## 2.4 MISSIONÁRIOS EM CONTATO COM MATERIAL DISPONÍVEL

A previsão do tempo necessário entre o pedido dos kits, encaminhado à Prodízimo, e a chegada do mesmo em Pelotas, confirmou-se. No dia 07 de abril ele estava em nossas mãos:

Chegou o material da Prodízimo: são 324 kits. Cada kit tem 50 folhetos. Abra a tua porta, 50 livretos; Dízimo Sinal da Fé, 100 fichas para cadastro, 100 envelopes, 2 camisetas da pastoral, 1 sacola, fichas grandes para controle dos dizimistas. Fizemos mutirão no salão e repassamos o Abre a tua porta para os coordenadores de setor da comunidade, 1 manual para missionários.<sup>58</sup>

### 2.4.1 Coordenação da Pastoral do Dizimo em contato com o material

Quem primeiro precisava conhecer este material era a própria coordenação para depois torna-lo conhecido aos (às) missionários<sup>59</sup> (as). O primeiro material a ser utilizado era um folheto em papel jornal denominado Abra a Tua Porta. A função deste material era comunicar aos moradores do bairro que a Igreja Católica estaria prestes a fazer um trabalho evangelizador que consistiria em visitar casa a casa. Cada família seria presenteada com um livrinho e dois envelopes. Neste, poder-se-iam preencher o seu nome, endereço e comunidade. O folheto indicava que, antes de tomar qualquer decisão, a família visitada fizesse uma leitura do livrinho recebido. Independente do

<sup>57</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE, n. 1, mar./2005. p. 3.

<sup>58</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943, p. 199. v. 1.

<sup>59</sup> Missionários (as) é o termo utilizado para designar todas as pessoas membros das comunidades que aceitam desempenhar a ação prática da visita casa a casa identificando os moradores que se dizem católicos. Preenchem um cadastro e entregam aos visitados um livrinho orientando a leitura do mesmo. Deixam um envelope e convidam para participar da comunidade mais próxima, sejam eles já participantes ou não na mesma.

caminho escolhido, estaria convidada a frequentar a sua Igreja. Informava como distinguir os missionários visitantes: “para identificar um missionário, observe a camisa que ele está vestindo. Na frente deve estar escrito: ‘ESTOU A SERVIÇO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO’ e nas costas: ‘PASTORAL DO DÍZIMO EVANGELIZANDO DE CASA EM CASA’.”<sup>60</sup>

Escrevemos à mão no seu verso este dizer: visita missionária de 23/04 a 1º/05. Diante da urgência em distribuir esta comunicação de casa em casa e o tempo exíguo para fazer isto, também confeccionamos um carimbo, aprontando-os rapidamente: “Entre os dias 10 e 18 de abril o folheto ‘Abre a Tua Porta’ foi entregue às famílias.”<sup>61</sup> O diálogo entre os membros da Coordenação da Pastoral do Dízimo era praticamente diário. Estávamos preparando intensamente um grande mutirão. O dia a dia correspondia ao estritamente necessário quanto às funções próprias do ministério e quase exclusivamente a preparar e depois acompanhar os missionários em todo e qualquer local que necessitasse da presença para auxiliar no incentivo e organização visando o bom andamento da visitação.

#### **2.4.2 Missionários (as) estudaram o material da missão**

No dia 14 de abril preparamos missionários em dois horários diferentes, às 15 e 20 horas. Conforme era a prática dos nossos encontros, Valter disponibilizava na entrada do salão o Livro de Presenças e cada pessoa já fazia ali o seu registro. O grupo de animação entoava vários cânticos: “O nosso encontro será abençoado”, “sou feliz na tua companhia”. Na abertura foi realizada uma acolhida geral aos presentes e algumas colocações que as pessoas desejavam ouvir, pois, no dia 02 havia falecido o Papa João Paulo II. Foi enterrado no dia 08 de abril. D. Jayme Chemello viajou a Roma para auxiliar nos preparativos do Conclave e, as pessoas, com alguma curiosidade, inevitavelmente faziam alguma pergunta em torno disto. A oração foi iluminada por Lc 10,1-11.16: “Depois disso, o Senhor designou outros setenta e dois, e os enviou dois a dois à sua frente, a toda cidade e lugar onde ele próprio devir ir [...]”<sup>62</sup> Após reflexão e oração do Pai Nosso, apresentamos a sacola (kit) com o material a ser utilizado: “Nesta noite fizemos um momento de orientações práticas

---

<sup>60</sup> PRODÍZIMO. **Abra a Tua Porta**. Rio de Janeiro: Drumond, 2004.

<sup>61</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 2. maio/2005. p. 3.

<sup>62</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1949.

para os missionários a partir do manual do missionário e tira dúvidas na área da liturgia, plantão, setores.”<sup>63</sup> Estudamos, nesses dois horários, com todos os missionários que podiam estar presentes, a “Cartilha Explicativa” e o livrinho “Dízimo Sinal de Fé”<sup>64</sup> que tem escrito a seguinte frase de rosto: “Todos os dízimos do campo, seja produto da terra, seja fruto das árvores, pertencem ao Senhor: É coisa consagrada ao Senhor, Lv 27, 30.”<sup>65</sup>

Em grande grupo passamos a conhecer este livrinho. Uma carta aos leitores, cumprimenta, deseja boa leitura, reflete sobre as coisas que vemos à nossa volta e muitas vezes nos causa tristezas. Aponta que, quem as provoca, por vezes, pode ser por não conhecer Jesus Cristo. Recorda que a missão da Igreja é dá-lo a conhecer, mas a Igreja Católica é mais pobre do que imaginamos:

Temos sim uma imensa riqueza, a maior delas, a mais importante: uma grande riqueza espiritual. Por que somos assim? Por que esquecemos de nos evangelizar para o dízimo. Ao longo de nossa história a Pastoral do dízimo ficou de lado. O resultado é que nos faltam recursos para uma boa catequese, formação de nossos jovens, construção de igrejas, construção de seminários. Faltam-nos recursos para tudo. Poucas são as Paróquias que têm uma pastoral do dízimo organizada que lhes permite sobreviver sem promoções, bingos, rifas, leilões, festas, bazares, etc. É triste, mas é verdade.<sup>66</sup>

Ele questiona por que a maior parte dos cristãos não são dizimistas. Apresenta algumas de muitas razões possíveis para sê-lo: “Para ser coerente consigo mesmo. [...] Anunciar que tem fé e estar na Igreja semanalmente é pouco. Deus quer e espera algo mais comprometedor, que seja mais coerente.”<sup>67</sup> Recorda tudo o que acontece em benefício das pessoas na comunidade e é fruto do auxílio de todos. Reflete que não é correto alguns fazerem muita coisa e grande maioria aguardarem que tudo aconteça automaticamente. Comenta outros motivos que podem levar a isto, como a desorganização, a falta de transparência ou a não prestação de contas e outras possíveis causas que só Deus tem clareza. Várias citações bíblicas são apresentadas como convite à leitura e meditação em 2Cor 9, 6-13:

<sup>63</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943, p. 199. v. 1.

<sup>64</sup> Dízimo Sinal de Fé é um pequeno livro escrito em linguagem popular. Contem perguntas e respostas mais comuns sobre dízimo e passagens bíblicas neste sentido. É dado um para cada família. Sua leitura substitui perguntas ao missionário, (a), evitando discussões pontuais. Tem por finalidade suscitar a importância da participação do católico na sua comunidade de fé e a respectiva sustentabilidade em vista da missão da mesma através do dízimo

<sup>65</sup> VALENTIM, Joel Leal. **Dízimo Sinal de Fé**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Drumond, 2004. p. 1.

<sup>66</sup> VALENTIM, 2004, p. 3.

<sup>67</sup> VALENTIM, 2004, p. 5.

Saibam de uma coisa: quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher; quem semeia com generosidade, com generosidade há de colher. Cada um dê conforme decidir em seu coração, sem pena ou constrangimento, porque Deus ama quem dá com alegria. Deus pode enriquecer vocês com toda espécie de graças, para que tenham sempre o necessário em tudo e ainda fique sobrando alguma coisa para poderem colaborar em qualquer boa obra, conforme diz a Escritura: 'Ele distribuiu e deu aos pobres, e sua justiça permanece para sempre'.<sup>68</sup>

Assim estudamos passagens bíblicas inspiradas em Jesus. O missionário já havia citado algumas delas na sua palestra e diálogo quando da sua presença conosco. Lemos e refletimos sobre estas aqui dispostas: 1Tm 6, 9-10, At 4, 37, Mt. 6, 3-4, Mt. 22, 20-22, 1º Cor 9, 6-7. Destaco em especial, uma citação, dentre outras, que é muito conhecida entre todos os presentes e passa a ser muito comentada, encontrada nos At 2, 44-45: "Todos os que abraçavam a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um."<sup>69</sup> Temos a presença de citações sobre dízimo tais como: Ag 1, 8-10, Lv 27, 30.32, Gn 14, 18-20; Ne 10, 36-38, Pr 3, 9-10, 1Cr 29, 16; 2Cr, 31, 11-12; Ex 35, 4-10, Dt 12,11; Dt 26, 8-11:

E Javé nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios. E nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, uma terra onde corre leite e mel. Por isto, aqui estou, Javé, com os primeiros frutos da terra que tu me deste. E vocês colocarão os primeiros frutos diante de Javé seu Deus e diante de Javé seu Deus se prostrará. Então você se alegrará com todas as coisas boas que Javé seu Deus lhe terá dado, a você e à sua família. E também festejarão com você o Levita e o imigrante que vive em seu meio.<sup>70</sup>

### 2.4.3 Perguntas comuns sobre o dízimo

Concluída a leitura e troca de ideias sobre dízimo e partilha, comentamos de forma mais rápida algumas perguntas que o dizimista normalmente faz, e que foram coletadas no trabalho realizado em vários anos de experiência. Consideremos que a leitura bíblica pessoal não foi historicamente trabalhada na Igreja Católica. A partir do Vaticano II passa a ser incentivada a sua leitura. Isto mostra ser a leitura bíblica pouco comum para muitas pessoas, somada a não tanta frequência à Igreja em seus momentos comuns, e mesmo a pouca oferta ou adesão ao estudo bíblico aos

---

<sup>68</sup> VALENTIM, 2004, p. 10.

<sup>69</sup> VALENTIM, 2004, p. 11.

<sup>70</sup> VALENTIM, 2004, p. 12.

participantes, mesmo os assíduos. Desta forma não é tão difícil ouvir entre os católicos uma pergunta que poderia ser elaborado por alguém que pouco aparece na Igreja, é:

2º - Tenho que dar o dízimo de um ganho extra? R: Temos que devolver a Deus parte de tudo que recebemos como fruto de nosso trabalho. Se conquistamos é por vontade de Deus e o dízimo é um sinal de gratidão pela conquista. O que todos levam, será utilizado nos trabalhos que visam tornar Deus conhecido por mais pessoas. Quando isto fica claro, passamos a levar nosso dízimo com mais alegria e agradecidos por nos sentir mais úteis.<sup>71</sup>

Percebo que a não colaboração com o dízimo na comunidade era comum entre os católicos e mesmo entre estes que estavam sendo preparados. Ouço comentários que havia pessoas que participam e dão bastante de si na comunidade, seja como “Catequista”, por vezes “Ministro Extraordinário da Eucaristia” ou algum outro serviço existente nas mais variadas formas, o que é muito louvável. Perceberam-se não dizimistas e faziam coro a tantos outros não convictos e perguntavam:

8º - Presto serviço na Igreja, dou esmola, ajudo os pobres, dou o quilo para os Vicentinos, coloco a minha oferta na missa, tenho ainda que ser dizimista? R: Ser dizimista é o preceito número um de toda pessoa de fé. Também os padres devem devolver o Dízimo se recebem salários. Tudo mais que fazem em favor do Reino de Deus é demonstração a mais de nossa fé. Com certeza Deus que tudo vê saberá ser generoso com cada um. É preciso ficar atento. Deus age silenciosamente em nossas vidas. Se deixar de ser dizimista porque presto serviços na Igreja, estou cobrando de Deus pelos meus trabalhos. Isto seria injusto e um contra testemunho.<sup>72</sup>

Esta reflexão ajudou muitos a pensar sobre o ser dizimista. Resolvemos socializar sobre quais as perguntas ouvíamos nestas comunidades. O que diziam as outras pessoas? Ou mesmo, que perguntas fazemos nós? Ouvi comentários que alguns até foram dizimistas enquanto tinham filhos na Catequese para o Batismo, a Eucaristia ou Crisma. Depois que estes receberam os referidos Sacramentos da comunidade sumiram. Muitos deixaram de participar porque não mais precisavam dela. Outra pergunta feita era sobre o quanto devem colaborar no dízimo? Neste ponto ouvi várias respostas dos (as) missionários (as). Alguns opinaram que a decisão era do dizimista. Outros recordaram que em certa época convencionou-se que seria R\$ 1,50 por família. Outros opinaram que poderia ser qualquer valor, desde que não precisasse dele. Alguns comentaram que poderia ser o mínimo possível.

---

<sup>71</sup> VALENTIM, 2004, p. 14.

<sup>72</sup> VALENTIM, 2004, p. 15.

Houve um momento interessante nesta formação quando apareceu uma maturidade impecável por parte do coordenador. A pergunta dirigida a ele revelou a preocupação de algumas pessoas dispostas a trabalhar voluntariamente na missão. Alguns que a comentavam, mas foi realizada pelo Pedro: “quanto estamos pagando por todo este material?” Responde Francisco: “eu não estou interessado em quanto estamos pagando. O que para mim tem importância maior é que estamos construindo juntos uma Pastoral do Dízimo. Ela dará uma resposta positiva às nossas comunidades que vivem as suas próprias dificuldades.” Esta declaração impressionou os que ali se encontravam, gerando um clima de confiança. Esta postura foi assumida pelos demais membros da coordenação. Passou inclusive a ser vista e comentada positivamente, tornando-se mais um testemunho para abraçar com maior vigor o desenrolar de todo o trabalho da missão.

## **2.5 COMUNIDADES EM MISSÃO**

O primeiro passo dado na missão foi a entrega do “Abre a Tua Porta.” Certa manhã, estive varrendo a calçada defronte à residência dos freis na Avenida Duque de Caxias e vi aproximar-se o Sr. Leocádio, membro da Comunidade São José. Ele passava de casa em casa e colocava nas caixas do correio um pequeno folheto. Ao chegar próximo comentou que era muito fácil esta parte do trabalho. Somente largava o folheto e passava adiante, para a próxima habitação. Caminhei pelas várias comunidades e me certifiquei que foram diversas pessoas a desenvolver rapidamente esta ação comunicativa. A nossa expectativa era que os moradores a lessem, e assim, estivessem inteirados da nossa intencionalidade em visitá-los.

### **2.5.1 Envio dos (as) missionários (as)**

Junto da camiseta cada missionário (a) recebeu um folheto: “1- Antes de saírem em missão, leiam o livro DÍZIMO SINAL DE FÉ e a cartilha que dá todas as orientações sobre o que fazer nas casas.”<sup>73</sup> Ele recorda mais uma vez as orientações já recebidas antes de fazer as visitas.

---

<sup>73</sup> PRODÍZIMO. **Atenção Missionários (as) que irão de casa em casa.** Rio de Janeiro: Drumond, 2004.

Chegou o dia do envio dos (as) missionários (as) para a missão. Vi muita gente vestida com a camiseta branca. Identificava os que seriam enviados: “Dia 24 de abril, rezamos fervorosamente a Missa da Bênção e Envio para mais de 300 missionários (as) que lotaram a Igreja São José às 9 horas.”<sup>74</sup> A reflexão da liturgia tinha como citações motivadoras: “Gn 12,1-3, Deus envia Abraão em missão, Jr 1, 4-10, Deus confia em Jeremias e Lc 10, 1-9. Deus quis precisar de cada um de nós. Deus confia em nós.”<sup>75</sup> Este momento celebrativo gerou tamanha sensibilização, animação e motivação em todos os missionários e missionárias que foi perceptível a olhos vistos a alegria estampada em seus rostos. No momento das oferendas, junto do pão e vinho foi colocada uma sacola com o material utilizado no mutirão. Neste gesto estava representado todo o esforço, o caminhar, a ida às famílias. Enfim, todo este trabalho empreendido com amor e carinho naqueles dias. Uma Eucaristia comunitária para fortalecer e sustentar as pessoas em mutirão. Comungar tornou-se um sinal de compromisso com a comunidade e com Deus.

A bênção foi realizada com um gesto: a palma das mãos abertas ao alto no sentido de pedir e acolher a bênção de Deus. Fortalecidos e enviados com mansidão e esperança, confiantes e acompanhados pelo Deus da vida e representantes da Comunidade Eclesial de Base. As pessoas cumprimentaram-se mutuamente formando um clima muito agradável, motivador, onde desejaram entre si e entre comunidades, uma frutuosa missão. Foi marcante ver as pessoas, duas a duas, em partida: saíram da Igreja em forma de multidão. Tomaram conta da avenida, e, aos poucos, espalharam-se por todas as direções. Distanciavam-se e pareciam sumir ao dobrarem pelas esquinas e quadras, chegando às casas indicadas pela coordenação de setor.

O Sr. Cleber Germano de Moura, da coordenação da oração, fez prévio contato com as equipes de liturgia em todas as comunidades. Estas acolheram uma proposta conforme cronograma de oração iniciada na “segunda feira dia 25 de abril e término no sábado, dia 30 de abril às 20 horas”.<sup>76</sup> Nesses dias, de hora em hora, a partir das 08 horas, finalizando às 20 horas, grupos de pessoas, distribuídos por

---

<sup>74</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 2. maio/2005. p. 3.

<sup>75</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, **Missa do envio dos missionários e missionárias do mutirão do dízimo de 24 de abril de 2005**. Pelotas, abr./2005. p. 1.

<sup>76</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Cronograma dos horários de oração pelos missionários do dízimo**. Pelotas, abr./2005.

comunidade, permaneceram em oração, na igreja ou em suas casas, normalmente em grupos. Rezaram pelos missionários (as), e pelas famílias que receberiam a visita. Tendo o cronograma em mãos, por várias vezes estive presente em diferentes lugares para também rezar junto.

Testemunhei que a oração foi assumida com muita seriedade. Cada comunidade ou grupo teve a liberdade de programar e realizar seu período de oração conforme melhor lhes parecesse no dia e horário combinados. Assim, presenciei variadas formas de oração. Percebi que a Palavra de Deus sempre esteve presente como leitura orante, meditação, oração e partilha. Dependendo dos membros que compunham grupos nos diferentes locais, estavam animados utilizando muitos cânticos. Outros, de forma especial os mais idosos, tinham presente uma oração muito popular que é o terço ou o rosário. Esta semana de oração e visitação deu-se num momento especial vivido na Igreja, que foi a eleição do novo Papa, Bento XVI, no dia 19 de abril. O início oficial do seu pontificado foi dia 24 de abril, véspera do começo deste cronograma de oração. Chamou-me a atenção as muitas preces e orações pelo bom andamento da missão confiada ao novo Papa, embora tivesse já 78 anos de vida.

O casal Altair e Nara Gonçalves estava empenhado no acompanhamento das comunidades no sentido de que elas tivessem feito uma boa distribuição dos missionários e não lhes faltasse algum material. Orientaram muito bem e elaboraram informações como encontradas na Comunidade Nossa Senhora Aparecida em anexo: “Celebração de ação de graças dia 07 de maio às 19:30h. Traga seu envelope e no ofertório deposite diante do altar [...]. Sopão: todas as sextas às 14:00h para os inscritos.”<sup>77</sup> Todas as comunidades fizeram e entregaram isto junto do livreto, a cada família, com informações da respectiva comunidade como o endereço, horário de atendimento, catequese, e informações complementares ligadas à Rede de Comunidades. Acompanhei algumas duplas missionárias em comunidades diferentes e presenciei neste mutirão algumas dificuldades como moradores ausentes, pessoas querendo conversar bastante. Alguns mostraram-se exaltados com seus motivos e outros de forma diferente faziam questão de convidar para entrar e tomar um chimarrão ou café, comer algo. A preocupação dos (as) missionários (as) era passar

---

<sup>77</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Comunidade N. Sra. Aparecida**. Pelotas, abr./2005.

para a casa seguinte. Havia duplas formadas por pessoas jovens, outras, por casais, ou ainda, uma pessoa adulta acompanhada por uma criança, ou duas mulheres.

Como facilmente passava por um ilustre desconhecido, pude também desenvolver este mutirão em algumas famílias apresentando-me como membro da comunidade. Ouvi muitas vezes pessoas que se identificaram católicas com expressões admiradas e positivas pela iniciativa, pois, seguidamente eram abordadas por membros de várias denominações cristãs. A Igreja Católica dificilmente os visitava em sua casa. Chamou-me a atenção que pessoas cristãs de denominação não católica elogiavam o mutirão que estava sendo desenvolvido e com facilidade expressavam informando algo sobre vizinhos que possivelmente estariam fora de casa e de que igreja participam. Muitos, por motivos diversos, não se encontram por casa, o que nos faz retornar em outro momento naquele mesmo endereço, a fim de realizar a visita.

O Sr. Francisco e dona Margarida Victória acompanharam o mutirão e os demais coordenadores pelas comunidades. Como são muitas caixas com os kits, uma boa parte foi depositada na sua garagem, bem como na garagem da dona Lumara. Isto facilitou tanto o seu acondicionamento, quanto a própria distribuição do mesmo, pois suas residências localizavam-se em duas pontas opostas do Bairro Fragata, enquanto a Comunidade São José estava razoavelmente centralizada, embora bem localizada. Desta forma, também deram bom suporte ao Sr. Altair quanto ao deixar o material nas comunidades, facilitando o mutirão.

### **2.5.2 Retorno dos (as) missionários (as)**

No dia 1º de maio, em quatro comunidades, reunindo cinco ou seis em cada uma delas, por proximidade, celebramos o retorno dos (as) missionários (as). Na Comunidade São Judas Tadeu foi às 09 horas, na Comunidade Santa Luzia às 10 horas, na Comunidade Maria de Nazaré às 10 horas e 30 minutos e na Comunidade São José às 19 horas e 30 minutos. Destacamos o retorno com este gesto: o presidente da celebração aguardou na frente do altar e todos os (as) missionários (as) entraram na igreja em procissão, acolhidos pela comunidade reunida. As leituras que

iluminaram a liturgia do retorno foram: “1Pd 2, 4-9, At 8, 5-8. 14-17, Lc 10, 17-20.”<sup>78</sup> A passagem de Pedro recordou Cristo a pedra viva e ligamos este mutirão como construtores de um templo espiritual na missão. Nos At está a evangelização realizada por Filipe e os nossos missionários atualizaram esta missão. Em Lc, Jesus acolheu os 72 discípulos que retornaram da missão. Igual ao mestre e seus discípulos, nesta celebração a comunidade ouviu dos missionários e missionárias, os relatos da experiência vivenciada e partilhada com todos.

Lembraram outros gestos que facilitaram os dias de missão. Ouvi que a missão continuaria, pois, em várias comunidades ainda há muitas casas para serem visitadas. Nesse sentido, a maior dificuldade encontrada para o acesso aos moradores, foi junto aos condomínios, que possuem regras próprias, impossibilitando a entrada de pessoas que representassem alguma forma de religiosidade.

### **2.5.3 A comunidade acolheu e rezou com os (as) dizimistas**

A celebração litúrgica de “Ação de Graças Pelos Dizimistas” ocorreu nos dias 7 e 8 de maio, final de semana das mães. Ganhou dupla motivação, com fieis lotando todas as comunidades. Realizaram-se celebrações no sábado e no domingo, nos seus horários normais. Nestas celebrações iniciou-se o trabalho do plantão. Tailerandt e dona Rosa já se fizeram presentes em comunidades e horários diferentes. Acompanharam aqueles que exerciam este trabalho. Na Comunidade São José estava o Sr. Leocádio com uma mesinha e cadeira. Sobre a mesa tinha livrinhos e envelopes. Na parede às costas um cartaz afixado, onde se podia ler: “Plantão do Dízimo”. Ele se encontrava à disposição, desde o começo. Acolhia e cumprimentava as pessoas que chegavam.

Nesta liturgia, as motivações de perdão contemplaram a possível prática da não partilha questionada nos textos bíblicos: “ Pr 3, 9-10, Dt 14, 28-29, Dt 12, 11-14.”<sup>79</sup> Estes textos recordaram as primícias dadas a Deus no local por ele escolhido, e, o dízimo da colheita colocado à porta de casa, para o Levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva, indicando no que seria aplicado o dízimo. Nas leituras que iluminam o

---

<sup>78</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Celebração de retorno dos missionários e missionárias do mutirão do dízimo do dia 1º de maio de 2005.** Pelotas, maio/ 2005. p. 1.

<sup>79</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Missa de ação de graças pelos dizimistas: 7 e 8 de maio 2005.** Pelotas, maio/2005. p. 1.

diálogo de Deus com a comunidade, estava: “ MI 3, 10-12, SI 112, 2Cor 9, 7-15, Mt 17, 24-27.”<sup>80</sup> Recordou-se em MI um sinal de fé e benção de Deus, o salmo lembrou o temor a Deus no sentido de dom de Deus. Paulo realçou o dar de coração e no evangelho, tudo é de Deus. Após a reflexão bíblica e atualização da vivencia humana da fé vivenciou-se o momento das ofertas. Os fieis foram convidados a rezar a oração que consta no verso do envelope:

Recebei Senhor, nosso dízimo! Não é uma esmola, porque não sois mendigo. Não é uma simples contribuição, porque não precisais dela. Esta importância representa Senhor, nosso reconhecimento, amor e participação na vida da comunidade. Pois o que temos, recebemos de vós. Amem.<sup>81</sup>

Rezada esta oração, os (as) dizimistas dirigiram-se aos pés do altar e colocaram seus envelopes numa cestinha e retornaram aos seus lugares. Toda a comunidade cantava. O sacerdote preparou a mesa com as oferendas do pão e do vinho. Concluída a procissão, o presidente da celebração abençoou o gesto e o trabalho dos dizimistas com estas palavras:

Senhor, sois generoso. Tudo criastes. Nos destes a grande oferenda: o próprio Cristo. Por isso vos pedimos: acolhei o gesto do dízimo colocado diante de vosso altar como reconhecimento, gratidão e participação na vida da Igreja. Abençoai o trabalho e todo sacrifício para participar desta partilha. Protegei vossos filhos e filhas. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.<sup>82</sup>

O dízimo e a oferta, que é outra forma diferente de colaboração e participação na comunidade, foram associados ao pão e vinho que estavam sobre o altar. A celebração continuou com a Oração Eucarística. Na fé católica este pão e vinho foram consagrados tornando-se corpo e sangue de Jesus: “[...] o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é para vós. Fazei isto em memória de mim’. Do mesmo modo [...].”<sup>83</sup> Deus repartiu conosco o bem maior: o próprio Filho. Na continuidade da oração, apresentamos ao Pai, não mais coisas ou bens, mas, a grande oferenda: Jesus. Assim, no momento da partilha eucarística, recebemos como fortalecimento de nossas vidas e nossa fé, o próprio Cristo. No final desta celebração toda assembleia leu uma justa homenagem pelas mães contida no rosto do Boletim Das Comunidades. Os envelopes do dízimo foram

<sup>80</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Missa de ação de graças pelos dizimistas**: 7 e 8 de maio/2005. p. 1-2.

<sup>81</sup> PRODÍZIMO. **Oração dos dizimistas**: Envelope do dízimo. Rio de Janeiro: Drumond, 2004.

<sup>82</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Missa de ação de graças pelos dizimistas**: 7 e 8 de maio/2005. p. 2.

<sup>83</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985. p. 2162.

guardados e oportunamente os responsáveis deram o seu devido encaminhamento. Os que estavam no plantão permaneceram por ali e, mesmo com o término da celebração, despediam-se dos que saíam e agradeciam pela presença. Estavam preparados para fornecer qualquer informação que alguém solicitasse.

## **2.6 UNIDADE NAS COMUNIDADES**

Em algumas comunidades marcou a criação desta nova pastoral em sua caminhada: “registramos que pelo menos 6 comunidades nunca tiveram dízimo. [...] mesmo sendo dia das mães, notou-se a presença de gente nova na Igreja. Não posso deixar de registrar a alegria de muitos nas comunidades. É um momento novo.”<sup>84</sup> As demais comunidades tinham um dízimo irregular até este momento. Às vezes o recebia e era comum passar meses sem nada de dízimo. Tornou-se nestas um dado novo, pois o dízimo passou a ser uma constante mensal.

### **2.6.1 A Primeira abertura dos envelopes**

Na semana após o Dia Das Mães, em clima de alegria, entusiasmo e expectativa reuniram-se todos os integrantes da Coordenação Paroquial da Pastoral do Dízimo num sítio, fora da cidade. Propriedade do Sr. Francisco Victória que a disponibilizou para passarmos o dia reunidos. Rezamos por todos os dizimistas. Eles eram a causa daquele encontro. Programamos o dia. Iniciamos com a troca de impressões sobre as celebrações do final de semana. Foi muito bem avaliado no grupo. Os diálogos estavam embasados em boa parte das comunidades, pois estávamos ali, membros de 8 comunidades diferentes. Cada integrante havia participado, propositalmente, em mais de uma comunidade. Por ser Dia Das Mães logo sobressaiu-se o dado da grande presença de pessoas. Chamou a atenção o envelope em mãos para rezar a oração do dizimista e a procissão para pô-lo diante do altar. O canto acompanhou o gesto. Iumara relatou que na Comunidade Divino Espírito Santo, um atento grupo de crianças estava com envelopes nas mãos participando da celebração no aguardo do momento em que poderiam colocar o seu dízimo diante do altar. Notou-se facilmente a presença de pessoas que não apareciam

---

<sup>84</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo, 1943. p. 200. v. 1.

com muita frequência na comunidade e traziam seus envelopes. A bênção aos dizimistas no término do ofertório foi bem acolhida, o que também era novidade.

Era comum a pessoa aguardar sentada no banco para fazer a sua oferta, mas o gesto mudou no aproximar-se do altar, o que pareceu ser bem acolhido. Nestas celebrações foi entregue o primeiro Boletim Das Comunidades. Havia nele uma homenagem às mães. Todos a leram juntos, o que formou um ambiente especial. Nas comunidades menores observou-se que os envelopes entregues pertenciam a elas mesmas. O mesmo não ocorreu na Comunidade São José. Nesta, surgiu um dado diferente: foram entregues também envelopes que pertencem a uma grande parte das outras comunidades. Separamos os envelopes pelo nome de cada comunidade.

Era a primeira experiência do grupo na abertura dos envelopes. A escolha foi por abrir uma comunidade por vez, todo o grupo junto. Isto possibilitou a troca de ideias parciais sobre a caminhada realizada até o momento com este primeiro retorno. Preenchemos uma planilha com data de realização da abertura, quantidade de envelopes e o montante de cada comunidade. Próximo ao meio dia paramos para o almoço, muito gostoso, preparado pela dona Margarida e dona Rosa. Retomamos na parte da tarde. Francisco conduziu os trabalhos do dia e expressou sua satisfação e alegria. Fez os encaminhamentos que facilitaram a continuidade da missão, das celebrações, das próximas aberturas e o registro de todos estes dados na secretaria das comunidades para que não haja perdas de dados. Estes são registrados de forma correta para prestação de contas às comunidades e a todos que for necessário. A partir do mês de junho acrescentamos presença de todas as comunidades nestas aberturas da seguinte forma: convidamos oito comunidades em cada semana. Com oito pessoas a mais além desta Coordenação Paroquial, aumentou a transparência e a participação.

A Coordenação da Pastoral do Dízimo realizou uma reunião também com os representantes de setor e de cadastro das comunidades: “A Coordenação Paroquial da Pastoral do Dízimo vem por meio deste convoca-lo (a) para juntos: 1- Avaliar a caminhada feita até o presente momento. 2- Projetar os próximos passos no que compete ao setor e ao cadastro.”<sup>85</sup> Esta reunião aconteceu no dia 12 na Comunidade São José. A avaliação por parte de seus membros trouxe presente os acertos e as

---

<sup>85</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Convocação**. Pelotas: maio 2005.

dificuldades encontradas. No geral, as reflexões foram bastante positivas. Quanto ao material utilizado foi visto como prático, de fácil manuseio. Ele prevê as situações encontradas na missão. A preparação dos missionários foi vista como uma boa orientação, principalmente os 10 lembretes aos missionários antes de sair em missão. Com algumas exceções, as pessoas acolheram bem. O folheto “Abre a Tua Porta” foi lido e muitas famílias aguardaram a visita. Ouvi um e outro relato onde o visitado não estava a fim de dispensar atenção ao missionário (a). Ficou claro que muitas residências ainda não foram visitadas, pois, todo o trabalho foi voluntário, feito por membros das comunidades que chamamos de missionários. A maior parte trabalhava ou estudava e as famílias visitadas também, o que anotada a ausência, precisávamos retornar em outro momento para encontrar em casa muitos moradores. Foi necessário um tempo maior para chegar em todos os lares. A demora maior foi chegar nos condomínios. Eles ofereceram dificuldades de acesso. A missão continuou por mais tempo para ser dada como concluída.

### **2.6.2 Prestação de contas do dízimo**

Na primeira oportunidade em que o Conselho das Comunidades se reuniu para tratar seus temas normais, a Pastoral do Dízimo deu clareza dos resultados parciais a todos os seus membros:

Margarete colocou que o final de semana 07 e 08 do mês em curso entraram 1200 envelopes num total de R\$ 4.800,00, nos dias 14 e 15 – 152 envelopes – R\$ 850,00 e que até agora temos 1.375 env. Com R\$ 5.677,91. Que se aceite envelopes todos os finais de semana e que no final do mês serão devolvidos todos os envelopes aos missionários.<sup>86</sup>

A prestação de contas não se limitou somente ao Conselho de Pastoral das Comunidades. Em junho prestou-se contas a todos os dizimistas que, além de receber os seus envelopes, foram presenteados com um exemplar do Boletim das Comunidades Eclesiais de Base: “Também é nosso dever informar a todos, o dízimo geral das 24 comunidades deste mês de maio: (seis mil, setecentos e quarenta e três reais com vinte e quatro centavos), R\$ 6. 743,24.”<sup>87</sup> Este mesmo boletim esclareceu o espírito pelo qual os missionários do dízimo retornaram às casas de todos os dizimistas: “[...] levarão os envelopes até a casa dos dizimistas para agradecer e visitar

<sup>86</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Ata n. 132, p. 24. v. 2.

<sup>87</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 3. jun./2005. p. 3.

os dizimistas em nome da igreja, convidando-os a participar dela.”<sup>88</sup> Estas informações passaram a ser bem vistas pelos moradores.

A Comunidade Jesus de Nazaré tem condomínios. Como entrar neles? Os condomínios mais antigos apresentaram poucas dificuldades. Mesmo nestes, alguém das famílias que residiam num prédio precisava abrir a porta para dar acesso aos apartamentos. Complicados foram os condomínios fechados. Os porteiros estavam orientados a não permitir a entrada de Ninguém com algum fim religioso, a menos que, fosse aguardado pelo morador. O Sr. Rubens Damasceno Duarte, Coordenador da Comunidade Jesus de Nazaré, encaminhou uma carta que foi colocada na caixinha do correio na esperança de chegar a informação até algum morador que sequer era conhecido: “[...] estamos enviando esta carta e pedimos que caso existam pessoas católicas na sua família que residam neste endereço, por favor, preencha esta ficha e entregue na Padaria Arte e Pão (no caixa).”<sup>89</sup> A criatividade desabrochou em frutos. O apoio da parte desta padaria interna ao condomínio facilitou a busca por contatos com possíveis pessoas católicas moradoras do local. Foi importante a acolhida de algumas fichas preenchida por moradores.

Nos condomínios a visita foi vagarosa: “As visitas continuam. Pessoas procuram o plantão para se cadastrar.”<sup>90</sup> Na comunidade, as pessoas receberam exemplares de nova tiragem do boletim com o objetivo de sensibilizar mais possíveis dizimistas e manter informados os que já o são: “No mês de junho as 24 comunidades em conjunto tiveram R\$ 6.748,55 de dízimo.”<sup>91</sup> As reuniões da Coordenação da Pastoral do Dízimo eram semanais. Realizou-se rodizio nas comunidades, onde alguns membros foram convidados para participar e conhecer o trabalho. Cresceu um olhar favorável.

### **2.6.3 Decisão da Pastoral do Dízimo em reunião**

A Coordenação da Pastoral do Dízimo não toma decisões sozinha. Assim, chama representantes desta pastoral de todas as comunidades: “[...] convidá-los (as) para juntos: 1- Prestação de Contas da Pastoral do Dízimo. 2- Avaliar a caminhada

---

<sup>88</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 3. jun./2005. p. 3.

<sup>89</sup> COMUNIDADE CATÓLICA JESUS DE NAZARÉ. **Convite**. Pelotas, 2005.

<sup>90</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 4. ago. /2005. p. 3.

<sup>91</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n.4. ago. /2005. p. 3.

feita até o presente momento. 3 - Proposta dos próximos passos da Pastoral do Dízimo. 4 - Entrega dos envelopes.”<sup>92</sup> Nesta reunião do dízimo participaram mais os coordenadores e tesoureiros de todas as comunidades, e representantes do setor do dízimo. Foi uma prestação de contas de maio a agosto. Sem retirar sequer um centavo do caixa de nenhuma comunidade, já se saldou o investimento com o próprio dízimo recebido.

Escutei Francisco Victória, Coordenador da Pastoral do Dízimo dizer que, as Comunidades Eclesiais de Base, no Fragata, estavam vivendo um momento bonito em termos de unidade. O Fragata, antes deste trabalho, era formado por 24 comunidades onde cada uma trabalhava por si. Algumas se diziam superiores a outras. Elas demonstraram um novo espírito. Hoje o Bairro Fragata é uma comunidade unida. Das pessoas que comentaram o trabalho realizado, ouço dizer que se criou uma unidade tão grande que nelas, tudo passou a interessar a todos. O Sr. Henrique, membro da Comunidade Peregrinos do Amor, se fez presente semanalmente na abertura de envelopes. Ele testemunhou sobre sua presença e colaboração: “se eu não vier e colaborar, parece que me faltaria algo neste dia”. De quem sequer se cumprimentava, criou-se uma amizade muito forte. Naquela mesma reunião foi acertada uma decisão: daquele momento em diante, o trabalho iria continuar nos moldes que foi construído. Cada comunidade iria fazer a prestação de contas mensal nela própria, para seus membros, cabendo ao seu tesoureiro esta tarefa. Um agradecimento foi feito a todas as pessoas envolvidas no dízimo através do boletim:

A Pastoral do Dízimo das comunidades do Fragata dá novo passo. Graças à compreensão e colaboração de todos (as) os (as) nossos (as) missionários (as) e dizimistas, já saldamos nosso compromisso com a prodízimo, que nos auxiliou na reestruturação da pastoral. O dízimo de setembro está sendo encaminhado a cada comunidade, conforme combinamos dia 1º de abril em reunião paroquial da pastoral com todos os missionários.<sup>93</sup>

A etapa da organização do dízimo nestas comunidades, foi dado como concluída. Talvez em algum ou outro local, possivelmente em condomínio alguém ainda precisasse fazer visita de retorno, no caso de não ter encontrado o morador. Alegria de uma realidade nova na sustentabilidade das mesmas. Deste momento em diante, buscou-se atualizar a continuidade do dízimo. Ela passou a ser permanente, com os convites e acolhida para a participação dos fieis na comunidade, a partir da fé

---

<sup>92</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Convite**. Pelotas, ago. / 2005.

<sup>93</sup> BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 5. out. /2005.

em Deus, com um profundo olhar de gratidão exercido junto à Palavra, à Eucaristia e à Mesa do Pobre.



### **3 MUDANÇA NO ROSTO DAS COMUNIDADES**

No capítulo anterior redigi uma etnografia ao meu estilo próprio. Nela relatei a organização do dízimo como pastoral no decorrer dos seus passos realizados com a presença e a participação dos dizimistas nas comunidades. Com o dízimo dado acertamos a entrega dos valores referidos ao investimento nos materiais utilizados para exercer o mutirão casa a casa com a Prodízimo. Conclui falando da continuidade dos dizimistas na comunidade e o cuidado em acompanhar os que estão participando e na acolhida aos novos que poderiam despertar para este gesto de partilha que foi vivenciado junto à Palavra, à Eucaristia e à Mesa do Pobre.

O presente capítulo é uma nova etnografia baseada em documentos primários e observação participante. Nele é narrada uma mudança de rosto nas comunidades. O seu dízimo colaborou na sustentabilidade a serviço da missão. O que fizeram as comunidades com o seu dízimo? De forma simples, além da Mesa da Palavra e da Eucaristia, entrou concretamente a Mesa do Pobre. Parte do dinheiro foi investido na formação das pessoas pobres que participam da comunidade. Foram cursos, encontros, os jovens, os idosos, as parcerias onde a comunidade tem sua parcela de participação concreta. Foram diferentes maneiras e uma vasta forma de solidariedade. Iniciamos a mudança de rosto com o entrosamento, a confraternização, a festa junina resgatada da memória das antigas quermesses demonstrando ambiente novo e o entrosamento festivo entre as comunidades.

#### **3.1 O DÍZIMO UNIU AS PESSOAS EM CONFRATERNIZAÇÃO**

No capítulo anterior apareceu a necessidade de realizar uma festa das comunidades com o objetivo de angariar recursos como tentativa válida em socorrer a paróquia nos seus compromissos ordinários. Esta festa se mostrava insuficiente. Precisou buscar auxílio na Comunidade São Pedro. Esta realidade esteve fortemente presente no pensamento de muitas pessoas sensíveis à situação vivida e, diante dela, assumiram uma festa anual no final de cada ano para a sustentabilidade.

### 3.1.1 Festa das Comunidades

O cronograma da terceira noite de aquecimento, em março, ainda previu uma festa das comunidades.

No dia 14 de outubro de 2005, no salão de cima, na Paróquia São José aconteceu uma reunião extra com os coordenadores de comunidades. Para a preparação da festa das comunidades. Missa no local que será às 11 horas e após o almoço que será carreteiro e feijoada ao preço de R\$ 2,50. Foi sugerido que a comida seja feita na Comunidade Santo Antônio e servida no local da festa em marmitas, sugestão esta que foi aceita por todos.<sup>94</sup>

Nas edições anteriores o prato servido era meio galeto assado e saladas. Em novembro de 2005 ocorreu algo curioso, pois, em tempos de calor, um prato típico para o inverno, forte em calorias: carreteiro e feijoada. Será compreendido mais adiante, quando tratarmos esta confraternização na figura da festa junina. Esta festa das comunidades aconteceu novamente em novembro de 2006 com novidades como a estreia do novo coral da Comunidade São José. Atrações não faltaram: “Houve apresentação dos alunos e amigos do professor Mário Buss com vários violinos e outros instrumentos musicais. No almoço, 580 ingressos vendidos, meio galeto.”<sup>95</sup> Aqui retornou o prato do galeto, apropriado para este período do ano. Na reunião especial entre a Coordenação do Conselho Pastoral Paroquial cessante e a nova, surgiu um questionamento do novo coordenador sobre esta festa:

Acelino aproveitou para perguntar o porquê da festa das comunidades? Muitas vezes dá muito trabalho e pouco resultado. Foi esclarecido que é mais para que haja uma integração entre todos. As primeiras era uma angariação de fundos para a paróquia, mas agora, devido a melhora do dízimo, parte do lucro ou seja aquilo que as comunidades vendem, reverte em benefício da própria comunidade.<sup>96</sup>

Registrou-se o questionamento e ocorreu uma reunião do Conselho Pastoral das Comunidades onde ficou encaminhado os passos para a realização desta festa: “Gilmar tomando uso da palavra agradeceu a presença de todos e explicou que o motivo da reunião seria uma breve avaliação do que foi a peregrinação de Guadalupe e tratarmos também da festa das comunidades.”<sup>97</sup> A festa ocorreu com positividade. Chegou o dia da Assembleia anual das comunidades estando presente Dom Jayme.

<sup>94</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho Paroquial de Pastoral**. Ata n. 149. Pelotas, 2004, p. 44. v. 2.

<sup>95</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Tombo**. Pelotas, 2005, p. 22-22. v. 2.

<sup>96</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 176. 2004, p. 89. v. 2.

<sup>97</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 177. 2004, p. 90. v. 2.

Nela foram tratados vários temas, iniciando pela prestação de contas: “A seguir Lucidio fez uma prestação de contas da situação financeira da Paróquia. Não estamos nadando em dinheiro, mas também não temos dívidas.”<sup>98</sup> O período foi deste primeiro ano expondo as falhas na sustentabilidade vivenciada durante bom tempo nas comunidades, agora superado: “Foi esclarecido a todos que com relação a cômruas<sup>99</sup> dos freis esteve em atraso durante 3 meses, mas felizmente está tudo em dia.”<sup>100</sup> Mas o tema forte do momento foi outro, a saber: Encontro Diocesano das CEBs. Estávamos com duas festas e ocorreu uma fusão da festa das comunidades na junina, o que significou um reconhecimento que o dízimo modificou uma realidade nas comunidades:

Que tal substituírmos o encontro de CEBs pela festa das comunidades? Afinal se fizermos uma boa festa junina ou julina, podemos deixar de lado a festa das comunidades. Após algumas trocas de ideias entre eles ficou que meio definido que não haverá festa das comunidades no próximo ano somente a festa junina.<sup>101</sup>

A proposta foi a supressão do almoço em dezembro em vista do Encontro Diocesano das Comunidades Eclesiais de Base, assumido anteriormente em conjunto com as comunidades do Capão do Leão, município vizinho. A data seria em dezembro do ano seguinte. A ata deu clareza que os membros da Assembleia acolheram o Encontro Diocesano. Estava superado o sentido daquela festa a partir da implementação da Pastoral do Dízimo.

### 3.1.2 Confraternização dos missionários e dizimistas

A marca da confraternização consolidou-se nas comunidades, como mostra a Comunidade São José: “Seguiu-se com a pauta: missa no cemitério dia das mães, inauguração capela da (CEB) Comunidade Divino Espírito Santo, Pentecostes. Almoço confraternização da comunidade.”<sup>102</sup>

A alegria no cotidiano das comunidades estava visível nos rostos de muitos (as) missionários (as) da Pastoral do Dízimo. Nas comunidades, ouvi estas

<sup>98</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 181. 2004, p. 97. v. 2.

<sup>99</sup> Nota explicativa: Congrua é uma ajuda de custo da comunidade cristã para dar uma digna sustentação ao pároco ou presbítero que a acompanha. Faz a função de salario embora não o seja.

<sup>100</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 181. 2004, p. 97. v. 2.

<sup>101</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 181. 2004, p. 99. v. 2.

<sup>102</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade São José**. Ata n. 192. Pelotas, 2007, p. 13. v. 3.

manifestações repetidas vezes. No ritmo dos encontros semanais da coordenação que selecionaram os envelopes por comunidade, para a sua devolução, era dedicado um tempo para a oração. Na sequência, o coordenador motivava o grupo na troca de ideias sobre o andamento dos trabalhos. A equipe captou o desejo de muitos no sentido de encontrar-se e confraternizar. Isto foi considerado e encaminhado:

Hoje celebramos missa de ação de graças, às 19:30 horas na São José, dos missionários (as) do dízimo. A igreja lotou de missionários com a camiseta branca. Os missionários estão animados e essa missa veio coroar este trabalho. Foi excelente. Depois passamos para o salão com o jantar de confraternização. 250 pessoas lotaram o salão. Como regra, só missionários e convidamos a coordenação paroquial. Foi muito bom todos os momentos. A pastoral do dízimo está de parabéns. O dízimo geral de setembro foi de R\$ 5.510,63. O dízimo geral de outubro foi de R\$ 6.746,86. <sup>103</sup>

Esta confraternização entre os (as) missionários (as) de todas as comunidades não tinham preocupação financeira. Os custos eram divididos proporcionalmente a cada pessoa presente, sem almejar lucros nem sobras. O dízimo não só passou a dar um bom suporte às comunidades, mas provocou mudança de comportamento nas pessoas que delas faziam parte, como demonstrou um membro da pastoral ao dar ciência ao Conselho da Comunidade Maria de Nazaré: “Sr. Luiz nos informou sobre a missa e jantar festivo para os missionários e missionárias (Pastoral do Dízimo), no dia 18 de novembro.”<sup>104</sup> No início de 2006, no dia três de março, nova confraternização dos missionários do dízimo: “Apesar da chuva que foi forte quase 200 missionários participaram da missa às 19 horas e 224 na confraternização que foi arroz com galinha desfiada.”<sup>105</sup> A Pastoral do Dízimo passou a ser um novo marco na vida cotidiana das Comunidades Eclesiais de Base no Fragata. A Comunidade Nossa Senhora de Guadalupe registrou: “a confraternização de encerramento no dia 14/11/2014, foram convidados pela pastoral do dízimo os dizimistas oferentes que mensalmente colocam o seu dízimo na missa e celebrações, através do seu envelope [...]”.<sup>106</sup> A confraternização se concretizava anualmente em nível comunitário e do conjunto das comunidades como Pastoral do Dízimo.

<sup>103</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo. Pelotas 2005, p. 9. v. 2.

<sup>104</sup> COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. **Atas do Conselho Pastoral da Comunidade Maria de Nazaré**. Ata n. 228. Pelotas 1997. p. 45 v. 2.

<sup>105</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo. Pelotas 2005. p. 12. v. 2.

<sup>106</sup> COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Guadalupe**. Ata n. 68. Pelotas, 2009, p. 19. v. 2.

### 3.1.3 Festa junina

Renasceu a festividade junina. Há anos as comunidades faziam pequenas festas juninas localizadas, o que se manteve. Tornou-se um dado novo a reativação das quermesses que muitas pessoas recordavam dos anos 50 e 60, embora de forma um pouco diferente. Na reunião da Coordenação do Conselho das Comunidades registrou-se na fala de um integrante, esta confraternização: “Retomando a palavra Gilmar lembra que dia 10 de julho será a festa junina na comunidade São José, à tarde, mas o que fazer? O que queremos? Qual o motivo da festa? A princípio integração e resgatar as antigas quermesses da paróquia.”<sup>107</sup> Impressionou este fato: poucos meses antes, a preocupação era fazer festa para equilibrar o caixa. Naquele momento o conjunto das comunidades criou uma festa junina para confraternizar com preços reduzidos. A quermesse era de uma comunidade somente. Esta, passou a ser de todas as comunidades.

Na Comunidade São José realizamos a festa junina das comunidades. Ela surpreendeu positivamente. Iniciamos com uma mateada colocada pela Líder Fm 91.3. As comunidades colocaram bancas para si no pátio e no salão. Ao meio dia 750 pratos de carreteiro e feijoada. À tarde, muitas apresentações. Mais de 1.000 pessoas participaram. Esta festa foi um resgate após muitos anos sem acontecer.<sup>108</sup>

Salientamos que nos anos 60, neste bairro, existia somente a Igreja São José. Faziam-se quermesses na modalidade da época. O diferencial, a partir deste momento, foi o espírito presente na elaboração desta festa junina que passou a pertencer ao coletivo das comunidades. Agora são várias pequenas comunidades que se encontram neste mesmo lugar para festejar com projeção da festa assumida conjuntamente, inclusive com trabalhos, não só banca de alimentos.

Com relação às brincadeiras e a alimentação ficou assim distribuído. Pescaria – Jesus de Nazaré. Jogo de latas – João XXIII. Corrida do saco – Divino E. Santo. Correio do coração – São José. Jogo de argolas – São Judas. Quentão – Imac. Coração de Maria. Pipoca e amendoim – S. Paulo. Batata doce, pinhão – Sagrada Família. Pastéis – S. Pedro e N. Sr<sup>a</sup> Medianeira. Maçã do amor e algodão doce – Maria de Nazaré. Bolo – São Francisco e N. Sr<sup>a</sup> Aparecida. Cachorro quente – N. Sr<sup>a</sup> da Conceição. Churrasquinho – Peregrinos e N. Sr<sup>a</sup> das Graças. Pizza – São Lucas. Limpeza do ambiente – S. Jorge, S. João, S. Benedito, N. Sr<sup>a</sup> de Lourdes.<sup>109</sup>

<sup>107</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 133. 2004, p. 25 v. 2.

<sup>108</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo 2005. p. 3. v. 2.

<sup>109</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 134. 2004. p. 26 v e 27. v. 2.

A festa junina, com espírito de confraternização entre as comunidades, tornou-se uma constante anual. Em 2006, uma pessoa brindou a festa junina com novo atrativo, um conjunto: “ao vivo (de Canguçu, pago pela Helena Zoia). Almoço: carreteiro e feijoada, com 800 pratos vendidos. Participação: em torno de 2.000 pessoas. Rádio Líder FM 91.3<sup>110</sup> ao vivo. Tomadas para Tv<sup>111</sup>. Muito boa a festa.”<sup>112</sup> No ano 2007, apesar do mau tempo, a festividade aconteceu com mais de 1.000 pessoas. O gesto novo nesta festa é a gratuidade da música: “Às 17:45 iniciou um dilúvio por meia hora. Depois, desmontamos o som do Luís e da Alice da Guadalupe que, com a Soninha fizeram o baile sem cobrar nada. Nossos agradecimentos.”<sup>113</sup> No ano 2008 esta festa é divulgada no Boletim das Comunidades Eclesiais de Base que ganhou novo formato, impresso nas oficinas do Diário Popular e nas quatro páginas encontramos o programa entre desenhos que aludem à festa junina. Na página 3 encontramos em linguagem junino-caipira: “Vai ter pipoca, amendoim, quentão e brincadeiras de montão. Uma festa pra família toda Esperamos vocês até às 17h30mi É dia 13/07/2008.”<sup>114</sup>

A confraternização junina das comunidades tornou-se uma marca tão forte que chega a merecer reunião extraordinária para isto: “Aos dezessete dias do mês de maio 2011, aconteceu reunião extraordinária sobre a preparação da festa junina. Acolhida realizada por Luís Carlos Rockembach, Coordenador da Paróquia.”<sup>115</sup> Já no ano 2012, foi criada uma equipe própria para a festividade popular: “Foi apresentado um cronograma da festa junina tendo como coordenadores Francisco Victória, Luís Carlos Rockembach, João Volcan, Gerda Scheer. Foram apresentadas as propostas para formar as equipes, onde alguns ajustes ficaram para próxima reunião.”<sup>116</sup>

Nos anos 2013 e 2014, motivações especiais agregam-se às comunidades ocupando lugar da festa junina, que retorna no ano seguinte. A primeira foram os 70

---

<sup>110</sup> Radio Líder FM 91.3 era um veículo alternativo de comunicação com objetivo de atingir o Bairro Fragata, localizada próximo à paróquia. Esta, ocupava um espaço semanal aos sábados com o objetivo de comunicar-se com as comunidades.

<sup>111</sup> TVC: Televisão Comunitaria com variada programação estando 24 horas em funcionamento. É uma das quatro televisões não comerciais na cidade de Pelotas. Funcionou inicialmente somente Via Cabo. Depois passou a utilizar também as redes sociais. A Paróquia São José tinha uma hora semanal nesta tv com o programa São José em debate.

<sup>112</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo 2005. p. 15. v. 2.

<sup>113</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo 2005. p. 32. v. 2.

<sup>114</sup> INFORMATIVO PAROQUIA SÃO JOSÉ DO FRAGATA. Pelotas: Diário Popular, jul./ago. 2008.

<sup>115</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho Paroquial de Pastoral**. Ata n. 80. 2006. p. 61. v. 3.

<sup>116</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 93. 2006. p. 70. v. 3.

anos da criação da Paróquia São José. Assim encontramos registrado uma fala entre membros da comunidade São José em avaliação da mesma: “Festa dos 70 anos da Paróquia com a presença dos freis muito bom, bastante participativa, em todas as comunidades a novena foi muito bom. Parabéns à Irmã e Maria Inês pela animação e organização.”<sup>117</sup> A parabenização dirigida a estas duas últimas refere-se ao momento artístico-cultural na parte da tarde. Muito aplaudido pelas pessoas presentes, pela plasticidade nas apresentações de variados grupos. Esta festividade foi intensamente celebrada nos dez dias anteriores juntando duas ou três comunidades aproximadas geograficamente. Assumiram a liturgia, canto e confraternização, acolhendo todas as demais de forma aberta, culminando num domingo festivo com todas as comunidades presentes. Celebração Eucarística festiva, mateada e bancas ao estilo da festa junina a partir das nove horas estendida até às dezessete e trinta, tendo almoço ao meio dia. Bancas de alimentos a preços bem acessíveis e apresentações artísticas com casa lotada. A outra data especial foi um diaconado permanente: “Wilson Xavier falou sobre sua ordenação diaconal no dia 17 de maio de 2014, às 19:30hs com sugestão de tríduo três noites na Comunidade São José ou fazer por regiões ficou definido que é melhor por região assim abrange todas.”<sup>118</sup>

Em dezembro firmamos data para 2015: “[...]Festa junina das comunidades no dia 21 de junho de 2015. Também aprovado[...].”<sup>119</sup> Já em 2018, ocorreu dia nove de julho: “Festa julina das comunidades. Missa às 9 horas. Mateada das 10 às 17 horas com erva mate Elacy gratuita. Almoço de carreteiro e feijoada. À tarde, apresentações com muitos grupos. Foi um momento de integração das comunidades. Muito bom.”<sup>120</sup>

### 3.2 O DÍZIMO VIABILIZOU QUALIFICAÇÃO DE LIDERANÇAS

A comunidade sentiu a importância de que os seus espaços físicos e litúrgicos se tornassem mais agradáveis, melhores para viver. Estas comunidades sempre vivenciaram excelentes períodos na formação. Respeitando este belo passado com o

<sup>117</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho Pastoral da Comunidade São José**. Ata n. 260. 2015, p. 83. v. 4

<sup>118</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 110, 2006. p. 84 v. 3.

<sup>119</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 116, 2006. p. 90 v. 3.

<sup>120</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo. 2005. p. 79. v. 2.

acompanhamento de tantos bons agentes de pastoral que realizaram a sua parte. Em Assembleia extraordinária, brotaram sugestões para qualificar as pessoas à animação litúrgica: “Sonia propôs que as comunidades criem espaço para curso de violão ou outros instrumentos e também canto. O objetivo é que a comunidade incentive e também abrace estas despesas para que se crie novos grupos de animação.”<sup>121</sup>

### 3.2.1 Formação via Jornal Correio Riograndense

A Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana disponibilizou Curso de Teologia a distância via Jornal Correio Riograndense.<sup>122</sup> Esse curso já estava em andamento, porém, havia pessoas sem recursos para acessá-lo. Desta forma, “Ezenildo lembrou que todas as comunidades haviam recebido fichas de inscrições, mas que muitas pessoas não têm condições financeiras para fazer esse curso. Sugeriu que a comunidade faça a assinatura para as catequistas ou outras pessoas.”<sup>123</sup> As comunidades assumiram a assinatura do jornal para o curso à distância, conforme encontramos registrado em várias delas, como a Comunidade Maria de Nazaré: “A comunidade fará assinatura do jornal para o ‘Curso de Teologia a distância’, no valor de R\$ 72,00 (setenta e dois reais).<sup>124</sup> Esta comunidade abraçou com seriedade o estudo: “Os coordenadores Luiz e Elaine falaram sobre o Curso de Teologia a distância. Sugeriram um encontro para tirar dúvidas, sobre o estudo.”<sup>125</sup> Outra comunidade, Santo Antônio relatou assim a temática da teologia a distância:

Eu Judith coloquei sobre a assinatura do Jornal Correio Riograndense se a comunidade assinaria ou renovaria a assinatura para este ano para continuarmos com o curso de Teologia a distância, o que foi aceito a com. pagar a assinatura. Na primeira etapa do Curso foram aprovados Adi Claiton Vieira, Sueli Benites, Clelia Scaglione e Judith D. Joanol.<sup>126</sup>

<sup>121</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 132. 2004. p. 24. v. 2.

<sup>122</sup> Jornal Correio Riograndense é semanal, impresso na Gráfica São Miguel em Caxias do Sul, de propriedade dos Freis Capuchinhos. A Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana tem parceria com este jornal disponibilizando nele um curso de teologia à distancia.

<sup>123</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 132. 2004. p. 24 v. 2.

<sup>124</sup> COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Maria de Nazaré.** Ata n. 224. 1997. p. 43. v. 2.

<sup>125</sup> COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. Ata n. 224. 1997. p. 43 v. 2.

<sup>126</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Santo Antônio.** Ata n. 456. 1991. p. 173. v. 3.

Assim como a Comunidade Santo Antônio, que apostou no custeio da assinatura de jornal, para acessar o curso, também a Comunidade São Francisco, reunida em conselho, revelou a dificuldade econômica de vários dos seus membros:

Foi colocado pelos freis sobre curso de canto e violão, sendo que as CEBs devem investir em pessoas para trabalhar esta área. Foi colocado sobre a assinatura do Jornal Correio Riograndense, e a CEB decidiu esperar pela volta do coordenador para decidir. Maria Inês colocou que a CEB poderia realizar encontros para estudar, serão encontros mensais [...] só que achou o custo da assinatura elevado para a CEB custear. Marcia colocou que todas as lideranças deveriam participar dos estudos. Foi colocado a sugestão do Frei Natalino sobre a aquisição de um livro de estudo para os conselhos das CEBs. A Ceb ficou de encomendar um livro.<sup>127</sup>

Esta, decidiu em outra reunião, fazer assinatura do jornal para o curso de teologia e adquirir 10 livros sobre conselhos de pastoral para estudar no início das reuniões do conselho comunitário. No meio das opiniões sobre assinar ou não, foi socializado um dado que chamou a atenção. A metade das comunidades já tinham encaminhado uma ou mais assinaturas: “Onze comunidades já fizeram assinatura, e perguntou se há interesse em assinar o jornal. [...] Pedro colocou que a CEB deveria encaminhar a assinatura do jornal.”<sup>128</sup>

### 3.2.2 Formação nos Conselhos Comunitários de Pastoral

Uma regra importante nas comunidades era a rotatividade de lideranças que compunham o Conselho da Comunidade. Isto significava que pessoas novas no conselho, traziam suas experiências vividas no interior, com o modelo da diretoria e do presidente de comunidade. No intuito de caminhar no Espírito do Concílio Vaticano II e sua forma de conduzir uma comunidade em conselhos de pastoral, “Natalino frisa que precisamos reorganizar nossos conselhos. Sugeriu o estudo do livro ‘Conselho de Pastoral em Construção.’<sup>129</sup> Accelino lembrou que o Diretório está muito esquecido por parte das comunidades [...] para serem encomendados.”<sup>130</sup> O Diretório contém a natureza, a finalidade, as normas para as Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base, na sua relação entre os três níveis: comunidade, paróquia e diocese, bem como

<sup>127</sup> COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade São Francisco de Assis**. Ata n. 135. 2003. p. 17. v. 2.

<sup>128</sup> COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Ata n. 136. 2003. p. 18. v. 2.

<sup>129</sup> Conselhos de Pastoral em Construção: livro Diocese de Chapecó, SC. Tem como objetivo a organização em conselhos, conforme o Vaticano II sugeriu para toda a Igreja.

<sup>130</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 132. 2004. p. 24 v. 2.

as competências daqueles que compõem as suas coordenações. Já o livro Conselhos de Pastoral em formação tem uma finalidade formativa e prática pastoral. Trabalha o surgimento dos conselhos na igreja com o Concílio Vaticano II, o qual incentiva a participação dos leigos na missão da igreja. Cultiva a espiritualidade, os critérios para o perfil de um bom coordenador de conselho, formas integradas para coordenar uma comunidade. Isto tudo, buscando de uma pastoral de conjunto.

Encontramos nas comunidades o registro da seriedade nas decisões sobre a formação nos conselhos: “A partir de hoje será destinado trinta minutos para ler, refletir e comentar o livro ‘Conselhos de Pastoral’. O importante é a participação de todos. Logo após teve início a reunião do conselho.”<sup>131</sup> Este estudo gerou uma dinâmica: “Tivemos o segundo encontro para refletir e comentar o livro Conselhos de Pastoral. Sr. Luiz iniciou com o terceiro encontro do livro Conselhos de Pastoral. Em grupo comentamos.”<sup>132</sup>

O estudo deste livrinho teve a duração de um ano pela dinâmica empreendida nestas comunidades. Alguns anos depois, por não retomar este estudo no conselho de uma comunidade, seu coordenador não conseguiu compreender o espírito do evangelho e não entrou nesta caminhada. Este coordenador deixou a coordenação da mesma e se afastou desta comunidade porque tinha pessoas na vizinhança que entregavam 10% de seus rendimentos na Igreja Universal e vinham buscar mensalmente o sacolão de alimentos e roupas nesta comunidade. Percebi aqui que a prática da teologia da prosperidade fez com que famílias tivessem este comportamento com o seu dinheiro e em consequência os seus filhos pequenos passassem necessidade. Diante da fome das crianças a comunidade não as deixou desamparadas e as atendeu. Esta situação nos fez perder um coordenador e dizimista nesta comunidade que deixou de participar nela. Isto nos gerou um problema que precisa de caminhos para a sua solução. O diálogo não foi suficiente para mudar estes olhares e entendimentos em ambos os lados. Mostrou a importância da formação indicada por Jesus. Percebemos que seria de grande importância uma retomada do estudo sobre Conselhos de Pastoral neste espaço que lhe parece apropriado, mesmo que alguns possam opinar como algo não necessário, pois, já o estudaram.

---

<sup>131</sup> COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. Ata n. 224. 1997. p. 45. v. 2.

<sup>132</sup> COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. Ata n. 224. 1997. p. 45-46. v. 2.

### 3.2.3 Formação conforme as necessidades locais

Nestas várias modalidades de formação, seja a distância, elaborada pela ESTEF e veiculada pelo Jornal Correio Riograndense, ou, seja o livro Conselhos de Pastoral, estudado nos conselhos de cada comunidade, fez escola. Nasceram novas sugestões e, de forma organizada trouxemos professores pelotenses ao Fragata. Entre vários registros, destacamos: “Noite de estudo para os ministros extraordinários. O tema foi ADVENTO. A prof. <sup>a</sup> Tininha da UCPEL assessorou o encontro de formação. Os ministros mostraram-se muito atentos e interessados.”<sup>133</sup> A comunicação também foi proposta e se tornou realidade. “Formação pastoral da comunicação com o professor Manoel Jesus da UCPEL. Tema: MCS nos documentos da igreja. 1º encontro de uma serie. Presença: 130 pessoas, inclusive 4 pessoas da Líder FM.”<sup>134</sup> Esse tema continuou em estudo: “O professor Silon Rodrigues trabalhou no curso de comunicação o tema: a comunicação nos espaços internos da Igreja.”<sup>135</sup>

A sequência desta formação entrou em unidade com a Missão Popular Diocesana iniciada em 2005 nas paróquias do interior e que concluiu nas paróquias da cidade pelotense em 2007. Constou de equipes formadas por um padre e cinco membros de alguma comunidade de qualquer ponto da diocese que chegaram e permaneceram uma semana em cada comunidade. Isto demandou formação apropriada com roteiros elaborados pela diocese. Presenciei vários encontros formativos com o Padre Rômulo no Fragata com grande grupo de lideranças para esta demanda. O dízimo colaborou significativamente no custeio dos roteiros utilizados para a preparação destas missões diocesanas que ocorreram no Fragata. Também custeou lideranças que atuaram voluntariamente outros bairros pelotenses vizinhos e nos municípios vizinhos em 2006 e 2007, inclusive nos deslocamentos.

Durante estas missões o Bispo visitava pessoalmente todas as comunidades da diocese. No final desta atividade, Dom Jayme H. Chemello, elaborava um relatório da Visita Pastoral para cada paróquia. Assim consta um reconhecimento muito importante, sobre o dízimo:

No dia 5, às 16 horas: reunião com os visitantes e animadores das Santas Missões Populares. Fui acompanhado pelo Pe. Carlos Rômulo. O objetivo foi

<sup>133</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 2005. p. 9 v. 2.

<sup>134</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 2005. p. 15 v. 2.

<sup>135</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo 2005. p. 17 v. 2.

buscar um caminho de missão permanente na paróquia, formação da equipe paroquial missionária e, pelo menos, um representante em cada comunidade. A pastoral do dízimo e algumas outras pastorais podem animar a missão permanente, organizando mini-Missões, ajudando outras paróquias e, mesmo fora da Diocese. No dia 6 de agosto, às 14:20, encontro com o grupo de mulheres e visita ao Banco de Alimentos. No dia 7 de agosto, encontro com administradores, responsáveis do dízimo e do patrimônio. É notável o crescimento neste particular. O dízimo apresenta um grande valor, sobretudo no aspecto pastoral. As CEB's colocam o Templo no meio do povo, mas, o trabalho da pastoral do dízimo no Fragata, colocou particularmente as comunidades do povo em sintonia com a Igreja comunidade e paróquia. As finanças estão em dia e organizadas através de cadernetas jurídicas.<sup>136</sup>

Este termo e relatório do bispo diocesano mencionou o dízimo de forma direta tanto no impacto organizativo da sustentabilidade em si acentuando de forma incisiva o que ele destaca no aspecto pastoral. Mostrou sintonia entre o dízimo, as CEBs, o templo, o povo bem integrado entre si. São reflexos da formação de muitas boas lideranças. Nesta integração percebemos a colaboração do dízimo com a formação dos catequistas que atendeu um convite a eles dirigido. A Igreja Católica no Rio Grande do Sul promoveu um encontro estadual de catequistas. Com olhar formativo, a Paroquia São José lotou um ônibus: “Viagem a Santa Cruz dos catequistas será dia vinte e quatro de maio, o ônibus tem cinquenta lugares para toda paróquia. As catequistas da Comunidade São José terão suas passagens pagas pela comunidade.”<sup>137</sup> Importante clarear que a expressão “pagas pela comunidade” tem como pano de fundo a presença do dízimo. A exemplo desta, as demais comunidades também acertaram os valores das passagens aos seus catequistas.

### 3.2.4 Formação teológica assessorada pela ESTEF

O dízimo das comunidades custeou dezenas de pessoas em seus cursos formativos. Numa simples frase, encontramos na Comunidade Maria de Nazaré, o apoio na formação de seus membros. “Assuntos tratados: dar andamento na pesquisa sobre a fundação da CEB e o pagamento da formação de pessoas que participam do ‘Curso de Teologia’.”<sup>138</sup> A temática proposta pela Paroquia São José à ESTEF é fruto da escuta das sugestões nos conselhos comunitários. Apresentados à direção dos

<sup>136</sup> CHEMELLO, Jayme Henrique. **Termo e relatório da Visita Pastoral à Paróquia São José do Fragata**. Pelotas, ago. /2007.

<sup>137</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho Pastoral da Comunidade São José**. Ata n. 196. 2008. p. 16. v. 3.

<sup>138</sup> COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Maria de Nazaré**. 2006. p. 9 v. 3.

curso de extensão da ESTEF. Houve acolhida. Estes cursos foram bem divulgados nas comunidades:

Inicia neste mês de julho e estende-se até final de 2009 [...] **TEMAS ABORDADOS** – Diretrizes Gerais da Evangelização 2008 a 2010, doc. 87 da CNBB. –Introdução Geral à Bíblia e Teologia Paulina. –Atos dos Apóstolos. – Evangelhos Sinóticos. – Apocalipse. – Cristologia. –Eclesiologia. Conferências Episcopais Latino-Americanas, (ênfase em Aparecida). – Catequese. –Sacramentos. Liturgia. Teologia Moral. Fé e Política. Espiritualidade do Evangelizador.<sup>139</sup>

Todos os anos aconteciam avaliações do que era planejado e vivenciado, bem como uma projeção de continuidade. A coordenação das comunidades encaminhou a avaliação do ano 2009 para ser feita nos conselhos comunitários. O resultado desta foi apresentado em reunião do Conselho de Pastoral das Comunidades. Assim, consta “sobre curso de teologia 18 MB e 3 Bom; mais pessoas participar das comunidades, desconhece 01 – Branco 03. (veio da comunidade que não tem participante no curso).”<sup>140</sup> Além de estimular os espaços formativos, as comunidades não se eximiam de avaliar realisticamente a caminhada realizada, mesmo as suas falhas.

O apoio das comunidades tornou-se importante na formação de lideranças. Era evidente que algumas pessoas custeavam com seus recursos. Via que as comunidades colaboram economicamente com vários cursistas que necessitavam deste apoio. A tônica era a formação. Alguns não encaminharam pedido de certificado da ESTEF. Para estes, elaborou-se e foi entregue um certificado local. É fato o registro de cursos realizados: “Formatura da Teologia Popular. São 108 pessoas que se formaram acompanhados pela ESTEF. Grande parte pediu o certificado. Para alguns fornecemos certificado feito na paróquia. Parabéns. Foram 120 horas de curso. Em 2010 será 80 horas, com nova temática.”<sup>141</sup> Em novembro de 2010 encerrou-se mais um grupo de cursistas “[...] com presença do assessor da ESTEF do dia prof. Ildo Bohn Gass, na oportunidade foram entregues certificados para 61 cursistas.”<sup>142</sup> Entre os anos 2007 e 2011 a Paróquia São José, em cooperação com a Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, ESTEF, realizou vários cursos, totalizando 240 horas presenciais no Fragata nestes cinco anos. No dia de curso e formatura de

<sup>139</sup> INFORMATIVO PARÓQUIA SÃO JOSÉ DO FRAGATA. Pelotas: Diário Popular, n. piloto, jul./ago./2008. Pelotas, p. 2.

<sup>140</sup> PARÓQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 144. 2004. p. 37 v. 2.

<sup>141</sup> PARÓQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 46 v. 2.

<sup>142</sup> CURSO DE TEOLOGIA POPULAR DA PARÓQUIA SÃO JOSÉ. Pelotas: 2008. p. 9 v.

2011, avaliando a caminhada, registrou-se no livro próprio dos cursos: “Todos estavam felizes pelo curso acontecido e pelo aprendizado adquirido. Os participantes pediram houvesse continuidade para o ano 2012. O que acertamos de colocar em prática.”<sup>143</sup>

Em 2012 a Paroquia firmou um “CONVÊNIO DE COOPERAÇÃO ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA E PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO”<sup>144</sup>, com competências entre conveniada e conveniente realizando Curso de Teologia Popular, (CTP), Curso de Extensão Teológica aos membros das comunidades do Fragata. A formação que vem sendo realizada há anos ganhou um termo de oficialização desta realidade formativa vivida naquelas comunidades. Uma coordenação local é composta desde seu início por Gerda Scheer, Natalino Fioroti, Rosa Maria Martins e Luci Helena Aguilera. Há registro em livro de atas e de presença de cada pessoa inscrita. Várias equipes viabilizaram os encontros, desde o ambiente, a acolhida, a alimentação, a liturgia, a animação e a limpeza...

A ESTEF, além dos professores que formam o seu qualificado quadro docente, fez parcerias com faculdades locais, contatando professores da área, que foram assim aproximados às comunidades nos cursos buscados. Foram valorizados professores e universidades da região. Pelotas tem teologia que forma clero e diáconos das dioceses do sul gaúcho. Na temática bíblica Pelotas possui vários professores, dentre os quais, Paulo Schnorr e Dom Jacinto Bergmann. O curso de teologia reforçou nesta turma no período de oito horas a temática que está em construção na arquidiocese, “Dia 14/04 - Teologia e Espiritualidade do dízimo - Assessor – Frei Natalino Fioroti. [...] Dia 16/06 – Chaves para a leitura bíblica (na UCPEL) - Assessor – Dom Jacinto Bergmann.”<sup>145</sup> Aprofundou-se a pastoral litúrgica e temas a ela ligados, bem como história e espiritualidade do Franciscanismo.

Bom grupo concluiu: “Aos quinze dias do mês de dezembro de 2012, aconteceu o encerramento do curso de Teologia Popular do ano no total de 80 horas.”<sup>146</sup> Este trabalho de formação bíblica facilitou o nascimento de uma outra forma

---

<sup>143</sup> CURSO DE TEOLOGIA POPULAR DA PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2008, p. 14

<sup>144</sup> ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA. **Convênio de Cooperação Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana e Paroquia São José Operário**. Porto Alegre, 2012. p. 1.

<sup>145</sup> CURSO DE TEOLOGIA POPULAR DA PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2008, p. 17.

<sup>146</sup> CURSO DE TEOLOGIA POPULAR DA PAROQUIA SÃO JOSÉ, 2008, p. 18.

de estudo repercutindo a Bíblia e que a diocese passou a impulsionar. Trata-se da Leitura Orante da Bíblia realizada semanalmente na Comunidade São José e depois tomou forma grupal. “Há vários anos apostamos na Leitura Orante da Bíblia nas comunidades. Hoje realizamos reunião com coordenadores de grupos bíblicos. São 50 grupos. Nova coordenação: Maria Inês Silveira Rodrigues; Iolanda Ávila de Almeida, Marilene Volcan, Maria da Conceição Branco Fiss; Cíntia.”<sup>147</sup> Aqui chama a atenção dois dados interessantes. O primeiro, que existe uma coordenação de grupos para aprofundamento da palavra de Deus. O segundo, esta coordenação foi composta por mulheres. Na dinâmica de cada dois anos realizar uma troca de membros nas coordenações ocorreu o ingresso de homens na equipe. Ficou clareza que a formação não era estanque. Tinha uma organização permanente.

### **3.3 O DÍZIMO PROPORCIONA AJUDA MUTUA ENTRE AS COMUNIDADES**

A experiência do dízimo em comunidade viabilizou uma imensa alegria em agregar formação às lideranças. Esta formação abriu uma visão profundamente cristã de mutua ajuda entre comunidades e inclusive entre pessoas da comunidade. Nasceram pequenos gestos concretos que passam pela doação ou empréstimo entre as comunidades. Edifica-se um leque interessante quanto à forma de entre ajuda: aquisição de terreno para comunidade, segurança do prédio da igreja, consequência de assaltos, automóvel para o trabalho pastoral, reformas, etc.

#### **3.3.1 Doações para compra de terreno em vila humilde**

Estes gestos concretos, nasceram como propostas dialogadas no Conselho de Pastoral das Comunidades: “A Comunidade Divino Espírito Santo tem muita vontade de adquirir um terreno que tem ao lado do prédio para fazer uma cozinha, por isso pede a aprovação do conselho e ajuda das comunidades irmãs [...]”<sup>148</sup> Interessante notar que este pedido foi aprovado pelas comunidades e passa a ser incentivado: “7) Proposta da compra do terreno de 6 m por 24 metros ao lado do atual. Foi aprovado. Incentivamos que cada comunidade colabore com doação ou promoção e dê à Divino.”<sup>149</sup> No conselho de cada comunidade retorna este diálogo de doação

---

<sup>147</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 51. v. 2.

<sup>148</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 172. 2004. p. 85 v. 2.

<sup>149</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo. 2005. p. 17 v. 2.

como mostra a Comunidade Santo Antônio: “O Urbano colocou que a Com. Divino Espírito Santo está pedindo uma ajuda para as comunidades para a compra de um terreno, o conselho decidiu agora no momento doar cem reais, pois estamos em reforma na com.”<sup>150</sup> Assim, a Comunidade Divino Espírito Santo aumentou o seu terreno de seis para doze metros de frente. O esforço da Comunidade foi reconhecido e recebeu doações das demais comunidades que não relatei aqui.

A vila onde se encontra esta comunidade tem uma história interessante. Ela nasce de um projeto que visa resolver um problema social de moradia. Em meados dos anos 80, o governo municipal assentou centenas de famílias em situação de miséria extrema, numa área isolada, distante 9 quilômetros do centro da cidade. Constou na abertura de uma rua em linha reta, em meio a um campo aberto, entregando lotes localizados nos dois lados desta rua, com medida de 6 metros de frente por 24 metros de frente aos fundos. O contrato entre poder público e o morador convencionou o valor de cada lote em um salário mínimo, a ser quitado em sessenta parcelas mensais. Passados os cinco anos, tendo as guias pagas, os referidos moradores estavam aptos a receber o encaminhamento dado pelo poder público que possibilitava o registro da escritura em nome do morador. Ficou na responsabilidade de cada família providenciar a sua casa, a ligação da luz, e da água. A escola mais próxima localiza-se a três quilômetros e o posto de saúde, a cinco quilômetros, respectivamente, da entrada da vila. No passar dos anos, os moradores estenderam esta rua adiante, tornando-a comprida e habitando-a, em meio ao campo aberto.

### **3.3.2 Doações auxiliam comunidades e Santuário de Guadalupe**

A Comunidade Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Guabiroba edificou um pequeno salão com cozinha e banheiros e contou com várias doações em materiais e dinheiro. A planta da obra foi doada pelo Sr. Paulo Opa. “Está acontecendo um bom mutirão por parte da comunidade. Também está havendo empréstimos: a paróquia emprestou R\$ 1.500,00. A Comunidade São Pedro emprestou R\$ 1.500,00. A Comunidade Peregrinos do Amor emprestou R\$ 500,00.”<sup>151</sup> Outras comunidades estão sendo ajudadas, como a Comunidade São Benedito, a Comunidade Santa Luzia

---

<sup>150</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Santo Antônio.** Ata n. 471. 1991. p. 182. v. 3.

<sup>151</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo. 2005. p. 44. v. 2.

e a Comunidade Sagrado Coração de Maria. As demais comunidades atenderam um pedido de Dom Jayme para colaborar com o santuário. Entre outras, cito a Comunidade Santo Antônio: “Também foi colocado sobre o bingo do dia 9/9 (nove de setembro) para doação de auxílio na construção do Santuário, que poderia não se fazer e então dar R\$ 300,00 (trezentos reais). O conselho aprovou a doação.”<sup>152</sup>

A igreja São José não sabia o que era ser assaltada. Supõe-se porque ali residia o Sr. Leocádio, um jovem agricultor que saiu do interior com a esposa e crianças para tentar a vida na cidade. Sem moradia, ele foi acolhido por uma senhora idosa que lhe permitiu construir uma casinha de madeira nos fundos do seu terreno. Gesto que ela já realizara para outras famílias. Este senhor participava nos grupos de famílias em preparação ao natal e celebrações litúrgicas da Comunidade São José. Membros desta comunidade e, os freis de então, vendo sua participação lhe propõem a ser colaborador da comunidade exercendo serviços gerais. A casinha de madeira foi posta sobre o assoalho de um caminhão e colocada no terreno aos fundos da Igreja São José. A construção da Igreja São José e do salão foi concomitante, no ano de 1950. O salão começou em fevereiro: “Foi no início deste mês que se começou mesmo os trabalhos do salão. Vieram as primeiras pedras, areia cimento e se abriu alicerce.”<sup>153</sup> Registrou-se somente em maio o começo das obras na igreja: “A seis de maio de 1951, [...], e vasto programa da festa realiza-se a benção da pedra angular desta nova matriz provisória de São José, em Pelotas.”<sup>154</sup> Apesar das dificuldades econômicas na época, a obra foi erguida rapidamente e inaugurada: “Estas assinaturas são os padrinhos da nova Igreja Matriz provisória, que foi inaugurada a nove de setembro deste ano.”<sup>155</sup> Mais adiante retornaremos a comentar estes prédios.

Continuamos com a figura do Sr. Leocádio que residiu e trabalhou neste local durante trinta e seis anos. Era conhecido e respeitado por todos na redondeza. Aposentou-se e mudou-se para a sua casa própria, em outro bairro da cidade. Construiu sua casa com o seu suor. Poucos meses após sua mudança de endereço, na madrugada, ocorreu um assalto. Estava arrombada uma janela do banheiro anexo à igreja. Uma semana depois, num intervalo de 48 horas, ocorreram dois assaltos na secretaria, à mão armada, em horário de expediente. A igreja e secretaria viveram na

---

<sup>152</sup> ATAS DA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 490. 1991, p. 193 v. 3.

<sup>153</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 1943, p. 38. v. 1.

<sup>154</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 1943, p. 38. v. 1.

<sup>155</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 1943, p. 41. v. 1.

insegurança. Era necessária alguma adequação estrutural para dar segurança e bom atendimento. A solução foi um sistema de alarme monitorado gerando segurança pessoal e predial.

Estas instalações dos anos 50 mostraram outro problema: “como nenhuma janela abre totalmente, nem fecha totalmente, as comunidades vão colaborar com o dízimo para isto. Vidros para substituir igreja, salas e salões: 586 de vários tamanhos.”<sup>156</sup> Só para a troca de vidros era necessário R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). O equipamento do sistema de alarme, as mensalidades, materiais e mão de obra nas adequações do prédio, não é algo que a Comunidade e a Paroquia pudessem dispor de momento para outro. A coordenação apresentou várias sugestões na noite de aquecimento e após uma tempestade de ideias, “Walter sugeriu que o dízimo do mês de março de todas as comunidades, seja doado para paroquia, o que foi aprovado por todos.”<sup>157</sup> Ouvi a declaração de Accelino Agostini em referendo à ideia: “o Walter propôs uma solução justa. Doando o dízimo do mês todas as comunidades colaboram de forma igual. Sem discutir o valor monetário é doado o mesmo tamanho por cada comunidade”. Desta forma, aumentou o sentimento de pertença e fraternidade entre as comunidades e seus membros. O enorme problema tornou-se pequeno.

### **3.3.3 Empréstimo da Arquidiocese e dízimo doado melhoraram o patrimônio**

Nesta realidade, um veículo para o trabalho pastoral nas comunidades não era artigo de luxo, mas um instrumento de trabalho. Ao longo das décadas, várias formas foram empregadas para a aquisição do meio de locomoção para o atendimento pastoral. Por várias vezes ocorreu uma ajuda parcial, seja de católicos alemães, membros da comunidade ou doação dos próprios freis capuchinhos. Em meados de 2012 o governo federal retirou o imposto sobre produtos industrializados por um certo período barateando o valor do veículo gerando grande procura pela população. Membros do Conselho de Pastoral das Comunidades sugeriram a venda do gol atual e compra de um novo ligando doação do dízimo pelas comunidades. “A proposta de colaboração seria (2) dois meses de dízimo em meses alternados para pagar a diocese proposta aceita e aprovada para os meses de setembro e novembro.”<sup>158</sup> Com

---

<sup>156</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo 2005, p. 47. v. 2.

<sup>157</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 148. 2004, p. 42. v. 2.

<sup>158</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 161. 2004, p. 72. v. 2.

esta aprovação e empréstimo da diocese, pagamos à vista: “Graças à pastoral do dízimo. [...] venda Gol ILD 4514: R\$ 10.000,00; doação dízimo das comunidades R\$ 11.844,11; jantar dos missionários do dízimo: R\$ 489,00; caixa da Paroquia: R\$ 4.566,89. Total: R\$ 26.900,00. É o primeiro veículo custeado pelas próprias comunidades.”<sup>159</sup>

Esta última frase gravada no livro tombo expressou muito bem o gosto e a alegria experimentada por muitos nas comunidades diante da compra de um automóvel, custeado pelas mesmas. Esta conquista ganhou uma simbologia impressionante porque era corretamente visto por elas como um veículo a serviço. Muitos comentavam: “um pedaço dele é nosso”. A Arquidiocese Pelotense emprestou à paroquia R\$ 15.000,00, (quinze mil reais), que foi assim ressarcida: “Em setembro devolvemos à mitra R\$ 7.450,00 e em novembro devolvemos à mitra R\$ 7.550,00 zerando o custo do automóvel gol. Inédito, porque não dependemos da ADVENIAT<sup>160</sup>, nem da província<sup>161</sup>. Graças à pastoral do dízimo.”<sup>162</sup> Louvamos a nobre iniciativa da Arquidiocese, pois, mensalmente, ela recebe um percentual das comunidades. É um reconhecimento e mútua colaboração que abriu caminho para pequenos projetos entre comunidades e a Arquidiocese católica.

A Paroquia São José estava às portas de festejar um jubileu: 70 anos de criação. Mas estes prédios da comunidade já estavam beirando 62 anos de existência e apresentava sérios problemas com a presença de cupins nas madeiras e pintura externa do prédio construído em alvenaria. A Comunidade São José fez um projeto para a Mitra Arquidiocesana, nomeando-o Revitalização Parcial do Patrimônio da São José. Colocou na sua justificativa de auxílio: “A) Retirada da madeira infestada pelos cupins no revestimento interno da Igreja São José. Precisamos colocar um revestimento novo com algum tratamento contra esses insetos. B) Pintura Externa na Igreja e demais dependências da São José.”<sup>163</sup> A comunidade pediu um empréstimo no valor de R\$ 20.865,90. (Vinte mil, oitocentos e sessenta e cinco reais com noventa

<sup>159</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo. 2005, p. 52 v. 2.

<sup>160</sup> ADVNIAT é uma entidade da Igreja Católica da Alemanha criada após a 2ª guerra mundial. Nesta guerra o país foi destruído e foi ajudado pelos católicos de todo mundo para o seu reerguimento. Em sinal de agradecimento pelo gesto, em 1961 nasceu da Igreja alemã esta entidade que passou a ajudar economicamente a missão da Igreja Católica nos países mais pobres.

<sup>161</sup> Província é o termo popular para designar o campo de abrangência geográfica da atuação fraterna e pastoral dos freis capuchinhos.

<sup>162</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005, p. 52 v. 2.

<sup>163</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO. **Revitalização Parcial do Patrimônio da São José**. Pelotas, 2012, p. 1.

centavos). A comunidade possuía como contrapartida o valor de R\$ 5.387,47. O projeto foi acolhido e viabilizado pela Arquidiocese.

Em dezembro iniciou a sua execução na comunidade. Foram lavadas as grades e paredes externas. O trabalho da lixação e preparação das paredes foram realizadas e iniciou a pintura. “[...] em doze de dezembro de 2012 a Mitra Diocesana emprestou quatro mil e quatrocentos reais, que foi pagamento de quarenta por cento iniciais de mão de obra. [...] foi retirado da conta Banrisul cinco mil reais, foi devolvido à Mitra quatro mil e quatrocentos reais.”<sup>164</sup> Confeccionou-se as grades novas para as janelas situadas ao alto, pelo lado da Escola Sylvia Mello. Acrescentou-se doze mesas novas ao salão. No final de janeiro em 2013 ocorreu a tragédia da boate Kiss em Santa Maria. A tragédia repercutiu fortemente na sociedade brasileira e enrijeceu as regras de prevenção contra incêndio em todo o país. A comunidade foi pega de surpresa, porém, deu continuidade ao que estava em andamento. Em reunião do Conselho de Pastoral das Comunidades, falou-se das repercussões por causa da tragédia da Kiss: “Heitor Roberto Vieira coloca sobre adequação do salão da comunidade São José [...] A ideia do dízimo é boa, todos aceitaram doação de dois meses ou mais se necessário for.”<sup>165</sup> Estas doações foram efetivadas e Elíneo prestou conta às comunidades: “Recebemos das CEBS para CEB São José: Em outubro de 2013 – CEB N. Sr<sup>a</sup> Aparecida R\$ 2.000,00. Novembro de 2013: R\$ 4.947,82. Dezembro de 2013: R\$ 7.000,00. Fevereiro de 2014: R\$ 5.019,62.”<sup>166</sup> A própria paróquia repassou em 2014, mais de R\$ 9.000,00 reais, auxiliando a comunidade. Os fieis acrescentaram outras doações.

A Comunidade São José estava com as finanças em dia. Disposta a superar fragilidades com madeira e cupins fez novo projeto com a Arquidiocese, desta vez direcionado ao telhado, ainda original, do salão construído em 1961. “Nosso objetivo é fazer a troca do telhado atual que está comprometido pela entrada de cupins colocando um telhado com estrutura metálica, o que resolve o problema da madeira.”<sup>167</sup> O projeto foi orçado em R\$ 41.815,00. A comunidade dispunha de

---

<sup>164</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade São José**. Ata n. 198. 2008. p. 18. v. 3.

<sup>165</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 110. 2006, p. 84. v. 3.

<sup>166</sup> LOURENÇO, Elíneo. **Gastos aproximados nas obras da Igreja São José e salão**. Pelotas, 2014. p. 1.

<sup>167</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Comunidade São José. **Novo telhado do salão da Paróquia São José**. Pelotas, 2014. p. 2.

R\$ 6.000,00. Pediu à Arquidiocese R\$ 35.815,00. A comunidade pretendia devolver em parcelas mensais de R\$ 2.984,58. Na boa experiência anterior com trabalho desenvolvido corretamente e a devolução das parcelas em tempo hábil, a Comunidade São José foi atendida. Os trabalhos foram realizados e novamente Elíneo Lourenço fez a prestação de conta à comunidade:

Os recursos foram oriundos como segue: Empréstimo da Mitra Arquidiocesana: R\$ 35.000,00 aproximadamente. “Doações de Fiéis” R\$ 7.000,00 aproximadamente e, Paróquia SÃO JOSÉ R\$ 7.000,00 aproximadamente, que foi repassado para o pagamento de parte do Empréstimo da Mitra Arquidiocesana de Pelotas. Ressalvo, ainda, que foram gastos com o Sr RUBENS PASTORINI, (Pedreiro/Carpinteiro).<sup>168</sup>

Estas Exposições do Sr. Elíneo prestaram contas do empréstimo com a Arquidiocese. Os documentos apresentados colocam mais detalhes. Esta melhoria no salão da comunidade animou para novo desafio na melhoria de seu patrimônio.

### **3.3.4 Comunidades doam e emprestam à Comunidade São José**

O piso da igreja apresentava um avançado estado de deterioração. Não tinha como protelar mais. Assim, em 2016 projetou-se uma desafiadora troca do piso prevendo recursos da própria comunidade para o ano seguinte celebrado num acordo com o Sr. Mário Kohn. Esta obra iniciou em 1º de novembro de 2017. Na véspera, os bancos da igreja são transportados em mutirão para o salão de forma que a igreja fica completamente vazia. Em quarenta e cinco dias a obra estava realizada.

Prestamos conta dos gastos do piso de porcelanato novo na Igreja São José. Total de gastos foi R\$ 59.005,95, sendo mão de obra R\$ 25.000,00 e de materiais R\$ 34.005,95. Para fazer frente o total de doações de comunidades foi R\$ 10.000,00 sendo 5 mil da São Pedro, 3 mil da Guadalupe, 1 mil Lourdes, 1 mil Jesus de Nazaré. A paróquia doou R\$ 7.800,00. Sr Inerci Swants trouxe R\$ 9.200,00 doados em livro ouro. R\$ 14.500,00 pessoas doaram em mãos e não quiseram nome divulgado. Duas comunidades emprestaram R\$ 5.000,00 cada uma: Guadalupe e Aparecida. Entre o livro ouro na porta da igreja e a caixa de obras na frente do altar: R\$ 7.505,95.<sup>169</sup>

O espírito de cooperação estava muito forte nas comunidades e seus membros. É clara a forma variada no dar: de comunidade para outra e pessoas para a comunidade. É registrado em livro ouro os nomes e valor doado. Havia quem não quisesse o nome divulgado. A doação anônima era colocada num recipiente

<sup>168</sup> LOURENÇO, 2015. p. 2.

<sup>169</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo. 2005. p. 75 v. 2.

denominado caixa de obras. Enquanto era realizada a obra do piso, outra obra estava em andamento: era o telhado do salão superior “A reforma do salão de cima pedir ajuda financeira para as Comunidades.”<sup>170</sup> Como vemos este pedido foi correspondido.

Registramos que o salão lado para a quadra não tinha forro. Total: R\$ 15.421,00 sem a mão de obra do Sr. Rubens Pastorini que foi custeado pela Comunidade São José à parte. Doações das comunidades: São Francisco R\$ 3.000,00; São Judas R\$ 500,00; São João Evangelista R\$ 300,00; São Jorge R\$ 200,00; Divino Espírito Santo R\$ 1.500,00; São Lucas R\$ 749,75; Santa Luzia R\$ 231,00; N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Aparecida R\$ 1.500,00; Peregrinos do Amor R\$ 185,85; Maria de Nazaré R\$ 5.000,00; Santo Antônio R\$ 509,40 e Paróquia São José R\$ 1.700,00. O telhado do salão ficou muito bom. Tanto o piso quanto o salão são fruto de um belo momento da unidade das comunidades e do povo num momento difícil que os brasileiros vivem. Parabéns. Em tempo: muito está sendo feito pela comunidade São José que não registramos como a churrasqueira já pronta, central de gás e outras coisas. As duas escadas novas dentro da igreja já foram revestidas com o porcelanato tendo mão de obra R\$ 2.600,00 pagos pela paróquia. Ficou muito bom.<sup>171</sup>

O salão superior mudou sua fotografia com a ajuda das comunidades. A Comunidade Maria de Nazaré confirmou sua doação: “Nossa comunidade fará uma doação de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), para ajudar nas despesas. Se precisar mais, a comunidade irá emprestar o valor que estiver dentro de nossas possibilidades.”<sup>172</sup> Foram remodelados e feitos novos banheiros masculinos e femininos. A cozinha também. Com isto, este segundo salão também estava resgatado para uso. Faltou nele uma pintura adequada: “o frei nos disse ainda que a loja Modelar fez uma proposta para pintura do salão superior, incluindo janelas e paredes por dois mil, seiscentos e oitenta reais e nos deu a sugestão de utilizar o almoço para as obras, o que pelo consentimento de todos será feito.”<sup>173</sup> Esta obra foi realizada e paga no ano seguinte.

### 3.4 O DÍZIMO PERMITE PARCERIAS COM ENTIDADES

Vimos que a prática da fraternidade e da doação ganhou muita força nas comunidades. Isto despertou um espírito de gratuidade de outras formas. As comunidades perceberam que estes gestos internos poderiam se alastrar em busca

<sup>170</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. Ata n. 192. 2008, p. 12 v. 3.

<sup>171</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 76. v. 2.

<sup>172</sup> COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. Ata n. 347, 2006. p. 39 v. 3.

<sup>173</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. Ata n. 192, 2008, p. 13 v. 3.

de aliados na causa comunitária. Assim, abrindo espaço para parcerias com entidades civis poderiam, mesmo com poucos recursos, favorecer a vida de muita gente pobre que não o seria se esse passo não fosse dado.

### **3.4.1 Parceria com SINDIVEST e entidades evidencia área têxtil**

A comunidade São José percebeu que pode colocar um pouco de suas dependências a serviço das pessoas que precisam se qualificar para o trabalho. No primeiro momento aconteceu um diálogo entre o Conselho da Comunidade São José que convidou a Coordenação Pastoral do Conselho das Comunidades para tratar disto. A comunidade disponibilizaria um espaço físico, gratuitamente, beneficiando desempregados se fosse aceito. “Serão 30 vagas com promessa de colocação no mercado de trabalho dos participantes, visto ser apresentado a pessoas desempregadas. Terá duração de um mês, 4 horas aula (tarde x noite). O custo gasto com energia elétrica será repassado à Paróquia.”<sup>174</sup>

Aprovou-se e possibilitou-se uma resposta positiva aos proponentes. Segundo o Sérgio, tinha proposta de custeio da energia elétrica. A comunidade, além do espaço físico, entraria com os banheiros, a água, a higienização do ambiente, produtos de limpeza. Este trabalho seria realizado pelo colaborador da comunidade. O dízimo permitiu a Comunidade São José propor parcerias e colocar à disposição gratuitamente o seu salão superior para esta finalidade. Dia 6 de outubro foi dado a conhecer a todos esta possível parceria.

Sérgio colocou para Assembleia provável realização de um curso de costura industrial aqui na nossa paróquia em parceria com Sindinvest<sup>175</sup>, Prefeitura, Sesi<sup>176</sup>. Serão 30 vagas com 25 dias de duração, 4 horas aula, dois turnos, tarde e noite. Serão colocadas 4 máquinas no salão de cima, serão feitas as fichas na secretaria e nas comunidades mas haverá uma seleção. Sugerem que se inscrevam pessoas desempregadas e que queiram realmente trabalhar, com idade preferencial acima de 25 anos. Haverá divulgação por parte da empresa e entrega de certificados no final.<sup>177</sup>

---

<sup>174</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 147, 2004. p. 40 v. 2.

<sup>175</sup> SINDIVEST é o Sindicato das Indústrias do Vestuário de Pelotas. Esta aprendizagem é na costura industrial para qualificar pessoas no ramo têxtil.

<sup>176</sup> Sesi é uma organização de serviço social em Pelotas, ligado ao Sesi RS. Sesi RS disponibiliza 20 máquinas, sendo cinco delas de cada modelo, no conjunto de quatro modelos de equipamento, precavendo imprevistos.

<sup>177</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata 148, 2005. p. 42. v. 2.

As quatro máquinas referidas acima pelo secretário, não tem um sentido de unidades, mas modelo de máquinas diferenciadas entre si que fazem um trabalho específico, uma costura diferente entre si. Foram trazidas e instaladas no total de vinte máquinas, restando sempre na sobra um exemplar de cada modelo para algum eventual dano que possa ocorrer. Assim, o curso não teria prejuízo ao aprendiz em caso de algum possível dano nos equipamentos. “Iniciou o curso profissionalizante para 2 turmas de 15 pessoas com 100 horas para cada turma, capacitando-os para costura industrial. A previsão do curso iniciado hoje é estender-se até 21 de dezembro”.<sup>178</sup> Ao visitar a Malharia De Cores, a convite do proprietário membro da família Swants, situada à Av. Duque de Caxias, próxima à igreja, convidado para conhecer a produção de malhas. Vi ali, entre os trabalhadores mais antigos, algumas pessoas que aprenderam a lidar nas máquinas industriais neste referido curso. Entre outras, duas mulheres trabalhadoras, mãe e filha, oriundas do interior e participantes assíduas na Comunidade São Paulo.

### **3.4.2 Parceria com entidades cria Sala Digital**

Em 2007 iniciaram diálogos entre Natalino Fioroti e Vilmar Coelho sobre informática básica gratuita voltada à população mais carente. Este diálogo ampliou-se com mais dois membros da Associação Literária São Boaventura sobre a possível abertura de uma sala digital. Em 31 de janeiro de 2008 foi construído um plano de ação, mas era preciso montar uma sala. Assim, iniciam-se busca de parceiros e materiais para a referida sala: “Em março saiu a doação de ferro da Ferraço para 2 janelas e 3 portas. Doli doou mão de obra de 2 portas. Um doador anônimo apoiou o projeto com R\$ 500,00 concluindo essa mão de obra.”<sup>179</sup> Continuou a busca de mais parceiros para equipar a sala:

A Coelho's Automação doou os 7 computadores e um servidor, bem como a mão de obra para a instalação da rede na sala. Doou também o material e a mão de obra das mesas. Conseguiu tinta e fez a pintura. A padaria Estrela doou 4 computadores. A Associação Lit. São Boaventura doou 2 computadores, galvanizou as portas e janelas com fechaduras, colocou os materiais de fiação da rede toda e a internet. Vai bancar também um

---

<sup>178</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 9 v. 2.

<sup>179</sup> SALA DIGITAL CAIA NA REDE. Pelotas, 2008. p. 1 v.

estagiário do SENAC com 20 horas semanais. Thiago Klug instalou o programa-rede.<sup>180</sup>

No dia 1º de abril de 2008, a Paroquia São José firmou Convenio de Parceria com a Sociedade Literária São Boaventura, viabilizando a Sala Digital Caia na Rede, para as idades mais frágeis. A Paroquia São José figura como conveniada. Disponibilizou para este projeto seu melhor e mais seguro espaço em termos de salas.

As atividades realizadas pela CONVENIADA deverão ser de forma permanente, planejada e contínua, observando a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice, o amparo às crianças e adolescentes carentes, a promoção da integração ao mercado de trabalho, a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária.<sup>181</sup>

Este convenio de parceria estabeleceu na cláusula terceira “**Parágrafo segundo** - A CONVENIADA se responsabiliza pelas despesas de adequação do espaço às necessidades do projeto, bem como com as despesas de água, luz, telefone, e todas as despesas para o desenvolvimento do projeto.”<sup>182</sup> O Curso Básico de Informática tem 60 horas-aula e consta de: Windows, Word, Power Point, Excel e Internet. As aulas iniciaram no dia 28 de abril de 2.008. Dois dias antes de abrir a sala ocorreu a apresentação dos alunos, professores e responsáveis.

No sábado 26 foi a apresentação dos alunos da sala, estagiário: André, Natalino, coordenador da sala e professores do SENAC: Professor Mário Capanema, Ulisses, coordenador do Curso Superior de Análises e Desenvolvimento de Sistemas; prof.ª Bianca; prof.ª Cibele Crist; prof.ª Rosaura e dois estudantes voluntários. Esta parceria do SENAC tem um diferencial em Pelotas: é o 1º projeto fora das paredes do SENAC. Fez o Projeto de Responsabilidade Social: ‘Oficina: Tecnologia da Informação’, tendo 2 tardes por semana: 4ªs e sábados.<sup>183</sup>

Ocorreu uma reflexão entre Paroquia São José e Associação Literária São Boaventura no sentido de ter-se montado uma excelente estrutura na sala para a disponibilização somente para quartas e sábados à tarde. A sala poderia ser melhor aproveitada. Desembocou neste encaminhamento: “No dia 23 de maio de 2.008 é firmado Termo de Compromisso de Estágio sendo unidade concedente Associação Literária São Boaventura, estagiário André Gomes da Silva, Instituição de Ensino: Faculdade de Tecnologia SENAC Pelotas e Agente de Integração: CIEE/RS.”<sup>184</sup> Desta

<sup>180</sup> SALA DIGITAL CAIA NA REDE, 2008, p. 2.

<sup>181</sup> ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA SÃO BOAVENTURA. **Convenio de Parceria**. Pelotas. 2008. p. 1.

<sup>182</sup> ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA SÃO BOAVENTURA. 2008, p. 1.

<sup>183</sup> SALA DIGITAL CAIA NA REDE, 2008, p. 2.

<sup>184</sup> SALA DIGITAL CAIA NA REDE, 2008, p. 2.

forma passou a ter aulas também nas tardes de segunda, terça, quinta e sexta feira, ampliando de 24 para um número maior de beneficiados: “O projeto Caia na Rede é um curso básico de informática com diploma, de 60 horas aula envolvendo os conteúdos Windows, Word, Excel, Power Point e Internet e já beneficia 69 pessoas, em situação de vulnerabilidade social.”<sup>185</sup> Formaram-se 65 pessoas nesse primeiro semestre. Com novo adendo na parceria, as pessoas que receberam certificado pelo SENAC foram 50. O dobro do pensado inicialmente. Os demais 15 recebem certificado pela Associação Literária São Boaventura e pela Paróquia São José.

No dia 23 de agosto de 2008, com a presença dos formandos, do Sr. Paulo da Padaria Estrela, Vilmar Coelho da Coelho's Automação, Natalino Fioroti da Associação Literária São Boaventura e Paróquia São José, com imprensa do SENAC, professores e Diretores, familiares dos formandos, no salão paroquial foram entregues certificados pelo SENAC, e pela Assoc. Lit. São Boaventura a seguir [...].<sup>186</sup>

O SENAC participou somente neste primeiro grupo e não pode refazer a parceria devido a problemas ocorridos em outro local, a unidade do SENAC de Santa Maria. Todos lamentaram a sua não continuidade. A parceria entre Paróquia São José com a Associação Literária São Boaventura, e também com a Padaria Estrela e Coelho's Automação, segue adiante. O André foi efetivado no quadro de colaboradores da Associação Lit. São Boaventura. Ampliaram-se as turmas. Criou-se horários nos turnos da manhã, da tarde e da noite, aumentando a capacidade de acolhimento com novas e mais inscrições a cada semestre.

As pessoas que se inscreviam, sempre gratuitamente, na Sala Digital Caia na Rede preenchiam um requisito de idade mínima, mas não tinha idade máxima. Nos primeiros anos de atividade, foi “**Público Alvo:** jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos, em situação de vulnerabilidade social. **Idade:** a partir de 14 anos. [...] **Documentos necessários para a inscrição:** Carteira de identidade. Comprovante de renda familiar.”<sup>187</sup> A sala passou a acolher turmas com adultos e idosos. A experiência prática ensinou e utilizou-se um critério de maior ou menor dificuldade no manuseio com o computador. As turmas foram montadas por beneficiados com idades aproximadas. Aprendizagem de 14 a 15 anos. Adolescentes e jovens de 16 a 18 anos.

---

<sup>185</sup> INFORMATIVO PAROQUIA SÃO JOSÉ DO FRAGATA, 2008, p. 2.

<sup>186</sup> SALA DIGITAL CAIA NA REDE, 2008, p. 2.

<sup>187</sup> INFORMATIVO PAROQUIA SÃO JOSÉ DO FRAGATA. Pelotas: Diário Popular, n. piloto, jul./ago./2008. p. 2.

Juventude de 19 anos até os 29. Grupos formados por adultos entre 30 e 39 anos. Turmas de meia idade, entre 40 e 55 anos. Desta faixa etária até os 65 anos. Havia turma acima desta última faixa etária.

No cotidiano da sala percebeu-se alguns dados que estimulavam os exercícios para aprender a pesquisa na internet. As mulheres demonstraram um interesse mais aguçado pela culinária, o que, além do objetivo que é o aprendizado, repercutiu no incremento da culinária. Traziam alguns pratos para partilhar na sala. Pelotas tem uma característica universitária e anualmente formam-se centenas de jovens sem postos de trabalho. Para exercer um trabalho profissional partem pelo Rio Grande do Sul e Brasil afora. Uma das dificuldades dos pais é a comunicação com seus filhos que estão longe por causa do emprego conforme atesta até o bispo: “Continuando, D. Jayme disse que duas a três vezes por semana vai à Universidade e que o número de alunos que vai à procura dele em busca de emprego é impressionante, pois Ninguém quer ir embora, mas não há outra alternativa aqui não há emprego.”<sup>188</sup>

Na Sala Digital estes pais conheceram as ferramentas sociais que possibilitou o diálogo com os seus filhos distantes. Outro dado relevante para os adultos e idosos foi a independência conquistada junto aos caixas eletrônicos nos bancos. Estes, especialmente os aposentados, ganharam autonomia e não mais necessitam da ajuda de alguma pessoa para o saque de seus vencimentos, e algum pagamento. Ouvimos estas declarações no dia a dia destas pessoas. Também foram vistos em locais públicos a facilidade em equipamentos eletrônicos deste aprendizado.

### **3.4.3 Frutos da Sala digital**

A terceira turma de informática foi uma experiência ímpar. Ela acontecia todas as tardes de segunda a sexta-feira nos meses de janeiro e de fevereiro de 2009. Voltada especialmente aos adolescentes e jovens das comunidades, como a Comunidade Divino Espírito Santo, na Vila Carvalho, a Comunidade São João Evangelista, a Comunidade São Francisco de Assis e a Comunidade São José. São

---

<sup>188</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 181, 2004, p. 95 v. 2.

23 formandos que receberam diploma dia 25 de fevereiro de 2009. Boa parte deles residiam a 9 quilômetros, ou mais, da sala digital e se deslocavam de bicicleta.

Nesta turma temos uma primeira grata surpresa no dia da formatura: “Para nossa alegria, um dos jovens partilhou conosco a sua entrada no exército e perguntados sobre se alguém tinha Curso de Informática, ele falou do curso e foi anexado para trabalhar na informática do quartel.”<sup>189</sup> O seu nome é Claudiomiro Nogueira da Silva, registro número 6 desta turma. Um dos 70 jovens alistados servindo naquela unidade. Os outros 69 foram dispensados do exército por não terem nenhum contato com informática. Somente Claudiomiro pelo seu curso na sala digital Caia na Rede foi efetivado na corporação trabalhando no escritório. Aqui, o próprio, no momento da avaliação do curso, feliz, partilhou que, graças à Sala Digital, conseguiu o seu primeiro emprego. Existem relatos de várias pessoas das turmas desta sala digital que conseguiram emprego em estabelecimentos comerciais e outros serviços que possuem equipamentos eletrônicos, devido à entrada gradativa da questão tecnológica nestes estabelecimentos.

O aprendizado da informática básica assumiu um fator significativo para estes jovens que tiveram as suas vidas facilitadas para o trabalho e os estudos, em escolas e universidades. Assim aconteceu com Rafael Garcia Oliveira, registro número 18 desta mesma turma. Este menino tinha doze anos. Apresentamos Rafael: “criança nasceu dia 27/06/96 [...] Recebe alta hospitalar em condições boas, tendo evoluído bem.”<sup>190</sup> Era um menino especial: “CONCLUSÃO: Desnervação da mão (e antebraço) esquerdo de instalação não recente, compatível com patologia intrauterina (banda constritiva amniótica de Streeters).”<sup>191</sup> Aos seus 18 anos, começou a trabalhar num famoso escritório de advocacia, denominado Casarão Imóveis, pela cota de deficientes e conforme consta no termo de rescisão, iniciou o trabalho no “dia 30 de junho de 2014, até 01 de março de 2017, saindo do serviço a seu pedido.”<sup>192</sup> Cumpriu-se assim um dos objetivos da sala digital que era a inclusão de deficientes físicos no mundo do trabalho para buscar seus estudos na faculdade. O lado bonito disto tudo foi o encorajamento, a autoestima que brotou na vida deste jovem. Ele continuou a

---

<sup>189</sup> SALA DIGITAL CAIA NA REDE 2008, p. 5.

<sup>190</sup> SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICENCIA, 1996. p. 1.

<sup>191</sup> UNIDADE DE NEUROFISIOLOGIA CLÍNICA DR MARTIN RAIMAR PÖRTNER. Porto Alegre, 1996. p. 1.

<sup>192</sup> NEVES & FILHOS. **Administração e Intermediação de Imóveis Ltda.** Termo de rescisão do contrato de trabalho. Pelotas. 2017. p. 1.

desafiar-se na área da informática iniciada. “Certificam que, RAFAEL GARCIA OLIVEIRA frequentou o Curso de Informática Básica com 60 horas (Windows, Word e Power Point, Excel e Internet).”<sup>193</sup> Deslocava-se diariamente de Pelotas a Rio Grande, até a Universidade Federal de Rio Grande, onde estudava engenharia da computação. Certamente lhe abre mais horizontes e possibilidades na vida, pelo sistema de cotas. “CURSO: ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO [...]V413- Candidatos com deficiência.”<sup>194</sup>

Outra menina desta mesma turma, com registro número 11, era Gláucia Potenza Soares. Ela se tornou catequista na Comunidade São João Evangelista. Foi em busca da sua formação acadêmica e formou-se em matemática<sup>195</sup>. Esta jovem aprofundou seu aprendizado e tornou-se mestra.<sup>196</sup> Que alegria ver as conquistas destes jovens com a Sala Digital Caia na Rede.

Alguns professores ou diretores de escolas, conheciam a Sala Digital Caia na Rede através da comunidade, jornal ou televisão. Houve convites de visitas por parte da Coordenação de algumas escolas para a Coordenação da Sala Digital Caia na Rede. Nestas visitas deram a conhecer em suas escolas, como estava a questão da informática para os estudantes: tinham equipamentos novos e bons. O detalhe era que ainda estavam com os equipamentos estocados dentro das caixas intactas, numa sala. Deram ciência que várias escolas tinham os computadores, mas sequer haviam sido montadas as salas, muito menos os professores receberam formação para manuseá-los. Não tinham como ensinar aos alunos. Alguns professores foram acolhidos nesta nossa sala digital com a intensão de que viesse a facilitar o seu trabalho nestas escolas.

Nossa visão social permitiu qualificar trabalhadores. Nasceu uma nova parceria da Sala Digital Caia na Rede através da Associação Literária São Boaventura com uma Associação de Moradores. “A Associação das Vilas Reunidas FRAGET [...] também ficará responsável por elaborar a apostila dos cursos e certificados de conclusão.”<sup>197</sup> Essa parceria incluiu turmas formadas por agentes ambientais atuantes

---

<sup>193</sup> ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA SÃO BOAVENTURA, 2009. p. 1.

<sup>194</sup> FURG. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Curso Engenharia da Computação. Rio Grande, 2017. p. 1.

<sup>195</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Licenciado em Matemática. Pelotas, 2012. p. 1.

<sup>196</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Mestra em Educação Matemática. Pelotas, 2019. p. 1.

<sup>197</sup> ASSOCIAÇÃO DAS VILAS REUNIDAS FRAGET. **Termo de Parceria**. Pelotas, 2015. p. 1.

no galpão de reciclagem do FRAGET e por membros integrantes do Grupo de Mulheres que fazia costura, pintura e artesanato. Moradores membros da Associação com o “Projeto FRAGET Empreendedorismo e Sustentabilidade.”<sup>198</sup> Fazendo frente ao desemprego, os Agentes Ambientais sustentavam diretamente 14 famílias e várias dezenas de outras famílias de catadores que levavam materiais ao referido galpão. A atuação destes recicladores impactou nas ruas do Bairro. Não se viam plásticos, papéis e latas rolando pelas ruas próximas ao galpão. Era a área mais limpa da cidade sem estes resíduos perdidos. Um trabalho ecológico magnífico.

### 3.5 O DÍZIMO DESPERTA SOLIDARIEDADE

No capítulo anterior vimos que o dízimo, gesto de fé, dado pelos fiéis e colocado em comum, com criatividade, teve um efeito multiplicador. Ele abriu a possibilidade de colocar o patrimônio da comunidade a serviço com parcerias. Facilitou a formação profissional para o mundo do trabalho. Foi o caso da costura industrial que deu um retorno interessante e beneficiou as pessoas simples das próprias comunidades. A Sala Digital Caia na Rede foi uma parceria com a Sociedade Literária São Boaventura que proporcionou a integração de pessoas e entidades. Tornou-se de grande utilidade para as mais variadas idades. A informática colaborou no desenvolvimento humano. Seus resultados foram multiplicadores na melhoria das condições de vida com mais dignidade.

#### 3.5.1 Solidariedade na Saúde

Os membros das comunidades criaram um olhar para as necessidades pessoais, familiares e da vizinhança. Havia diálogos preocupados com a saúde. Era julho de 2009 e nasceu na Comunidade Santo Antônio a Pastoral da saúde.<sup>199</sup> Este Conselho realizou um belo desafio. “Tânia falou ainda sobre uma proposta de a Irmã

---

<sup>198</sup> ASSOCIAÇÃO DAS VILAS REUNIDAS FRAGET. **Projeto FRAGET Empreendedorismo e Sustentabilidade**. Pelotas, 2015, p. 12.

<sup>199</sup> Pastoral da Saúde: esta pastoral trata da saúde com remédios naturais feitos na comunidade em vista dos pobres. Trata da gripe, anemia, depressão e outras doenças. Vi um Senhor acamado que tinha infecção no osso da perna e a orientação médica foi amputa-la. Este Senhor não queria perder a perna e buscou auxílio nesta comunidade. Estes remédios curaram a infecção. Inicialmente estes remédios a retiraram de dentro do osso. Depois refez a carne que cobriu o osso e posteriormente a pele cobriu a carne. Este homem voltou a andar de muletas e depois as deixou de lado. Irmã Assunta com esta pastoral o ajudou salvando sua perna. Este autor é testemunha ocular disto.

Assunta<sup>200</sup> trazer a Pastoral da Saúde para a Comunidade Santo Antônio. A ideia foi aprovada por todos.”<sup>201</sup> Em outubro, o tema voltou com muita força: “sobre a Pastoral da Saúde, a Cléia falou que a Irmã Assunta disse que gostaria de começar o trabalho da Pastoral. Todos gostaram da ideia. Foi sugerido pela Tânia de se fazer uma nova peça. O Urbano e seu Rubens irão ver um orçamento.”<sup>202</sup> A ideia de construir este novo espaço para a Pastoral da Saúde ganhou corpo inclusive entre os jovens da comunidade: “[...] para ajudar nas obras da comunidade. A ideia foi aprovada por todos. A seguir Cleia falou que nos dias 28 e 29 a Irmã Assunta virá na comunidade ensinar a fazer remédios e quem tiver vidros de Nescafé podem trazer nesse dia.”<sup>203</sup>

A cada reunião davam-se passos. “Tânia falou ainda sobre o curso com a Irmã Assunta que tiveram o primeiro encontro da Pastoral da Saúde que veio um bom número de pessoas, participaram o Frei Natalino e também a Irmã Assunta ficou muito contente.”<sup>204</sup> Já é algo mais que uma peça no diálogo do conselho: “Sobre a obra seu Rubens pergunta onde vai ficar as peças? Tânia falou que será melhor ao lado das caixas de água para não causar desconforto para a comunidade. Seu Rubens disse que precisa p/ a obra (ferro, brita, areia, etc.).”<sup>205</sup>

A prestação de contas mensal desta comunidade deu clareza que todas as suas entradas, fossem promoções, as ofertas e o dízimo foram colocados nesta obra. Eram duas novas salas e a recuperação de outras duas já existentes, dedicadas à saúde. “Tânia disse que tem pessoas dispostas a ajudar na obra e vai pedir que falem com seu Rubens. Após seu Rubens falou que seria bom se tivesse uma betoneira. O Ezenildo disse que tem uma, mas é pequena. Tania disse que seria bom janelas pequenas e compridas.”<sup>206</sup> As salas foram construídas em mutirão pelo Sr Rubens e Sr Urbano, aposentados. Participantes na comunidade, ergueram a obra sem custo na mão de obra. “Após seu Rubens disse que seu Arno doou uma porta completa e

---

<sup>200</sup> Irmã Assunta Tacca. Nasceu em Ivorá, RS, em março de 1924. Seu nome civil é Marculina Tacca. É da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Aos 36 anos, coberta de feridas, a medicina convencional lhe projetou 1 mes de vida. Partiu para o meio dos índios na Amazonia. Foi curada pelos indígenas onde aprendeu na carne a sabedoria indígena do que a natureza oferece. Agradecida pela vida passou a trabalhar com saúde alternativa, medicina popular, cultivo de plantas medicinais. Conhece bem a área de fitoterapia, homeopatia, massoterapia, enfermagem e sabedoria popular. Trabalha com equipes de voluntarios e de forma ecumênica. Muito conhecida na região.

<sup>201</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. 2008, p. 12. v. 4.

<sup>202</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 540, 2008. p. 14. v. 4.

<sup>203</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 541, 2008. p. 15. v. 4.

<sup>204</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 542, 2008. p. 15 v. 4.

<sup>205</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 543, 2008. p. 16. v. 4.

<sup>206</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 544, 2008, p. 16. v. 4.

teve outras doações de pedras, cimento e argamassa. Mara Medeiros doou R\$ 80,00. Renato Escalione, um saco de cimento. Seu Nelson doou uma porta [...] vai ter um mutirão para colocar o telhado.”<sup>207</sup>

As compras e doações continuaram elencadas: “Após seu Rubens disse que já foi comprado o ferro para as peças da pastoral. Seu Jorge 13 sacos de cimento. Darci Reinhardt e Ivanir as telhas. Judith R\$ 10,00. Maria Enilda 1 saco de cimento, Maria Amaral R\$ 20,00. Davi 1 saco cimento, Ledemar material elétrico.”<sup>208</sup> A construção andou e chegou o dia da sua inauguração: “Um acontecimento importante marcou o dia 01/05/2010, foi a Inauguração da Pastoral da Saúde na Com. Santo Antônio, pela Irmã Assunta e teve a presença do Frei Natalino e diversas comunidades e de outras Igrejas como a Luterana e a Adventista.”<sup>209</sup> Muitos foram beneficiados.

As Comunidades que já tinham esta pastoral são a Maria de Nazaré, a São José e a São João XXIII. Todas caminharam no mesmo rumo. Saltou aos olhos a melhoria nos seus ambientes. A Comunidade Maria de Nazaré fez uma sala nova, mudou todo o telhado e reorganizou seus banheiros. O dízimo estava na base destas melhorias. Impressionou a solidariedade. A presença de outras igrejas nesta pastoral é natural, tem marca ecumênica. A equipe desta pastoral, na Comunidade Santo Antônio, tinha 24 membros, todas mulheres. Duas pessoas eram luteranas e uma adventista. No Fragata existe a mesma Pastoral da Saúde na Paroquia Anglicana localizada na Avenida Duque de Caxias. Certo dia Irmã Assunta me relatou o profetismo vivido por D. Jayme em relação a esta pastoral. Um grupo de vinte médicos pediu a proibição da Pastoral da Saúde e seu trabalho. Perguntados se eles fariam gratuitamente este trabalho aos pobres, responderam negativamente. D. Jayme afirmou: “sendo assim, por mim, esta conversa terminou aqui.”

Vimos acima uma organização em forma de pastoral. Em outras comunidades a colaboração solidaria foi exercida de forma diferente. A Comunidade Nossa Senhora de Guadalupe, ajuda um membro seu, necessitado de auxílio. Realizaram uma promoção “em prol da saúde de José Luiz da Paz (Zeca) tendo esta necessidade de fazer exames em alto custo financeiro [...] sendo que este valor foi passado pela

---

<sup>207</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 545, 2008, p. 17. v. 4.

<sup>208</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 545, 2008, p. 17. v. 4.

<sup>209</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 551, 2008, p. 19. v. 4.

coordenação as mãos do nosso amigo José Luiz da Paz.”<sup>210</sup> Foram outras iniciativas para a saúde. Beno Konrad, agora aposentado, profissional nas áreas e dispõe a acompanhar gratuitamente os hipertensos e diabéticos: “será adquirido futuramente os materiais necessários para os trabalhos que serão da comunidade, como aparelho de pressão e outros.”<sup>211</sup> Na Comunidade Nossa Senhora de Lourdes, outro Senhor fazia trabalho semelhante ao do Beno. A Comunidade São Francisco de Assis olhou pelos seus membros em momento de necessidade: “Também estando de acordo o conselho concordou e como a Ministra Maria Inêz teria de fazer uma cirurgia na mão, foi doado o valor de mil reais a mesma para ajudar nas despesas decorrente a cirurgia.”<sup>212</sup>

### 3.5.2 Solidariedade com os jovens

Os grupos de jovens estavam integrados no dia a dia das comunidades. Assim, elas os apoiaram concretamente. “A seguir Tânia falou sobre a janta de integração que o dinheiro do ingresso deu para pagar as despesas da janta e o valor que sobrou deu para cobrir (pagar) as passagens para os jovens da comunidade que foram para o Encontro Diocesano de jovens na Cascata (R\$ 38,00).”<sup>213</sup> Os jovens deram retorno da sua programação em vista da Jornada Mundial da Juventude “Importante dizer ao conselho que jovens participaram um fim de semana do encontro formação e de retiro. O conselho vai dar todo o apoio à juventude. Os encontros por micro áreas – São José, Aparecida, Sta. Tecla.”<sup>214</sup> Os jovens organizaram a gincana com temática ligada à casa comum. Recolheram materiais recicláveis e entregaram ao Galpão de Agentes Ambientais do FRAGET. “JMJ os jovens estão se organizando e farão uma gincana no domingo com aproximadamente 40 jovens e também se preparando para a chegada da Cruz Peregrina.”<sup>215</sup>

Salta aos olhos a colaboração da comunidade com os jovens. Um gesto raro aconteceu da parte destes com a comunidade por ocasião do Bote Fé em Santa Maria: “OS JOVENS DEVOLVERAM R\$ 262,00 DOS R\$ 500,00 REPASSADOS PELA

<sup>210</sup> COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Nª Srª de Guadalupe**. Pelotas, 2009. p. 11. v. 2.

<sup>211</sup> COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE, 2009. p. 11 v. 2.

<sup>212</sup> COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Ata n. 270, 2003, p. 74 v. 2.

<sup>213</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 568, 2008. p. 27 v. 4.

<sup>214</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 93, 2006, p. 70 v. 3.

<sup>215</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 94, 2006, p. 71 v. 3.

COMUNIDADE.”<sup>216</sup> Estes, desejavam participar da Jornada Mundial da Juventude em 2013 no Rio de Janeiro. A Arquidiocese organizou três ônibus. Os jovens tinham o aval da comunidade. Quinze jovens de várias comunidades do Fragata participaram. Os jovens inscritos oficialmente eram de 600 mil na Jornada Mundial. Com o fenômeno Papa Francisco a presença de jovens ultrapassou 3 milhões e 800 mil na praia de Copacabana, conforme divulgado pela Secretaria Estadual de Turismo do Rio de Janeiro. Segundo esta, nenhum evento jamais reuniu tanta gente nesta praia.

### 3.5.3 Solidariedade nos Encontros de CEBs

As Comunidades Eclesiais de Base participam dos momentos fortes de fé, da partilha na caminhada e buscam luzes para superar os desafios urbanos atuais. Fazem ou participam nos encontros em seus diferentes níveis: Rede de Comunidades, diocesano, estadual, sulão e nacional. Existem em nível mais amplo. Em 22 de maio de 2005 aconteceu o 14º encontro diocesano em Pedro Osório. O lema foi “Espiritualidade profética em busca da libertação do homem total.” Foi assessorado pelo Pe Carlos Rômulo Gonçalves e Silva. “O Fragata participou com 2 ônibus lotados e 4 automóveis. O assessor trabalhou bastante o tema missões populares que foi o tema do momento na diocese. Valeu a pena o encontro. Próximo encontro em 2008 com 2 paróquias em conjunto: Santa Tecla no Capão do Leão e Fragata.”<sup>217</sup>

Em junho de 2006 Pelotas acolheu o Encontro Estadual de CEBs para 2008. Em 2007 o Conselho das Comunidades recebeu informação de mudança na data do diocesano. Na oportunidade definiu uma forma leve de colaboração com o estadual: “Enc. Diocesano de CEBs: troca para 18 de novembro. Enc. Estadual de CEBs: representantes das comunidades e Ação Entre Amigos. As cdes maiores colaborarão com R\$ 10,00, maio a maio e as menores R\$ 5,00 por mês.”<sup>218</sup> Vinte comunidades colaboram com R\$ 10,00 mensais e quatro colaboram com R\$ 5 reais mensais. Um bom grupo de pessoas assumiu pessoalmente a colaboração com a Ação Entre Amigos<sup>219</sup>. Dom Jayme Chemello e Pe Luiz Zanetti, (Coordenador de Pastoral),

---

<sup>216</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 601, 2008, p. 53. v. 4.

<sup>217</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 1 v. 2.

<sup>218</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 26. v. 2.

<sup>219</sup> Ação Entre Amigos: Colaboração espontânea de pessoas ou comunidades para o Encontro Estadual de CEBs no que fosse necessário em sua realização.

estiveram sempre presentes nas reuniões da Equipe Ampliada<sup>220</sup> que prepararam o encontro estadual: “Aconteceu a 3ª reunião da Ampliada Estadual de CEBs na Comunidade Nossa Senhora da Conceição. Deu bons passos na organização do encontro. D. Jayme falou sobre a Conferência de Aparecida na Ampliada.”<sup>221</sup>

Em maio aconteceu o 12º Encontro Estadual de CEBs: “1º a 04 de maio de 2008, em Pelotas. 1.300 delegados de 15 dioceses gaúchas, 5 bispos, 40 sacerdotes, religiosos (as). 150 pessoas nas equipes de serviços. Tema: CEBs: Ecologia e Missão. Lema: ‘Escolhes a vida e viverás’. Dt 30, 19.”<sup>222</sup> Nossas comunidades e lideranças atuaram fortemente neste encontro. As famílias pelotenses hospedaram centenas de pessoas em suas casas, partilhando a vida e o alimento, além da experiência comunitária. A oração da manhã no dia 02 com todos os participantes do encontro foi celebrada ecumenicamente pelo GEPel<sup>223</sup>. A carta às Comunidades de Base no Rio Grande do Sul alerta para as CEBs retornarem às suas origens “[...] das missões jesuítico-guaraníticas, e dos anos difíceis dos anos de chumbo do Brasil, com seu profetismo gerador de mártires, como lugar inclusivo dos mais pobres, das mulheres, dos índios, dos negros, bem como dos portadores de necessidades especiais.”<sup>224</sup> Numa síntese do agir das comunidades encontra-se descrito nesta carta:

a) formação bíblico-teológica dos leigos; b) a integração dos grupos, movimentos e serviços pastorais das dioceses, especialmente da juventude, na direção das CEBs como célula da Igreja; c) o incentivo aos leigos para o mundo da política, da economia, cuidando sempre da ecologia. Firmou-se ainda em termos gerais: 1. Manifestar-se contrária à monocultura do eucalipto e incentivar a agricultura familiar e a produção de alimentos diversificados e saudáveis. 2. Apoiar a luta dos índios da reserva ‘Raposa Serra do Sol’ para garantir a integridade da demarcação de seu território. 3. Apoiar as justas causas do povo paraguaio sobre seu território e suas riquezas.<sup>225</sup>

A natureza mostrou a atualidade do tema tratado, pois, no dia 28 de janeiro de 2009 “choveu 600 milímetros em 1 hora nas imediações da cascatinha, próximo ao Santuário Nª Srª de Guadalupe. Mudou a geografia da Cascatinha. Incrível foi a

<sup>220</sup> A Equipe Ampliada era composta por duas pessoas representantes de cada Diocese Católica do RS e da Diocese anfitriã. Ocorrem na diocese acolhedora do encontro em preparação.

<sup>221</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 31. v. 2.

<sup>222</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo 2005. p. 39. v. 2.

<sup>223</sup> GEPel: Grupo Ecumênico de Pelotas: espaço mensal ecumênico onde se encontram padres e pastores (as) em Pelotas formado pelas Igrejas: Anglicana, Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista e Igreja Católica.

<sup>224</sup> INFORMATIVO PARÓQUIA SÃO JOSÉ DO FRAGATA, 2008, p. 1.

<sup>225</sup> INFORMATIVO PARÓQUIA SÃO JOSÉ DO FRAGATA, 2008, p. 1.

quantidade de sacolas plásticas penduradas nas árvores a até 2 metros ou mais de altura.”<sup>226</sup> Nesta oportunidade Pelotas ficou em total isolamento por terra durante dois dias. A água represada na linha férrea formou um imenso dique. Alagou telhados de casas próximas e arrombou a ferrovia pelo acúmulo das águas. Ao chegar ali, um trem de carga caiu no vazio. O maquinista morreu. O canal São Gonçalo transbordou. Várias pontes caíram. Totalizou 17 mortes humanas e muita destruição. Alagou 3 sedes das nossas comunidades.

Na São Jorge a água subiu 1 metro dentro da igreja. Esta foi a realidade na vizinhança. Uma dor e tristeza sem tamanho. Serviços da prefeitura e defesa civil deram guarida a centenas de pessoas. Várias comunidades abriram seu espaço físico e acolheram famílias até superar a situação. Poucos meses depois este fenômeno da chuva com 600 milímetros se repetiu a poucos quilômetros de distância derrubando ponte na BR 116, e inundou partes da Cidade de São Lourenço do Sul. O estrago foi grande na vegetação em imediações da sua praia e enormes perdas na cidade. Novamente a região ficou isolada. Precisou contornar por Santa Maria para ligar-se à capital.

Outro nível de Encontros das CEBs é o Nacional. Nossas comunidades têm 4 leigos (as), integrados (as) no conjunto dos representantes da Arquidiocese Pelotense. Estavam inseridos num grupo maior. Representavam o Rio Grande do Sul no Encontro Nacional em Porto Velho de 21 a 25 julho de 2009. As comunidades apoiaram com o dízimo os seus representantes: “a colaboração da Comunidade São José para o Encontro Nacional de CEBs em Porto Velho será de duzentos reais.”<sup>227</sup> Assim, a Comunidade Santo Antônio: “A Tânia disse que as comunidades irão contribuir para o encontro nacional de CEBs em Porto Velho, a nossa comunidade irá contribuir com R\$ 100,00.”<sup>228</sup> Aqui fica claro que todas as comunidades colaboraram com uma parte para as viagens de seus representantes. “Prestação de contas do Encontro Nacional de CEBs que aconteceu em Porto Velho, Rondônia, doação R\$ 1.500,00 + 108,00 cx da coleta e o almoço R\$ 784,00 um total R\$ 2. 402,00. Fr Natalino diz que foi uma boa colaboração.”<sup>229</sup>

---

<sup>226</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ, Tombo. 2005. p. 45. v. 2.

<sup>227</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. Ata n. 198, 2008, p. 18. v. 3.

<sup>228</sup> COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. Ata n. 568, 2008, p. 11 v. 4.

<sup>229</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 48, 2006, p. 36. v. 3.

Voltando para os nossos Encontros Arquidiocesanos, em 2011 aconteceu em Piratini. “O encontro foi assessorado por D. Jacinto com o tema CEBs Palavra e Missão e o lema: CEBs vivendo a Palavra de Deus. Foram dois ônibus da paróquia. Doamos arroz e feijão para o encontro. Próximo será em 2013 no Areal, Pelotas.”<sup>230</sup> Dom Jacinto trabalhou muito bem a questão Bíblica. Forneceu uma chave para a leitura e compreensão bíblica. A Arquidiocese Pelotense participou do Estadual de CEBs em Farroupilha: “[...] temos 39 fichas já com retorno de 17 fichas, o custo é R\$ 10,00 + R\$ 50,00 passagem. O Frei fez a seguinte pergunta se tem no conselho alguém que queira ir, mas sem condições financeiras para pagar passagem se o mesmo libera pagamento pela comunidade. Aprovado.”<sup>231</sup> Retornando, o 17º Encontro arquidiocesano de CEBs em Pelotas trabalhou a temática dos grupos bíblicos. Assim informou a Comunidade Nª Srª de Guadalupe: “[...] a comunidade está confirmado a participação de 8 pessoas, em reunião de conselho da paróquia ficou estabelecido que as 24 comunidades pagariam os ônibus, e na comunidade ficou também confirmado que os almoços seriam pagos pela comunidade.”<sup>232</sup>

### **3.5.4 Solidariedade com outros locais**

Em 2008, a Paroquia Nossa Senhora Aparecida localizada no Bairro Simões Lopes, em Pelotas celebrava a Eucaristia no salão. O telhado arcou e a tendência era cair. A comunidade São José registrou sua doação a flagelados catarinenses e para esta comunidade irmã: “O grupo de mulheres depositou sessenta reais da feirinha para os flagelados de Santa Catarina. Foi repassado para Paróquia Nossa Senhora Aparecida do bairro Simões Lopes, cento e quarenta reais.”<sup>233</sup> Em dezembro ocorreu Assembleia das Comunidades com a presença de Dom Jayme. Naquele momento foi comentado: “Ajuda nossa p/ Paróquia Aparecida/ telhado: R\$ 3. 131, 46. É o montante final passado. É um gesto solidário e fraterno a esta paróquia. Dona Eva doou mais R\$ 5.000,00 p/ Aparecida.”<sup>234</sup> Mais adiante houve mais doações das comunidades para o telhado daquela paroquia, ultrapassando R\$ 12.000,00.

<sup>230</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 2005. p. 49. v. 2.

<sup>231</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 93, 2006, p. 70 v. 3.

<sup>232</sup> COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE. Ata n. 52, 2009, p. 11. v. 2.

<sup>233</sup> COMUNIDADE SÃO JOSÉ. Ata n. 191. 2008, p. 12. v. 3.

<sup>234</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 2005. p. 43 v. 2.

Em 1917 um ciclone com ventos registrados em 110 km por hora atingiu Barros Cassal. Um dos municípios mais pobres do Rio Grande do Sul. Uma centena de casas perderam os telhados, inclusive a casa paroquial. A igreja tinha só as paredes de pé. As comunidades se solidarizaram: “[...] a comunidade irá doar o dízimo do mês de agosto para ajudar no PPCI do Santuário de Guadalupe, foi doado R\$ 500,00 para reconstrução da Paroquia de Barros Cassal.”<sup>235</sup> A solidariedade das comunidades foi generosa com Barros Cassal: “Na paroquia, comunidades nos envelopes totalizou R\$ 6. 550,00. Na soma com os freis enviamos R\$ 10.050,00 para a Paroquia de Barros Cassal, doado.”<sup>236</sup> D. Jacinto permitiu a coleta de Pentecostes a ser repassado para Barros Cassal, o que elevou o valor da campanha feita. Outras comunidades também colaboraram com outros valores que não estão colocados aqui, o que aumentou o valor da solidariedade exercida.

### **3.6 O DÍZIMO PROVOCA UM PROJETO ARQUIDIOCESANO**

No subcapítulo anterior o dízimo desencadeou múltiplas formas de solidariedade exercida de forma comunitária e individual gerando perspectivas de cidadania no ser humano. Iniciamos a caminhada desta Pastoral do Dízimo no Fragata que se abriu para a Diocese. Em 2004, Frei Ademir dialogou com os padres da região sul da cidade sobre a possibilidade da presença do Gandi. Os mesmos aceitaram a visita deste missionário em suas paróquias.

#### **3.6.1 Missionário Gandi visita paróquias pelotenses**

Assim, fomos ao encontro deles. “Pela manhã visitamos o Pe Airton da Paroquia Nossa Senhora Aparecida. Ele expressou a intenção de organizar esta forma do dízimo naquelas comunidades. À tarde visitamos Pe José Schiram na Paroquia São Cristóvão. Era idoso, com 79 anos. Tinha o dízimo com carnê na secretaria.”<sup>237</sup> Visitamos Pe Luiz na Catedral. Gandi fez seu trabalho missionário. Foi dia 11 na Paroquia Nossa Senhora Aparecida e dia 12 na Paroquia São Francisco de Paula. Posteriormente, a Paroquia Senhor Ressuscitado solicitou presença e foi atendida: “Fr Natalino foi assessorar um tempo de formação para implantação da

---

<sup>235</sup> COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE. Ata n. 94, 2009. p. 30. v. 2.

<sup>236</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 2005. p. 79. v. 2.

<sup>237</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 1943. p. 196 v. 1.

pastoral do dízimo nas comunidades da Paroquia Senhor Ressuscitado, no Areal, auxiliando Fr Júlio C. Ribeiro.”<sup>238</sup> Em agosto, na casa do casal Gilmar e Helena Bazanella, a Coordenação do Conselho das Comunidades preparava-se para a Assembleia Diocesana que seguia o método ver, julgar e agir. O coordenador opinou: “Como primeiro item foi questionado que pastorais existem? A mais evidente é a Pastoral da Família, que é a mais recente, mas falta muita coisa na Paroquia. Por enquanto a mais organizada e montada está sendo a Pastoral do Dízimo.”<sup>239</sup> As comunidades do Fragata sugeriram o dízimo. Tornou-se uma prioridade diocesana em fins de 2006.

### **3.6.2 Missões Diocesanas descobrem o dízimo fragatense**

A Diocese de Pelotas vivia missões populares em todas as Paroquias. Iniciaram em 2005 com duração de 3 anos. Concluiriam em 2007. Os missionários eram equipes compostas por 3 ou 4 leigos (as) e mais um padre com presença em cada comunidade durante uma determinada semana. Isto significava investimento. Nossas comunidades se prepararam e custearam a passagem dos missionários (as) que vieram: “Alguém sugeriu que já fosse descontado por ocasião do recebimento do dízimo e fosse acertado já que 7 comunidades contribuirão com R\$ 5,00 e 17 com R\$ 10,00, proposta também aceita por todos.”<sup>240</sup>

Esta missão nas comunidades fragatenses ocorreu nos dias 4 a 11 de agosto de 2007. Nesta semana houve muita troca de experiência entre lideranças de outras paróquias da diocese com as comunidades fragatenses. Nossa Pastoral do Dízimo tornou-se conhecida por estes missionários e também pelos padres, pois atuaram 24 equipes e padres significando quase uma centena de missionários. Dom Jayme Chemello registrou no relatório entregue às comunidades onde assim mencionou a Pastoral do Dízimo:

No dia 7 de agosto, encontro com administradores, responsáveis do dízimo e do patrimônio. É notável o crescimento neste particular. O dízimo apresenta um grande valor, sobretudo no aspecto pastoral. As CEBs colocam o Templo no meio do povo, mas, o trabalho da pastoral do dízimo no Fragata, colocou

<sup>238</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 2005. p. 3. v. 2.

<sup>239</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 139. p. 32 v. 2.

<sup>240</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 110. 2004, p. 84. v. 2.

particularmente as comunidades do povo em sintonia com a Igreja, comunidade e paróquia.<sup>241</sup>

Chemello apontou uma continuidade da missão: “A pastoral do dízimo e algumas outras pastorais podem animar a missão permanente.”<sup>242</sup> A Pastoral do Dízimo fragatense foi convidada a socializar sua caminhada em vários municípios, entre eles Pedro Osorio, Arroio Grande, Canguçu, São Lourenço, Morro Redondo, Herval, Capão do Leão e Pelotas. Marcamos presença nestes locais sempre com alguns membros da Pastoral do Dízimo onde era relatada a sua caminhada realizada.

### 3.6.3 Assembleias Diocesanas assumem a Pastoral do Dízimo

As sugestões ganharam corpo e na Assembleia Diocesana de 2009 nasceu uma prioridade chamada “avivamento da Pastoral do Dízimo”, com duas ações comuns: “1ª AÇÃO COMUM: Formar uma equipe diocesana da pastoral do dízimo. Quando? Na segunda metade de novembro de 2009. 2ª AÇÃO COMUM: Realizar um encontro diocesano com os responsáveis paroquiais da Pastoral do dízimo. Quando? 21 de abril de 2010.”<sup>243</sup> Taylerand partilhou com membros da pastoral do Fragata seus escritos a partir de sua experiência e da reunião passada, onde sugeriu um ponto interessante por se tratar de algo diocesano: “- **Bispo maior incentivador. - Coordenação Diocesana de Pastorais maior incentivadora.**”<sup>244</sup> Aconteceram reuniões de representantes paroquiais que levaram sugestões à Assembleia Diocesana. Esta intensificou a caminhada e nela, aprofundou a ação comum novamente, tornando-se a

2ª AÇÃO COMUM: Construir o Projeto Diocesano da Pastoral do Dízimo. [...].  
a) Elaborar um ante projeto de Pastoral do Dízimo para o estudo, o conhecimento e a construção do projeto Diocesano de pastoral do Dízimo propriamente dito. b) Realizar o estudo do ante projeto da Pastoral do Dízimo, envolvendo o máximo possível de pessoas, para o conhecimento e a apreciação do mesmo em vista do Projeto Diocesano de Pastoral do Dízimo.<sup>245</sup>

<sup>241</sup> CHEMELLO, Dom Jayme. **Termo e relatório da visita pastoral à Paróquia São José do Fragata**. 2007. p. 2.

<sup>242</sup> CHEMELLO, 2007, p. 2.

<sup>243</sup> DIOCESE DE PELOTAS. Pelotas, out./ 2009. p. 1.

<sup>244</sup> NUNES, Taylerand. **Lema** – Mais missão. Pelotas: maio/2010. p. 1.

<sup>245</sup> DIOCESE DE PELOTAS. **Prioridades e Ações comuns diocesanas para 2011**. Pelotas, dez./2010. p. 1.

Este planejamento teve à frente D. Jacinto Bergmann que trabalhou em equipe. Organizou a Pastoral do Dízimo na Diocese interagindo com as paróquias. Enviou e recebeu sugestões, quando, como, onde realizar seus passos. O encaminhamento dado era que retornasse à Coordenação Diocesana até 30 de julho de 2011. Uma preocupação era que tivesse boa fundamentação teológica na Pastoral do Dízimo. Desta forma foi pincelada esta primeira e incompleta base junto ao objetivo.

Com o Projeto Diocesano de Pastoral do Dízimo queremos como objetivo geral avivar a Pastoral do Dízimo na Diocese de Pelotas a partir da Teologia da Gratuidade baseada na “Espiritualidade Eucarística”, “Espiritualidade da Oferenda” e “Espiritualidade Missionária”. Também queremos como objetivos específicos, conhecer e aprofundar a “verdadeira” Pastoral do Dízimo e o “correto” Dízimo; organizar a Pastoral do Dízimo em todas as Paróquias e Comunidades da Diocese; e executar a prática dízimo-oferenda de modo unitário em toda a Diocese.<sup>246</sup>

A Comissão Provisória tinha a função de reunir os representantes paroquiais para que tomassem em suas mãos o que foi elaborado até aquele momento. Para construir uma caminhada conjunta não havia outro caminho: ler, conhecer, trocar ideias, dar sugestões para que o anteprojeto ganhasse forma. Neste sentido encontramos as lideranças reunidas em abril.

Tendo presente a 2ª ação comum prevista no Plano Diocesano de 2011, letra a, elaborar um anteprojeto de Pastoral do Dízimo para o estudo, o conhecimento e a construção do Projeto Diocesano de Pastoral do Dízimo. Vimos, através desta, convidá-los para um encontro diocesano com as lideranças paroquiais da pastoral do dízimo, **dia 02 de abril próximo, no horário das 8.00h até 12.00h**, na comunidade São Cristóvão – Rua: Lindolfo Collor, 70. CEP. 96020-470. Pelotas/RS. Tel.: 32232070 Pelotas/RS, cujo orientador será nosso bispo, dom Jacinto Bergmann.<sup>247</sup>

A caminhada oportunizou todas as comunidades e paróquias a colaborarem na elaboração do projeto arquidiocesano da Pastoral do Dízimo. Fruto destas contribuições, reuniões e nova Assembleia, D. Jacinto, finalizou o anteprojeto sonhando: “Assim entrou no Plano Arquidiocesano de Pastoral de 2011 a opção da PRIORIDADE PASTORAL: **Pastoral do Dízimo** e a AÇÃO COMUM: **construir o Projeto Arquidiocesano da Pastoral do Dízimo.**”<sup>248</sup> Em 2011 não teria pressa em avançar, mas, construir favorabilidade no acolhimento deste projeto. Em 2012 seria o

<sup>246</sup> DIOCESE DE PELOTAS. **Prioridades e Ações comuns diocesanas para 2011**: 2ª Prioridade: Pastoral do dízimo. Pelotas, dez./2010, p. 1.

<sup>247</sup> DIOCESE DE PELOTAS. **Encontro Diocesano da Pastoral do dízimo**. Pelotas, mar./2011. p. 1.

<sup>248</sup> BERGMANN, Dom Jacinto. **Anteprojeto arquidiocesano da Pastoral do dízimo**. Pelotas, nov./2011. p. 1.

tempo para estudar, aprofundar, ver os passos necessários para torna-lo realidade em 2013, ano da implantação na Arquidiocese, com três momentos:

1º Apresentação do projeto aos responsáveis da Pastoral do Dízimo e do Dízimo em todas as paróquias (março); 2º Assimilação do projeto envolvendo o máximo possível de lideranças pastorais paroquiais (março-abril); 3º Implantação do Projeto na Paróquia - Comunidade por comunidade (maio a dezembro). Agora é hora de fazer juntos, pois isso é Divino!<sup>249</sup>

O que pareceria obvio nem sempre o seria. As estratégias traçadas eram estimuladoras desta pastoral. A primeira revela que, aquele que tinha a primeira função de apostar nela, precisava de fato despertar para isto. Já a segunda revela que muitas paróquias não possuíam um Conselho Paroquial de Pastoral. Em nosso caso das CEBs no Fragata este Conselho e demais Conselhos foram a ferramenta afiada que gerenciou e acompanhou todo o processo. Elas precisam andar juntas para dar passos sólidos com a Igreja, bem como as demais estratégias.

1ª O amor e a motivação do pároco (e vigário/os paroquial/ais); 2ª A existência e o funcionamento do Conselho Pastoral Paroquial; 3ª A criação de uma Coordenação da Pastoral do Dízimo da Paróquia e das Comunidades; 4ª A escolha e a formação de Missionários/as do Dízimo-Oferenda; 5ª A realização de visitas aos Dizimistas-oferentes; 6ª A celebração Eucarística/Celebração da Palavra mensal com a ritualização da oferenda do Dízimo-oferenda; 7ª Manutenção de um Sistema de Atendimento, Dados e Informação.<sup>250</sup>

Em 2014, ocorreram duas modalidades de visita pastoral. A primeira, D. Jacinto visitou as paróquias, dialogou com os padres e lideranças, celebrou com o povo. Coordenou uma reunião com a comunidade reunida: “Na reunião Pastoral D. Jacinto falou sobre o Plano Pastoral com enfoque nas prioridades 2014 e 2015 dos Grupos Bíblicos e Pastoral do Dízimo onde ressaltou que a Paróquia ajudou na implantação pastoral do dízimo com o exemplo praticado na Paróquia São José.”<sup>251</sup> A outra modalidade foi uma Equipe Arquidiocesana formada por representantes de coordenações paroquiais da pastoral do dízimo. Visitaram as paróquias para trocar experiências e ocorreu no ano 2015: “Visita pastoral com presença de um grupo de leigos. Nessa noite fria partilhamos nossa caminhada da Pastoral do dízimo da

<sup>249</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS. **Oferenda** – o dízimo cristão no altar da eucaristia. Projeto Arquidiocesano da Pastoral do dízimo. Pelotas: Sem Rival, 2013, p. 4.

<sup>250</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 5.

<sup>251</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Ata n. 113, 2006, p. 88 v. 3.

paróquia e partilha das dificuldades da pastoral do dízimo em outras paróquias. Logo após confraternizamos.”<sup>252</sup> Bons frutos foram gerados pela nossa Pastoral do Dízimo.

Estes são dois capítulos etnográficos. No próximo capítulo iremos conceituar a sustentabilidade servindo-nos em parte do que proporciona a ecologia e buscaremos fundamentos teológicos da sustentabilidade da Igreja.

---

<sup>252</sup> PAROQUIA SÃO JOSÉ. Tombo, 2005. p. 63 v. 2.



## 4 SUSTENTABILIDADE, MISSÃO E TEOLOGIA

Nos capítulos anteriores encontramos duas etnografias que apresentaram a organização do dízimo e as implicações que este teve junto ao povo do Fragata, lançando raízes até mesmo para fora dele. Para este terceiro capítulo valho-me do argumento de Gustavo Gutierrez, muito conhecido na teologia latino-americana e que é utilizado por Juan Luís Segundo: “A teologia é reflexão, atitude crítica... A teologia vem depois, é ato segundo. Pode dizer-se da teologia o que da filosofia afirmava Hegel: só se levanta ao crepúsculo.”<sup>253</sup> Com isto quero deixar claro que esta pesquisa vem na mão oposta da maioria das pesquisas feitas nas universidades. Normalmente estes partem de teorias já elaboradas e criam suas hipóteses, aplicando-as de alguma forma para chegar a novas conclusões. Parto das dificuldades vividas pelo povo das comunidades construindo duas etnografias para somente num terceiro momento fazer a teologia. Aliás, o mundo real é assim mesmo. Primeiro o ser humano faz a sua experiência e, depois, a partir desta é que vai teorizar fazer a teologia sobre ela. Assim é que inicialmente me coloquei junto deste povo das comunidades em observação participante integrado a uma situação social para realizar uma investigação científica. “O observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente.”<sup>254</sup>

Marcel Mauss fez um ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca em sociedades arcaicas como na Polinesia, Samoa, Maori e sustentou que ao dar um presente o doador cria uma certa obrigação face ao receptor que se foca em devolver um presente. Estas doações que se tornam recíprocas geram relações de hospitalidade, alianças, proteção e mutua ajuda.<sup>255</sup> Busco também novas bases do método em Boaventura de Souza Santos quando pergunta sobre

Como criar metodologias consonantes com as epistemologias do Sul, ou seja, metodologias não-extrativistas? As ciências sociais modernas abissais baseiam-se em metodologias que extraem informação de objetos de pesquisa de forma muito semelhante àquela através da qual as indústrias mineiras extraem minerais e petróleo da natureza. As epistemologias do Sul, pelo contrário, ao terem por base o saber-com e não o saber-sobre, isto é, ao se basearem na co-criação de conhecimento entre sujeitos cognitivos, devem

---

<sup>253</sup> SEGUNDO, Juan Luis. **Libertação da Teologia**. São Paulo: Loyola, 1978, p. 79.

<sup>254</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 70.

<sup>255</sup> MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 51-87.

fornecer algumas diretrizes sobre quais metodologias poderão levar a cabo com êxito essas tarefas.<sup>256</sup>

#### 4.1 SUSTENTABILIDADE A SERVIÇO DA MISSÃO

Nas etnografias estão subjacentes os elementos da sustentabilidade das CEBs no Fragata. Eles apareceram aos poucos durante os passos organizativos do dízimo concomitante ao estudo do livro *Conselhos de Pastoral em Formação* na reflexão que fizemos enquanto lideranças. As etnografias presentes nos capítulos anteriores desenvolveram a parte prática da sustentabilidade e organizaram o dízimo como recurso a serviço da missão da Igreja. Neste capítulo trabalharei como acompanhei e vi a construção da sustentabilidade tecida por dentro dos Conselhos de Pastoral de cada Comunidade e das Comunidades. Eles são como uma ferramenta polida aos poucos durante o estudo e a ação. Tramamos os fios que construíram tanto a sustentabilidade no modo de ser das CEBs fragatenses bem como a sua visão e fundamentação bíblica, teológica e eclesiológica. Tomamos por base três documentos dando clareza sobre a sustentabilidade: “*Conselhos de Pastoral em Construção*”<sup>257</sup>, numa linguagem popular e pastoral; o “*Diretório para Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Pelotas*”<sup>258</sup> que trata a mesma temática na linguagem organizadora, do direito da Igreja local, e, por fim, o documento fundante do “*Instituto Sustentabilidade*”<sup>259</sup> que dá maior clareza sobre a sustentabilidade, trazendo a sua

<sup>256</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 36.

<sup>257</sup> *Conselhos de Pastoral em Construção*: livro elaborado pelo Secretariado Diocesano de Pastoral da Diocese de Chapecó, SC, com apresentação do Bispo diocesano Dom José Gomes em abril de 1998. Embora não explicita o termo sustentabilidade, Gomes o tem presente na apresentação: “Hoje, mais do que em outros momentos da história, a questão dos Conselhos, nas diversas instâncias da sociedade apaixonam, provocam discussões, pois mexem com o poder, a forma de organizar e conduzir, que pode ser autoritária e centralizada, ou democrática e participativa. A proposta dos conselhos de pastoral é de abrir espaços à participação, ao trabalho integrado na comunidade, paróquia, regiões pastorais e diocese. Este subsídio é uma tentativa de ajudar os conselhos de pastoral em sua formação, articulação e organização. Para assumir a missão a formação é um elemento importantíssimo. Estes encontros querem ajudar a fortalecer nossa missão e confirmar nosso compromisso.” p. 1.

<sup>258</sup> Este diretório se apresenta: “O Diretório estabelece normas comuns para Paróquias e CEBs da Diocese de Pelotas. Pretende servir como instrumento articulador e integrador do processo de organização interna das Paróquias e CEBs e como diretriz para a caminhada pastoral conjunta.” **DIOCESE DE PELOTAS. Diretório para Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base**. Pelotas: Diocese de Pelotas, 2000, p. 1.

<sup>259</sup> Instituto Sustentabilidade é uma expressão das demandas das Igrejas Luteranas da região e foi instituído pela ação conjunta da FLM e da IECLB. Tendo como sede e braço operativo a Faculdade EST (São Leopoldo, RS, Brasil), o InS é um organismo acadêmico formal com um enfoque na dimensão local, regional e global, cf. **INSTITUTO SUSTENTABILIDADE. Documento fundante**, 2013. p. 3.

fundamentação conceitual e teológica. Do campo ecológico veio o conceito que entrou para o campo institucional com argumentação teológica. Logo adiante traremos este conceito.

Descrevemos a metodologia empregada na prática pastoral. Dizia respeito à análise do contexto em que foram desenvolvidos os trabalhos de organização e desenvolvimento da Pastoral do Dízimo, que se encontra dentro dos processos de planejamento das ações. Garantimos uma visão de sustentabilidade que extrapola os limites das cifras financeiras. O método sempre esteve presente nas ações de motivação e desenvolvimento da Pastoral do Dízimo, tanto pelo gestor, enquanto pároco e observador desta pesquisa, quanto pelos membros do Conselho de Pastoral das Comunidades e da Coordenação da Pastoral do Dízimo. A Pastoral do Dízimo é um dos tantos serviços eclesiais ou pastorais presentes nas comunidades. Por isto pergunto: a sustentabilidade das Comunidades Eclesiais de Base no Fragata poderia responder de tal forma que se tornem autônomas e solidárias interna e externamente a tal ponto de fermentar uma diocese toda e florescer uma teologia que fundamente o dízimo numa visão de gratuidade e alteridade, e supere a mercantilização do dízimo? É o que vamos trabalhar em vista da missão da Igreja.

#### **4.1.1 Conselho é responsável pela sustentabilidade**

Pareceu-me importante registrar como era a Igreja no Fragata antes dos Conselhos e a passagem para a existência dos mesmos. As marcas da atividade pastoral dos primeiros capuchinhos neste local “voltavam-se para os sacramentos, celebrações de Natal, Páscoa, mês mariano, mês do Coração de Jesus, novena do padroeiro, missões, além do atendimento às escolas, associações, etc.”<sup>260</sup> Este era o seu rosto, pois a Paroquia São José foi criada antes do Concílio Vaticano II. “A 20-4-69, Dom Jayme Chemello era sagrado bispo auxiliar, e a Igreja de Pelotas ganhava novo impulso, dentro das linhas do Vaticano II, Medellin e Puebla.”<sup>261</sup> Dom Jayme auxiliava Dom Antonio Záttera e assumiu a Coordenação Pastoral da Diocese: “reúne em abril de 1969 o clero da diocese para estudar o Plano Diocesano de Pastoral, onde coloca como prioridade maior da diocese, a caminhada progressiva, para uma nova

---

<sup>260</sup> FRACASSO, Genésio Antonio. **OS CAPUCHINHOS EM PELOTAS E REGIÃO**. In: COSTA, Rovílio. BONI, Luis A. de. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Evangraf, 1996. P

<sup>261</sup> FRACASSO. In: Costa, 1996. p. 570.

pastoral paroquial, rumo às Comunidades Eclesiais de Base.”<sup>262</sup> Na segunda metade dos anos 70, Dom Antonio tornou-se Emérito e Dom Jayme assumiu a titularidade na Diocese. Dom Jayme imprimiu uma prática de visitar e dialogar com os Conselhos de Pastoral “ocasião em que ele teve oportunidade de explicitar as funções e responsabilidades de um Conselho Paroquial, órgão maior de uma Paróquia, não apenas para definir metas e prioridades, mas assumir com o Pároco a execução das atividades.”<sup>263</sup> Estes Conselhos oportunizaram a participação do povo nas decisões da Igreja no Fragata onde não mais o padre sozinho decidiria sobre a vida cristã, mas, de forma grupal. “Começou a desparoquialização e descentralização. Surgiram os Conselhos Comunitários, dando nova relação nos serviços essenciais da Igreja. Novo ardor missionário, na integração da fé com a vida do povo. Em vez de paróquia, fala-se em *Rede de Comunidades*.”<sup>264</sup>

Naquele momento a Rede de Comunidades São José contava com um templo e dois salões assim localizados: um salão ao lado da Comunidade São José e outro a quatro quilômetros de distância que era conhecido e chamado Salão Paroquial que era utilizado como templo. Assim, algumas comunidades deram seus primeiros passos. Dom Jayme realizou missões diocesanas em três oportunidades. A primeira no começo dos anos 80 para conscientizar os padres sobre a nova caminhada da Igreja e a criação de Comunidades Eclesiais de Base. A segunda missão tinha objetivo de preparar a Igreja para a virada do novo milênio. A terceira teve por objetivo preparar a Igreja para acolher a Conferência de Aparecida. Na esteira da primeira missão diocesana ocorrida nos inícios dos anos 80 nasceram vinte e três Comunidades Eclesiais de Base neste bairro que se somaram à Comunidade São José.

A missão que norteia as ações pastorais das CEBs do Fragata é a mesma estabelecida pelo Diretório da Diocese: “O objetivo geral da diocese é cumprir a missão da igreja, isto é, a Evangelização, realizada através do Testemunho (Missão Profética), do Serviço (missão régia) e da Celebração (missão sacerdotal).”<sup>265</sup> A diocese pelotense fala que a evangelização tem exigências: “serviço e participação na transformação da sociedade pelo bem dos pobres, diálogo com as culturas e outras

---

<sup>262</sup> AGOSTINI, Accelino. **Paróquia São José do Fragata**: Pelotas Os Capuchinhos na Região Sul do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPEL, 2011. P 55.

<sup>263</sup> AGOSTINI, 2011, p. 58.

<sup>264</sup> FRACASSO. In: Costa, 1996. P. 571.

<sup>265</sup> DIOCESE DE PELOTAS. **Diretorio para Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base**. Pelotas: Diocese de Pelotas, 2000, p. 4.

religiões, anúncio do Evangelho, testemunho da comunhão eclesial (cf. DGAE 1999-2002).”<sup>266</sup> A etnografia dialogou com isto, pois, entendemos o dízimo no olhar de Jesus que frisa a justiça e a caridade. Ele foi colocado a serviço da vida e rezado aos pés do altar onde Cristo se fez cordeiro e alimento. É a mesma missão de Cristo: “Situa-se a missão da Igreja onde se enlaçam indissolavelmente a celebração da ceia do Senhor e a criação da fraternidade humana. Isso é o que significa concretamente e de forma ativa ser sacramento da salvação do mundo.”<sup>267</sup> Sobre isto veremos mais adiante. As Comunidades Eclesiais de Base, são Igreja, vinculadas à Paróquia ou Rede de Comunidades, que por sua vez pertence organicamente a uma Diocese, conforme diz o diretório em seu número 6: “ A Diocese de Pelotas organiza-se em paróquias, e cada paróquia, por sua vez, é formada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).”<sup>268</sup> A eclesiologia foi apontada pelo Concílio Vaticano II com uma orientação para nova postura diante de muitas realidades. Buscou abertura ao mundo e atualização contextual. Entre outros caminhos novos apontados estava a necessidade dos conselhos que estão presentes em vários níveis de Igreja, inclusive nas CEBs:

Nas dioceses, enquanto for possível, existam conselhos que auxiliem a obra apostólica da Igreja, seja no campo da evangelização e santificação, seja no campo da caridade, da assistência social e outros. Neles cooperem convenientemente os clérigos e religiosos junto com os leigos. Tais conselhos poderão servir para a mútua coordenação dos vários grupos e iniciativas dos leigos, mantendo-se a índole própria e autonomia de cada um deles. Tais conselhos existam, se possível, também no âmbito paroquial e interparoquial, interdiocesano, como ainda em nível nacional e internacional.<sup>269</sup>

A Diocese de Pelotas estimulou a formação e atuação destes conselhos a nível paroquial conforme encontramos no Diretório, número 13: “Constituem órgão de administração e coordenação da Paróquia: 1º- Assembleia Geral. 2º- Conselho Paroquial de Pastoral. 3º- Coordenação Paroquial.”<sup>270</sup> E mais, este mesmo Diretório coloca como uma das atribuições do Conselho: “b) Criar condições materiais, econômicas e de formação dos agentes para viabilizar a caminhada pastoral da Paróquia, inclusive aperfeiçoando de forma permanente e sistemática a pastoral do dízimo.”<sup>271</sup> Este espaço de articulação produz seu plano de ação: “c) Elaborar Plano

<sup>266</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000. p. 4.

<sup>267</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 216.

<sup>268</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 04.

<sup>269</sup> APOSTOLICAM ACTUOSITATEM. Petrópolis: Vozes. 1978, n. 26, p. 557.

<sup>270</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 7.

<sup>271</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000. p. 7.

Paroquial de Pastoral, encaminhá-lo à Assembleia Paroquial e garantir os encaminhamentos para sua concretização.”<sup>272</sup> Chama os fiéis à participação.

Complementa com a organização e administração de cada Comunidade Eclesial de Base: “1º- Assembleia Geral da CEB. 2º- Conselho de Coordenação da Comunidade.”<sup>273</sup> Nos conselhos construiu-se um espaço de acolhida e valorização dos membros que compõem a comunidade. Sejam já participantes de longa data ou novos que se aproximam dela. A forma dos conselhos procederem pode criar adesão e fidelidade à comunidade ou não. Por isto os conselhos firmam-se sempre no ensinamento de Jesus e dele aprendem como relacionar-se com os membros da comunidade que tem na fé o principal ponto em comum. A Igreja Católica tem um longo histórico com variadas formas de coordenação em cada época sendo o modelo da diretoria um deles a serem superados. Vigentes em muitos locais e na memória de muitos membros que se aproximam da comunidade não é raro que membros da comunidade o proponham como caminho seguro. Vimos que desde o Vaticano II ela é convidada a fazer a passagem para o conselho. Ivo Oro traça um perfil de diretoria e de conselho exatamente para que saibamos o que deixar para atrás e assumir o novo para caminhar como Igreja. Explana algumas características na diretoria e no conselho, iniciando pela primeira:

O poder está centralizado em um ou três homens e o povo fica parado. A preocupação é mais com construções, festas e promoções. Pouco interesse com a formação de lideranças, a evangelização, a liturgia, a catequese, e com as pastorais e lutas em favor da vida. As mulheres em geral ficam fora da coordenação. A vida cristã é mais individualista e espiritualista. Leva mais para a sociedade do que para a comunidade. [...] Conselho de Pastoral tem este jeito: Faz o trabalho em conjunto: conselho e comunidade. As promoções estão a serviço da união, da comunidade e da pastoral. Preocupação maior com a formação, a evangelização e a transformação social. Para ser liderança precisa vivência cristã e participação. Valorização das mulheres na comunidade. A fé é ligada à vida, à realidade, à luta. Leva mais para ser comunidade do que sociedade.<sup>274</sup>

A atitude que o conselho toma é a mesma de Jesus que lava os pés dos apóstolos ensinando a forma do relacionamento entre eles. A de colocar-se a serviço uns dos outros. O conselho passou a ter esta mesma função, de servir os membros da comunidade. Como? Ele é formado por membros da comunidade que ouvem e valorizam os desejos da mesma. Deste modo todos terão maior probabilidade de

<sup>272</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000. p. 7.

<sup>273</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000. p. 9.

<sup>274</sup> DIOCESE DE CHAPECÓ. **Conselhos de Pastoral em construção**. 1998. p. 9.

sentir-se pessoas irmãs e permanecer na comunidade considerado que o ser humano é dinâmico. Nesta tarefa de ouvir e dar voz ao povo da comunidade, aprendemos do que falam e caminhamos juntos no que for necessário. Também falamos e acima de tudo, mantivemos esse público sempre motivado. Tarefa essa, não exclusiva do animador mor da comunidade que é o sacerdote, mas de todos os membros do Conselho da Comunidade, e, sem dúvida, da Coordenação da Pastoral do Dízimo. Expomos isto para dar aos leitores a clareza e o entendimento de que nas etnografias os Conselhos fizeram oficialmente a gestão das Comunidades no seu conjunto. Organizaram o dízimo de onde suscitou os recursos e a sua aplicação revelando-se excelente fonte de pesquisa sobre a cultura das comunidades em planejar e encaminhar participativamente as próprias ações. O diretório diz que o “orçamento paroquial está a serviço da evangelização que é a missão da Igreja. Os recursos necessários para a evangelização vêm das comunidades através do dízimo e das ofertas. A evangelização se realiza através dos serviços, comunhão e promoção dos mais pobres.”<sup>275</sup>

#### 4.1.2 Conceito de Sustentabilidade

O conceito sustentabilidade nasceu nos anos 70 no campo ambiental com largueza de significados e foi trazido para o institucional. “A ideia de sustentabilidade parte, em todos os seus âmbitos de aplicação, da perspectiva de sistemas e organismos que buscam garantir e projetar seu valor no tempo mediante intercâmbios com seu entorno.”<sup>276</sup> Assim é que “nas organizações sociais, a sustentabilidade organizacional é compreendida como a capacidade de uma organização para manter o valor social de seu trabalho e de sua existência de forma duradoura. Sustentabilidade não é um aspecto relacionado somente ao financiamento.”<sup>277</sup> Este conceito supõe mais elementos: “sustentabilidade de uma organização exige clareza de propósitos, qualidade na oferta de serviços, transparência na prestação de contas e capacidade de animar, liderar e gerenciar redes.”<sup>278</sup> O Instituto Sustentabilidade aponta três eixos para a sustentabilidade das Igrejas:

---

<sup>275</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 14.

<sup>276</sup> INSTITUTO SUSTENTABILIDADE. **Documento fundante**. São Leopoldo, 2013, p. 3.

<sup>277</sup> INSTITUTO SUSTENTABILIDADE, 2013, p. 4.

<sup>278</sup> INSTITUTO SUSTENTABILIDADE, 2013, p. 4.

O Planejamento Estratégico Participativo (PEP) como mecanismo de organização de processos em comunidades e Igrejas. A identificação e a mobilização de dons e recursos (humanos, teológicos e econômicos). A reflexão teológica (missiologia, eclesiologia, teologia do batismo), pensando outros modos de ser Igreja.<sup>279</sup>

Os eixos acima apresentados estão profundamente em conformidade com o que as lideranças estudaram de forma mensal em cada Conselho de Comunidade sobre o surgimento, o que é, e as competências do Conselho de Pastoral, bem como nos três anexos do Diretório para Paróquias e Comunidades. Com isto constatamos que, fruto dos estudos e orientações, além da organização do dízimo, as suas múltiplas implicações posteriores foram refletidas democraticamente e assumidas de forma conjunta. Houve um olhar sobre a realidade e a partir dela as decisões tomadas em conjunto foram convertidas em realidade:

Compete ao Conselho: 1. Coordenar, articular e animar as pastorais. 2. Ajudar na formação e despertar novas lideranças. 1. Dinamizar a caminhada para que os recursos materiais sejam usados na Igreja viva. 2. Dar apoio concreto às organizações populares. 1. Descobrir os problemas, apontar causas e juntos buscar soluções. 2. Planejar o trabalho pastoral, avaliar e celebrar a caminhada. 1. Incentivar a Pastoral de Conjunto, promovendo a integração e a unidade pastoral na comunidade. 2. Aprofundar (estudar) temas importantes para a caminhada pastoral, documentos da Igreja e outros. 1. Encaminhar o planejamento e o cronograma de atividades. 2. Manter uma contínua reflexão sobre a realidade da comunidade e paróquia. 1. Elaborar e executar um plano de atividades a partir das decisões tomadas em Assembleia da comunidade e paróquia. 2. Estar a serviço do crescimento das pastorais e da comunidade como um todo. Para isto deve estar bem atento a tudo o que acontece na comunidade e fora dela. 1. Incentivar a participação de todos. Distribuir tarefas para que mais gente assuma os serviços da Igreja. 2. Zelar pela unidade (não uniformidade) no caminho pastoral. 1. Organizar e realizar a Assembleia comunitária e ou paroquial, bem como viabilizar suas resoluções. 2. Encaminhar a elaboração de um Plano de Pastoral, levando em conta o Plano de Pastoral Paroquial (se ela já tem) e o Plano Pastoral Diocesano. (1997-2000).<sup>280</sup>

#### 4.1.3 Fundamentação Teológica

Sabemos que a Igreja não é um ponto de chegada, um fim. Ela é um ponto de partida. Ela é um instrumento a serviço da missão: “A sustentabilidade das igrejas não depende do agir humano. É o Espírito Santo que guia e sustenta a igreja. Ao mesmo tempo, há uma responsabilidade humana nesta tarefa que leva a revisar os paradigmas que têm modelado as igrejas.”<sup>281</sup> Ponto comum nas Igrejas Luteranas e

<sup>279</sup> INSTITUTO SUSTENTABILIDADE, 2013, p. 1.

<sup>280</sup> DIOCESE DE CHAPECÓ, 1998, p. 27-28.

<sup>281</sup> INSTITUTO SUSTENTABILIDADE, 2013, p. 5.

Católica é o fato de que “a maioria das pessoas que participa e sustenta a vida e a missão [...] inclusive boa parte da mordomia (mobilização de recursos) são mulheres. [...] tomada de decisões [...] majoritariamente por homens. [...]. Assume-se, portanto a categoria de gênero como eixo transversal.”<sup>282</sup> Numa exortação apostólica, o Papa Francisco destaca a alegria do evangelho. Propõe diretrizes atualizadas para toda a igreja que coordena sobre o anúncio do evangelho no mundo atual:

a) A reforma da Igreja em saída missionária. b) As tentações dos agentes pastorais. c) A Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza. d) A homilia e a sua preparação. e) A inclusão social dos pobres. f) A paz e o diálogo social. g) As motivações espirituais para o compromisso missionário.<sup>283</sup>

Papa Francisco se alegra ao ver muitas mulheres colaborando no serviço à sociedade e à igreja, mas desafia os homens à conversão para abrir mais espaço. Ele próprio reconhece: “[...] prestam novas contribuições para a reflexão teológica. Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. [...], nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais.”<sup>284</sup> Acena para a abertura de espaço a avançar nesta área e sinaliza: “As reivindicações [...]. Aqui está um grande desafio para os Pastores e para os teólogos, que poderiam ajudar a reconhecer melhor o que isto implica no que se refere ao possível lugar das mulheres onde se tomam as decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja.”<sup>285</sup> Em uma palavra: abre espaço ao pobre. No diretório da diocese sobre sustentabilidade D. Jayme Chemello apresenta três anexos, sendo que no primeiro trata o orçamento comunitário paroquial; no segundo, o sentido espiritual e bíblico do dízimo como gesto de fé e, no terceiro, a pastoral do dízimo em si. O Instituto Sustentabilidade, ao qual nos referimos acima, reflete a perspectiva teológica, a origem e missão da Igreja, recordando que ela é formada por pessoas e para a humanidade. Estas, por encontrar-se no mundo, tem sua forma organizativa de ordem civil, social, o que não tem como ser diferente.

Desde a perspectiva teológica, a igreja cristã tem sua origem no ato soberano de Deus, que, através do batismo e por obra do Espírito Santo, chama seu povo para anúncio das boas novas da salvação, encarnadas em Jesus Cristo através de palavras e ações. Esta perspectiva teológica explica a origem, o presente e a missão da igreja. Não explica, porém, sua realidade como

<sup>282</sup> INSTITUTO SUSTENTABILIDADE, 2013, p. 5-6.

<sup>283</sup> PAPA FRANCISCO. **A alegria do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 18.

<sup>284</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 86.

<sup>285</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 88.

realidade social, que agrupa pessoas, as quais, seguindo a vocação de seu batismo, motivam-se e organizam-se para participar na missão de Deus. Esta realidade da igreja como organismo social tem suas próprias regras, dinâmicas e leis, que, em necessária congruência com o alicerce de valores que sustenta a igreja – requer atenção. Isto é particularmente verdadeiro para aqueles processos e procedimentos que regem a igreja no tocante aos seus mecanismos de gestão e administração, sua forma de organizar-se, de decidir e de realizar suas atividades ordinárias.<sup>286</sup>

Na mesma linha recorda Papa Francisco as palavras de Jesus: “A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado’ (Mt.28, 19-20). [...] o Ressuscitado envia os seus [...]”<sup>287</sup> Ao falar batismo, temos clareza que se trata de seguimento: “Ele nos abre as portas de uma vida nova. Passar pelo umbral e iniciar o caminho de Jesus Cristo com a força de nossos próprios pés, é tarefa de cada cristão e da comunidade como um todo.”<sup>288</sup> O batismo nos concede identidade, marca, identificação com um “sentido escatológico: é um sinal que nos permite sermos reconhecidos pelo Salvador no dia do julgamento universal [...] pertença eclesial [...], ‘o Senhor conhece os seus’.”<sup>289</sup> Aqui nos fundamentos ganhamos clareza que tudo vem de Deus e a Ele pertence, inclusive a própria pessoa humana é dom de Deus. Por isto, o coração humano percebe esta realidade e reconhecedor disto, com muita gratidão dá um pouco a Deus em comunidade, do tudo que Dele recebeu.

Podemos olhar o belo gesto incentivado por Paulo quando esteve na Assembleia com Pedro, Tiago e João em Gal 2, 8-10 com a coleta de Jerusalém: “pois aquele que estava operando em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios [...] estenderam-nos a mão, [...]. Nós só nos devíamos nos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude.”<sup>290</sup> Certamente Paulo preocupava-se com todos os cristãos, mas, “o motivo histórico era a penúria dos cristãos da Igreja de Jerusalém.”<sup>291</sup> Sem entrar nas causas da pobreza, que certamente são várias, Pereira relaciona o corpo com Igreja: “[...] ‘há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança, um só Senhor, uma só fé, um

<sup>286</sup> INSTITUTO SUSTENTABILIDADE, 2013, p. 4-5.

<sup>287</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 19.

<sup>288</sup> MASSULO, Luciano da Costa; ZUGNO, Vanildo Luiz. **Sacramentos**: teologia, liturgia e pastoral. Porto Alegre: Evangraf, 2019, p. 48.

<sup>289</sup> MASSULO, ZUGNO, 2019, p. 48.

<sup>290</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2190.

<sup>291</sup> PEREIRA, Anderson Costa. A experiência da coleta para a Igreja de Jerusalém. In: CAMINHANDO COM O ITEPA. Passo Fundo, Pastoral do dízimo. Ano XXXV, n. 124, nov./2018. p. 36.

só batismo' (cf Ef 4,4-6), há uma só Igreja."<sup>292</sup> O apóstolo dos gentios trabalha ali a unidade dando um "fundamento teológico para a coleta. 'A razão teológica para a igualdade dos primeiros cristãos era a relação com Deus: todos eram considerados igualmente próximos de Deus'."<sup>293</sup>

Eram comunidades pobres que davam da sua pobreza inspirada em Cristo como encontramos na 2 Cor 8, 9: "Com efeito conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza."<sup>294</sup> Com estas Igrejas "Paulo quer mostrar que doar é graça: 'Irmãos, nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às igrejas de Macedônia' (2 Cor 8,1). O termo grego charis (normalmente traduzido por 'graça') ocorre seis vezes nestes dois capítulos sobre a coleta."<sup>295</sup> Aprendemos muito com a coleta de Jerusalém, gesto prático e finalizamos lembrando: "a necessidade da comunidade será sempre maior do que a necessidade particular de cada um. Sem dúvida, a prática da caridade supera todo egoísmo humano, pois coloco meu irmão necessitado em condições de ter. [...], partilhar não é dar o que nos sobra, mas é dar o que o outro precisa."<sup>296</sup>

A Igreja arquidiocesana buscou a unidade tecida no seu plano local. Seguiu as Diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para quatro anos. Pelotas construiu seu plano pastoral para um triênio, de 2011 a 2013. Elaborou a sua base teológica nestes termos:

Ao longo do triênio 2011, 2012 e 2013, queremos vivenciar fortemente as três VIRTUDES TEOLOGAIS da FÉ, AMOR E ESPERANÇA (as virtudes que vem de Deus e sem as quais não há religião cristã) e os três PILARES ECLESIAIS da PALAVRA, CARIDADE E LITURGIA, (os pilares eclesiais que constituem a Igreja de Cristo, e sem os quais ela não existe). E estas VIRTUDES e esses PILARES sempre serão concretizados nos três ÂMBITOS DE AÇÃO EVANGELIZADORES da PESSOA, COMUNIDADE e SOCIEDADE (os âmbitos de ação que contemplam as três instâncias em torno das quais devem ser feitos a nossa ação evangelizadora em vista de uma globalidade). Para cada ano do triênio dá-se um acento (por exemplo em 2011, FÉ, PALAVRA e PESSOA; em 2012: AMOR, CARIDADE e COMUNIDADE), mas sem se esquecer sempre do tríplice dimensão da proposta.<sup>297</sup>

---

<sup>292</sup> PEREIRA, 2018, p. 36.

<sup>293</sup> PEREIRA, 2018, p. 38.

<sup>294</sup> PEREIRA, 2018, p. 38.

<sup>295</sup> PEREIRA, 2018, p. 38.

<sup>296</sup> PEREIRA, 2018, p. 44.

<sup>297</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS. **Plano arquidiocesano de pastoral**. Pelotas: Sem Rival, 2012, p. 1.

Este plano colocou a organização do dízimo em 2012 nestes moldes: “Contemplando a virtude do AMOR – o pilar da CARIDADE no ÂMBITO DE AÇÃO da COMUNIDADE: 1ª PRIORIDADE: PASTORAL DO DÍZIMO. AÇÃO COMUM: CONSTRUIR O PROJETO ARQUIDIOCESANO DE PASTORAL DO DÍZIMO.”<sup>298</sup> Pastoral esta que estava intimamente ligada à liturgia, como diz uma bela máxima: “uma verdadeira pastoral é uma boa teologia, assim como uma autêntica teologia é uma boa pastoral.”<sup>299</sup>

Dom “Jacinto Bergmann”<sup>300</sup> caminhou com as lideranças arquidiocesanas ligadas ao dízimo e formulou estas bases para fundamentar a teologia própria local: “A Pastoral do Dízimo e o Dízimo estão fundamentados na PALAVRA DE DEUS, na constituição da IGREJA LOCAL, de Cristo e na sua MISSÃO evangelizadora. A partir destes três fundamentos brota uma TEOLOGIA DA GRATUIDADE E ALTERIDADE [...]”<sup>301</sup> Esta teologia da gratuidade e alteridade tem sua base na “**espiritualidade eucarística**, na **espiritualidade da oferenda**, na **espiritualidade da partilha** e na **espiritualidade missionária**.”<sup>302</sup> A teologia e a espiritualidade do dízimo foi tecida no decorrer da bela caminhada com larga participação das comunidades do Fragata e de toda a arquidiocese. Estas espiritualidades aprofundaremos mais adiante. Vamos ver o dízimo...

## 4.2 SENTIDOS DO DÍZIMO

A existência do dízimo na humanidade vem antes da criação da Igreja Cristã. O termo dízimo conforme Ferreira no seu dicionário de letras e filologia, é: “(Do lat. Decimu.) S. m. 1. A décima parte. 2. Ant. Dizima (1). [Cf. dizimo, do v. dizimar.]”.

<sup>298</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2012, p. 2.

<sup>299</sup> ROCKENBACH, Carlos Raimundo. MASSULO, Luciano da Costa. **Introdução à Liturgia**. Porto Alegre: Evangraf, 2019, p. 108.

<sup>300</sup> BERGMANN, Jacinto. Nasceu no ano de 1951, em Alto Feliz, Vale do Caí, RS. É Mestre em Ciências Bíblicas no Pontifício Instituto Bíblico em Roma e na Escola Superior de Teologia Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, com posterior atualização em ciências Bíblicas em Trier, Alemanha. Lecionou em várias faculdades de teologia no RS, Santa Catarina e no Paraná. Foi Presidente da comissão Bíblico-catequética da CNBB e membro da Comissão Bíblica na Conferência Episcopal Latino Americana. Bispo titular da diocese de Pelotas desde 2009. Hoje, Arcebispo nesta que foi elevada a Arquidiocese em 13 de abril de 2011 pelo Papa Bento XVI.

<sup>301</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS. **Oferenda**: o dízimo cristão no altar da eucaristia. Pelotas: Sem Rival, 2013. p. 7.

<sup>302</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 7.

Conferindo o verbo dizimar conforme sugerido encontramos “Ant. Cobrar dízimas.”.<sup>303</sup> Já Brosse, Henry e Rouillard, afirmam que “na legislação mosaica, cobrança da décima parte das colheitas, oferecida a Javé, ou atribuída aos Levitas”.<sup>304</sup> Ao longo da palavra de Deus encontramos vários sentidos diferentes designados a este termo. A compreensão do dízimo precisa estar embasada nos fundamentos bíblicos e eclesiais sobre o dízimo para encontrar-se na fé cristã situada na missão de Deus. Algumas formas de interpretar o ensino da bíblia sobre o dízimo correm o risco de distorcer o seu sentido ou mesmo reduzir a algum aspecto. Sabemos que a Revelação de Deus na humanidade é progressiva e orientada para Cristo.

Com o evento Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição, ele próprio passou a ser a mediação entre Deus e o mundo criado. Seu testemunho suscitou seguimento a Deus, brotou um novo sentido de viver. Surgiu a vida comunitária, com partilha de bens entre irmãos. Transcorridos dois milênios, uma pequena parte de cristãos busca no dízimo a sustentabilidade da Igreja a serviço da missão que foi confiada por Jesus no que chama espaço comum de vivência da fé e serviço à comunidade. O dízimo, mesmo na sua pobreza, se redescobre como um pilar de partilha na vida da Igreja em vista de sua missão. Partiremos com o sentido do dízimo nos Patriarcas, em Moises, nos profetas e Jesus com as primeiras comunidades.

#### 4.2.1 Visão breve do dízimo nos patriarcas

Temos gestos bíblicos, alguns belos, outros nem tanto. É uma certa busca inicial de agradar a Deus. Existe a visão ao dar a Deus como agradecimento, ou então, para receber ainda mais as suas graças. É dado algo da vida animal ou dos frutos da terra. O dízimo que Abraão decide dar a Melquisedec em Gn 14, 17-20 é oriundo dos despojos numa vitória para libertar seu genro que havia sido feito prisioneiro. Jacó em Gn 28, 18-22 se dispõe a oferecer o dízimo como resultado de sua boa experiência com Deus em Betel.

O dízimo era oferecido como reconhecimento e gratidão pela dádiva de Deus que abençoou e acompanhou todo aquele que a Ele se confiou. A decisão de dar o

---

<sup>303</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, S A, 1975, p. 487.

<sup>304</sup> BROSSE, Olivier de la; HENRY, Antonin-Marie; ROUILLARD, Philippe. **Dicionário de termos da fé**. São Paulo: Santuário, 1995, p. 248.

dízimo nasceu de um coração agradecido a este Deus no cotidiano da vida. A benção de Deus era percebida por muitos nos frutos da terra e nos rebanhos.

#### 4.2.2 Visão breve do dizimo em Moises e na lei

A partir de Moises vamos encontrar o dízimo que faz uma passagem para a legislação. Em Lv 27,30 os frutos da terra e das sementes pertencem a Deus. Entre tantas leis encontramos os pontos sociais e litúrgicos: “a lei do dízimo (Dt 14,22-19), a lei da remissão (Dt 15,1-6), a lei da solidariedade (Dt 15,7-11), a lei da libertação dos escravos e escravas (Dt 15,12-18) e a lei dos primogênitos (Dt 15,19-23).”<sup>305</sup>

Na partilha da terra entre as tribos os levitas não receberam terras para plantar, segundo Nm 18,21: “Eis que aos filhos de Levi dou por herança todos os dízimos arrecadados em Israel, compensação pelos seus serviços, isto é, o serviço que fazem na Tenda da Reunião.”<sup>306</sup> Mesmo os levitas entregaram o dízimo a Deus em Nm 18,26: “Falarás aos levitas e lhes dirás: quando tiverdes dos filhos de Israel os dízimos que vos dou como herança da parte deles, separareis a parte de lahweh, o dízimo dos dízimos.”<sup>307</sup> Em todos os povos existem pobres. Parte do dízimo era para o órfão, a viúva e o estrangeiro como auxílio ao necessitado recordado na lei da solidariedade. Nesta relação com Deus “o dízimo passa a servir de meio pedagógico, como caminho para se aprender a exercitar o temor do Senhor (Dt 14,22-23). Para esses fins era entregue anualmente ou trienalmente.”<sup>308</sup>

#### 4.2.3 Visão breve do dízimo nos profetas

Os profetas olham o dízimo neste prisma de fidelidade e justiça. Um profeta que chamou ao arrependimento e conversão condenando o culto foi Am 4, 4-6: “Entrai em Betel e pecai! [...]. Oferecei, pela manhã, os vossos sacrifícios, e ao terceiro dia os vossos dízimos! [...] e falta de pão em todos os vossos lugarejos, mas não voltais a mim! Oráculo de lahweh”.<sup>309</sup> Malaquias recorda o povo sobre a fidelidade à aliança com Deus alertando para a conversão. Chama para observar os ensinamentos de

<sup>305</sup> STAUDER, Eduardo Paulo, 2007, p. 37.

<sup>306</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 244.

<sup>307</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 244.

<sup>308</sup> CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Doc.106, 2016, p. 17.

<sup>309</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1750.

Deus com seriedade em Mt 23,17 “Vós cansais a lahweh com vossas palavras! Mas vós dizeis: Em que o cansamos? – Quando dizeis: Quem pratica o mal é bom aos olhos de lahweh, nestes ele se compraz! Ou, então: Onde está o Deus da Justiça?”<sup>310</sup>

Os profetas fizeram uma releitura do dízimo sob o olhar da fidelidade à Aliança. O dízimo não pode ocorrer numa simples formalidade cultual sem a interioridade que lhe dá sentido.

#### 4.2.4 Visão breve nos Evangelhos e primeiras comunidades

As menções encontradas nos evangelhos se referem às práticas do judaísmo no tempo de Jesus. Este, assume uma postura profética como relata Mt 23,23: “Ai de vós escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omittis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Importava praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas.”<sup>311</sup> Jesus tinha seguidoras que o ajudavam com seus bens diz Lc 8,3: “Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Suzana e várias outras, que o serviam com seus bens.”<sup>312</sup> Os discípulos colocavam o dinheiro em comum nos diz Jo 13,29: “Como era Judas quem guardava a bolsa comum...”<sup>313</sup>

Nas primeiras comunidades é relatado nos At 2,44-45: “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nas entre todos, segundo as necessidades de cada um.”<sup>314</sup> De Jesus Cristo em diante encontramos muitos relatos em forma de partilhas, coletas, doações. O Apóstolo Paulo nos diz em 1Cor 6,19: “Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus? ... e, que, portanto, não pertenceis a vós mesmos? Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; glorificai, portanto, a Deus em vosso corpo.”<sup>315</sup> Com Jesus e depois Dele, não mais é utilizado o termo dízimo para designar esta realidade. Utilizaram palavras como coleta, doação, partilha, colocavam seus bens em comum ... colocavam os bens aos pés dos apóstolos...

<sup>310</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1822.

<sup>311</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1882.

<sup>312</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1943.

<sup>313</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2022.

<sup>314</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2051.

<sup>315</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2155.

### 4.3 PALAVRA DA IGREJA CATÓLICA SOBRE O DÍZIMO

Dos fundamentos teológicos e dos sentidos do dízimo vistos nos subcapítulos anteriores seguimos a caminhada para a palavra da Igreja. Ela busca luzes nos ensinamentos de Jesus, e na vivência das primeiras comunidades que construíram uma tradição de partilha.

#### 4.3.1 Ensino geral

O dízimo na Igreja Católica vem de longe. Atualmente ele está consolidado também na maior parte das Igrejas Cristãs conforme a orientação de cada uma. Em âmbito geral, a Igreja prevê o dízimo na colaboração dos fiéis para as necessidades da Igreja e sua missão evangelizadora com o olhar da partilha para os pobres no Cânon 222: “Os fiéis têm obrigação de socorrer às necessidades da Igreja, [...] para as obras de apostolado e de caridade e para o honesto sustento dos ministros. 2 - Tem também a obrigação de promover a justiça social e, lembrados do preceito do Senhor, socorrer os pobres com as próprias rendas.”<sup>316</sup> Dom Oriolo reverte isto para a missão evangelizadora: “Embora na linguagem jurídica do código o termo utilizado seja ‘obrigação’, entendemos que a legislação é veemente em assegurar, na lei da Igreja, a importância da participação de cada fiel na missão evangelizadora.”<sup>317</sup> Neste nível mundial a Igreja Católica formulou mandamentos e sugere que se os ensine na catequese formulado assim no “quinto mandamento ‘ (Ajudar a Igreja em suas necessidades) ’ recorda aos fiéis que eles devem ir ao encontro das necessidades materiais da Igreja, cada um conforme as próprias possibilidades.”<sup>318</sup>

Os bispos da América Latina e Caribe reunidos na V Conferência em Aparecida declararam: “[...] chegar a todos. O Conselho de Assuntos Econômicos junto a toda a comunidade paroquial, trabalhará para obter os recursos necessários de maneira que a missão avance e se faça realidade em todos os ambientes.”<sup>319</sup>

---

<sup>316</sup> IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Código de direito canônico**. São Paulo: Loyola, 1983, p. 99.

<sup>317</sup> ORIOLO, D. Edson. **Pastoral do dízimo: da comunicação ao comprometimento**. São Paulo: Paulus, 2019, p. 56.

<sup>318</sup> IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Catecismo da Igreja Católica**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2017, p. 537.

<sup>319</sup> V CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E CARIBE. **Documento de Aparecida**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 99-100.

O Papa Francisco é a voz da Igreja que impulsiona a atividade missionária: “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão. [...] não nos serve uma ‘simples administração’. [...] em estado permanente de missão”.<sup>320</sup> Este papa retoma a linha pastoral de João XXIII e Paulo VI assumindo e incentivando a Igreja no espírito do Concílio Vaticano II.

#### 4.3.2 Orientações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

No Brasil o dízimo é prática familiar desde os imigrantes alemães e italianos. Um debate ganhou força no clero católico entre os anos 60 e 70, e se tornou tema dos bispos com encaminhamentos na XIV Assembleia da CNBB colocada em 6 pontos:

1- Todas as Igrejas Particulares no Brasil devem ter como meta a implantação do dízimo como sistema de contribuição sistemática e periódica, que substitua progressivamente o sistema de taxas; 2 - Haja um intenso trabalho de conscientização do povo e dos agentes de pastoral e de progressiva organização do sistema ao nível diocesano, paroquial e de base; 3 - As Igrejas, dentro de um mesmo regional, devem prestar mútua ajuda, fazendo circular as várias experiências; 4- Os regionais cuidem a elaboração de subsídios, onde eles forem necessários e pedidos pela Igrejas Particulares; 5 - Os organismos nacionais prestem aos regionais a devida assessoria; 6- Cada Igreja Particular fixará a data a partir da qual será obrigatória a implantação do sistema.<sup>321</sup>

Esta temática ficou encaminhada para que cada diocese desse o seu passo organizacional. Retornou aos debates nas Assembleias anuais da CNBB. Esta, em 2016 editou um documento próprio para a sustentabilidade:

Por meio do dízimo, que é uma contribuição motivada pela fé, os fiéis vivenciam a comunhão, a participação e a corresponsabilidade na evangelização. O dízimo é uma contribuição sistemática e periódica dos fiéis, por meio da qual cada comunidade assume corresponsavelmente sua sustentação e a da Igreja. Ele pressupõe pessoas evangelizadas e comprometidas com a evangelização.<sup>322</sup>

Na pessoa evangelizada clareia que o dízimo não é cumprimento de lei, pois, é fruto de uma decisão pessoal. Maimone nos diz que que é preciso uma caminhada de fé: “Cabe aos padres e aos agentes da pastoral do dízimo conscientizar sobre o

<sup>320</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 24.

<sup>321</sup> CONSELHO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral do dízimo**. 13ª reim. São Paulo: Paulus, 2015, p. 9. (Estudos da CNBB n. 8.).

<sup>322</sup> CONSELHO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas**. Brasília: CNBB. 2016. (Doc. 106). p. 13.

espírito evangélico de desapego ao dinheiro e gratidão a Deus. [...], oferecendo o mínimo possível, e com má vontade, não tem sentido.”<sup>323</sup> A pessoa evangelizada se compromete em evangelizar.

O missionário que atuou no Fragata, Gandi Ferreira afirma em nossos tempos atuais: “Sugestão para o melhor sistema do dízimo. Deve ser: a) um sistema (mensal); b) um compromisso moral para com a comunidade (não jurídico); c) um auxílio fixado de acordo com a consciência de cada um (sem índice aritmético).”<sup>324</sup> Concordo com a sugestão de Ferreira. Tem afinidade com a indicação dada pela CNBB em 1975 e confirmado em 2016. Parece ter um sinal de justiça conforme o argumento utilizado: “importaria uma obrigação aritmeticamente igual a todos, mas realmente diferente a cada um. Sob a capa de uma suposta solidariedade, pedir-se-ia mais a quem tem menos e menos de quem tem mais.”<sup>325</sup> Estas posições sem impor percentuais acertam-se com a Teologia da Gratuidade e Alteridade. Fundamentada na Ceia. Tema a ser desenvolvido mais adiante.

#### 4.3.3 Dízimo no Diretório Diocesano de Pelotas ano 2000

A voz mais detalhada aqui é a da Igreja local. Faz referências diretas sobre o dízimo no Diretório da Diocese quando recorda seus três níveis: diocese, paróquia e comunidades. Convenciona as atribuições do Conselho Paroquial em dois momentos distintos. O primeiro incentiva sua existência no seu número 15 b) “inclusive aperfeiçoando de forma permanente e sistemática a Pastoral do Dízimo. Para isto deve constituir equipe paroquial da Pastoral do Dízimo.”<sup>326</sup> A segunda no número 16, letra c, está previsto através dele a colaboração com a diocese na seguinte forma: “c) Remeter 10% do dízimo da Paróquia para a manutenção da Diocese.”<sup>327</sup> Orienta ainda:

27.1- A Diocese propõe que o dízimo da família ou pessoa cadastrada seja, ao menos, 1% da sua renda. 27.2- O integrante da comunidade que passa por dificuldades econômicas fará a contribuição do dízimo segundo suas possibilidades, podendo ser isentado da mesma, temporariamente, pelo Conselho de Coordenação da Comunidade. 27.3- Todas as comunidades

<sup>323</sup> MAIMONE, D. José M. **Dízimo**. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 21.

<sup>324</sup> FERREIRA, Gandi. **Dízimo**: fonte de graças, comunhão com Deus. Porto Alegre: Evangraf, 2005, p. 26.

<sup>325</sup> CONSELHO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2015, p. 51.

<sup>326</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 7.

<sup>327</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 8.

devem ter equipe de Pastoral do Dízimo e promover campanha de conscientização e renovação do dízimo, ao menos uma vez ao ano. 27. 4- As receitas de festas e promoções, bem como parte do dízimo ficam para a própria Comunidade, devendo estar solidária com as Comunidades mais pobres, auxiliando-as materialmente em suas necessidades.<sup>328</sup>

Nos anexos, o primeiro organiza o orçamento paroquial a serviço da evangelização: “Os recursos para as despesas ordinárias da paróquia são arrecadados, normalmente, com o dízimo das comunidades. [...] É possível prever as despesas mensais ordinárias [...] usando como referência o salário mínimo, prever os gastos mensais.”<sup>329</sup> Antecipa que há despesas extraordinárias por parte da paróquia: “despesas com novas construções, compra de carro novo, gastos maiores com equipamentos, e recursos para ajudar comunidades mais pobres da paróquia (“comunidades-irmãs”<sup>330</sup>). [...] oriundos normalmente, de promoções, festas, ofertas, campanhas especiais.”<sup>331</sup> Nas “despesas paroquiais”<sup>332</sup> prevê o como calcular os recursos ordinários necessários e que está em uso no Fragata: “A decisão sobre o quanto cada comunidade vai contribuir deve ser tomada comunitária e solidariamente por todas as comunidades em Assembleia Paroquial, a partir de proposta de Conselho Paroquial de Pastoral usando critérios justos e claros.”<sup>333</sup> Nestes critérios entram as condições de cada comunidade e o “fundamento desta forma de fazer o orçamento é a corresponsabilidade, a partilha, a solidariedade e participação de todos.”<sup>334</sup> O Diretório lançou base de colaboração no orçamento com um olhar justo.

O segundo anexo orienta sobre o sentido espiritual e bíblico do Dízimo como um gesto de fé. Para dar o dízimo à comunidade é necessária fé em Deus. Parte de um conceito fundamental: “Deus é o Criador e Senhor de tudo. O homem foi chamado a ser o administrador dos bens criados por Deus. Ele não é o proprietário dos bens.

<sup>328</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 13.

<sup>329</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 14.

<sup>330</sup> Nota: comunidades irmãs é o nome dado a projetos internos de ajuda entre as comunidades, onde as maiores auxiliam as menores em pontos que percebem a necessidade de auxílio mutuo. As comunidades irmãs normalmente são aquelas que compõem a mesma paróquia. Este termo “irmãs” é utilizado para a solidariedade entre paróquias e dioceses, nomeando como paróquias irmãs e dioceses irmãs.

<sup>331</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 15.

<sup>332</sup> Nota: as despesas paroquiais são as normais para o funcionamento de uma paróquia tendo previsto a manutenção dos salários e direitos sociais da secretaria, do presbítero, da doméstica e a promoção dos pobres. Manutenção da casa paroquial, automovel, combustível, conservação do carro, aquisição dos materiais necessarios para a evangelização como catequese, liturgia, jovens, crianças e outros. Contribuição para a diocese. Este orçamento é projetado em torno de 10 salários mínimos mensais.

<sup>333</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 15.

<sup>334</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 16.

Faz do dízimo um gesto de fé e de gratidão a Deus. Ele reconhece o direito de Deus [...] seja oferecida para o serviço da comunidade.”<sup>335</sup> Aprecio este conceito. Comenta os gestos diferentes de Caim e Abel e cita os patriarcas como modelo de fé em Deus e dão o dízimo de tudo. Igual ao gesto de Caim que se torna assassino do irmão, afirma: “Tem os que querem colocar-se no lugar de Deus, serem senhores e não são capazes de oferecer algo de bom para o serviço de Deus, ou quando oferecem alguma coisa, ofertam o que não lhes faz falta ou que não presta para nada.”<sup>336</sup> Recorda a lei do dízimo neste espírito: “O povo de Deus, tendo à frente homens de fé, agradecidos ao Senhor e conscientes de que são administradores dos bens, e não donos, foi organizado o dízimo, que aos poucos se tornou lei da comunidade. [...] parte do dízimo é para o trabalho e a promoção dos pobres.”<sup>337</sup> Continua fundamentando biblicamente o dízimo a Deus na comunidade.

Jesus não rejeita mas questiona o gesto do dízimo quando realizado por uma conduta incoerente em Mt. 23, 23: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Importava praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas.”<sup>338</sup> Isto dá clareza que Jesus assumiu a ótica dos profetas quanto ao dízimo. Os que seguem a Jesus são homens e mulheres que abraçam nova prática em Lc 8, 1-3: “Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os doze o acompanhavam, assim como [...] Suzana e várias outras, que o serviam com os seus bens.”<sup>339</sup> A nova comunidade vivenciou a partilha de bens, seguiam Jesus e precisavam de alguma forma, organização entre si. No templo Jesus elegeu a viúva pobre como modelo de dizimista em Marcos 12, 43- 44: “[...] esta viúva que é pobre lançou mais do que todos que ofereceram moedas ao tesouro. Pois todos os outros deram do que lhes sobrava. Ela, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver.”<sup>340</sup>

---

<sup>335</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 16.

<sup>336</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 16.

<sup>337</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 16.

<sup>338</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1882.

<sup>339</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1943.

<sup>340</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1917.

As primeiras comunidades cristãs na partilha dos bens são mais exigentes que o dízimo relatado em Atos 4, 34: “não havia entre eles necessitado algum.”<sup>341</sup> E nesta vivência é relatado “um caso famoso, o do casal Ananias e Safira, que fingiu que estava partilhando seus bens e por isto foi castigado (At 5, 1-11).”<sup>342</sup> Paulo “missionário e fundador de muitas comunidades, aconselha a partilha de bens e recursos entre o catequista e o catequisando (Gl 6,6) e defende o direito do evangelizador receber, da comunidade, o necessário para viver (1 Cor 9, 4-14).”<sup>343</sup> O dízimo torna-se um dar a Deus, que parte do amor de cada pessoa, conforme seu reconhecimento, sua gratidão pelo que Deus lhe fez, gerando grande partilha. Esta diocese diz “Paulo também defende e valoriza a partilha de bens e recursos entre comunidades pobres e comunidades que estão em situação melhor. Isto se percebe nas coletas feitas em favor da comunidade de Jerusalém (1 Cor 16, 1-4. 2 Cor 8 e 9).”<sup>344</sup>

O anexo terceiro conformou-se com orientações da CNBB que organizou a opção diocesana nos anos 70. Incentivou a Pastoral do Dízimo como recurso para a missão. Nesta pastoral coloca meta educativa e financeira. A meta da educação tem duas outras: “A primeira é ajudar os católicos que já participam da comunidade e os que dela se aproximam a perceberem e assumirem o dízimo como sinal de gratidão a Deus, compromisso de fé e expressão de partilha e solidariedade, na certeza de que Deus é o Senhor da vida e dos bens.”<sup>345</sup> E a segunda é “ajudar os católicos a fazerem gestos de partilha, segundo suas condições de vida e de bens que Deus lhes proporciona, através de festas, promoções, campanhas, etc. Estas iniciativas, organizadas de forma comunitária, educam para a partilha.”<sup>346</sup> Na questão financeira apresenta três metas, sendo as duas primeiras: “O dízimo quer reunir os recursos para as despesas ordinárias, previstas no orçamento paroquial. [...] o dízimo, para que a comunidade e a paróquia tenham condições de desenvolver melhor o trabalho de promoção dos pobres.”<sup>347</sup> A terceira meta financeira é “conseguir mais recursos extraordinários para que a comunidade e a paróquia possam ajudar uma comunidade

---

<sup>341</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2055.

<sup>342</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 18.

<sup>343</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 18.

<sup>344</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 18.

<sup>345</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 19.

<sup>346</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 19.

<sup>347</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 19-20.

e/ou paróquia mais pobre (comunidade-irmã), e ter melhores condições para a conservação do próprio patrimônio.”<sup>348</sup>

O diretório delinea as competências e atribuições nos dois níveis: comunidade e paróquia. Nas competências das equipes da comunidade e paróquia coloca: “Conhecer o sentido bíblico. [...], fazer orçamento comunitário paroquial [...], exemplo de dizimista. [...]. Atender dizimistas em dia de celebração. [...], trabalhem juntos e de forma organizada. [...], alguém da equipe (se possível) tenha experiência administrativa ou contábil.”<sup>349</sup> Diz na orientação para a equipe paroquial:

Assessorar, orientar e animar [...]. Ajudar a organizar com o Conselho Paroquial, o orçamento [...]. Orientar as comunidades sobre o recebimento, o registro e prestação de contas. [...]. Oferecer subsídios [...]. Encaminhar todos os meses a contribuição da paróquia.<sup>350</sup>

As atribuições da equipe da comunidade repete as já expostas e acrescenta: “Rezar periodicamente a oração do dizimista na comunidade. [...], manter contato e acompanhamento aos dizimistas indo a seu encontro, especialmente quando parecem estar se afastando da vida comunitária.”<sup>351</sup> Acresce instrumentos de conscientização.

#### **4.4 TEOLOGIAS SUSPEITAS APRESENTAM-SE COMO CRISTÃS**

Existem muitas teologias suspeitas. Vamos delinear algo sobre quatro delas. Juan L. Segundo ensina que, “um teólogo da libertação [...] desconfia que tudo aquilo que tem que ver com as ideias esteja intimamente relacionado, nem que seja apenas inconscientemente, com a presente situação social. E disso não escapa nem a teologia.”<sup>352</sup> Utilizo da suspeição alertada por Segundo para designar como teologias suspeitas todos os pensamentos e procedimentos das pessoas com a clara motivação de algum dizimista ou daquele (a) que orienta dizimistas não esteja conforme Jesus orienta nos evangelhos ao aprofundar o sentido do dinheiro na comunidade. A teologia da Diocese de Pelotas aponta quatro concepções que dão base a correspondentes teologias. Passamos agora a conhece-las e discorrer sobre a reflexão em cada uma delas: “[...] tanto a Pastoral do Dízimo quanto o Dízimo não estão baseados na

<sup>348</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 20.

<sup>349</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 20-21.

<sup>350</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 21.

<sup>351</sup> DIOCESE DE PELOTAS, 2000, p. 21.

<sup>352</sup> SEGUNDO, 1978, p. 10.

‘teologia da prosperidade’, na ‘teologia do interesse’, na ‘teologia do acúmulo’ e na ‘teologia da miséria’.”<sup>353</sup> Estas são teologias a ser melhor conhecidas e combatidas.

A teologia que tem por base a prosperidade está delineada e oferecida na dinâmica da oferta e da procura. É fortemente difundida em igrejas pentecostais e, neopentecostais ou pós-pentecostais. Podem estar também em mais igrejas ou formas religiosas. As três seguintes talvez estejam menos desenvolvidas, mas presentes em muitos, inclusive lideranças ligadas à iniciação da vida cristã. Podem aparecer na prática vivenciada por muitos, com sua maior ou menor intensidade. Os textos bíblicos nos alertam a estes procedimentos como um caminho a ser evitado e assumir este: “E jamais esquecer que o principal ‘bem’ de uma comunidade são as pessoas. Nenhum bem teria sentido sem o ‘bem maior’, que somos nós.”<sup>354</sup>

É bom ressaltar que a base das CEBs são as pessoas e as famílias. Os missionários foram preparados para encontrar famílias compostas em vários perfis. Famílias numerosas ou pequenas. Famílias com membros da mesma igreja ou mistas como um católico e outro da Universal, por exemplo. Alguns induzem familiares como fez esta mãe com o seu filho: “Carlos aderiu à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) sob a influência da mãe e atribui o momento decisivo dessa sua resolução de um acontecimento por intermédio do qual Deus estaria querendo afastá-lo do tráfico de drogas.”<sup>355</sup> Sair das drogas sempre é bom, pois melhora a qualidade de vida no sentido de cortar uma dependência escravizante. Existem muitos outros modelos de família na sociedade brasileira. Não é tarefa aqui em desenvolver estes modelos, embora reconheça que são usados por estas teologias estranhas.

#### 4.4.1 Teologia da Prosperidade

A Teologia da Prosperidade “baseia-se na ‘teologia da recompensa’, isto é, ‘pagamos’ o dízimo e Deus vai nos prover do bem-estar (bens, fama, saúde...); ‘pagamos’ o dízimo mesmo sendo um ‘indigesto imposto’, uma ‘pesada taxa’, pois seremos recompensados.”<sup>356</sup> Embora tenha raízes que remontam a outros autores há

<sup>353</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 7.

<sup>354</sup> DIOCESE DE CHAPECÓ, 1998, p. 36.

<sup>355</sup> SOUSA, Jessé, et al. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 223.

<sup>356</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 7.

mais de século, ela foi reelaborada pelo autointitulado Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. Esta teologia pressupõe “estar convicto de que é da vontade de Deus o sucesso financeiro. Do contrário, como usará a fé para conquistar a prosperidade vinda d’Ele?”<sup>357</sup> O Senhor abençoa todos aqueles que o buscam. A prosperidade era dada a todos os servos de Deus. O Crente tem um dilema: “Como pedir algo a Deus sem ter a certeza de que aquilo que pede é da vontade d’Ele?”<sup>358</sup> Este bispo sugere que, para saber se é ou não vontade de Deus, necessita fé sem dar chance à dúvida:

[...] quando a fé é consciente e está focada num objetivo, então esse objetivo é à vontade d’Ele. Mas quando não há certeza absoluta ou existe um pequeno indício de dúvida, então o que se pretende alcançar não é da vontade do Altíssimo. Porque, ao mostrar Sua vontade, Ele dá a fé necessária para a sua execução. O Senhor espera que a fé doada por Ele seja imediatamente colocada em prática. Portanto, a fé é a ferramenta que norteia a vontade de Deus na vida cristã. A falta de entendimento espiritual, somada à fé emotiva, enfraquece a confiança no Deus vivo e dá origem a todos os fracassos. [...] Antes de buscar as riquezas do Senhor, a pessoa precisa estar convicta de que é de Sua inteira vontade fazê-la prosperar. A dúvida quanto à vontade divina é a mais ferrenha inimiga do cristão. Ciente disso, o diabo não somente sopra pensamentos duvidosos quanto ao projeto de Deus para os seus filhos, mas também usa ‘irmãos’ para tentar neutralizar a fé dos verdadeiros e sinceros filhos da luz.<sup>359</sup>

Na relação com o dinheiro, defende: “O dinheiro não é mau, mas o amor a ele sim! O dinheiro é péssimo senhor, mas excelente servo. Se ele for feito senhor, obviamente seus servos vão sofrer o ‘princípio do inferno’ já neste mundo.”<sup>360</sup> O autor parece não reconhecer que o dinheiro é o que a espécie humana convencionou, tornando-se correspondente ao fruto do trabalho, do suor e do esforço. Macedo qualifica a Igreja Católica uma inimiga histórica do povo brasileiro, mancomunada com o império opressor divulgando a pobreza e humildade baseada em Jesus pobre, o que, em seu raciocínio, esta combinada com o diabo e é enquadrada como ladra:

Quem é o ladrão mencionado pelo Senhor? Não seria o diabo? Sim, porque somente ele quer roubar, matar e destruir. E não seria a teologia da miséria uma doutrina satânica contrária à teologia da prosperidade? Nosso Senhor pregava a doutrina da vida com abundância. Portanto, quem é do lado de Deus prega a doutrina da prosperidade e quem é do lado do ladrão aceita e prega a doutrina da miséria. [...], os que contrariam a Teologia da Prosperidade compactuam com os espíritos do mal. Isso não é de surpreender. Em sua teoria a riqueza deve estar nas mãos da minoria para

<sup>357</sup> MACEDO, Edir. **Fé e dinheiro**: descubra qual é a vontade de Deus para sua vida. Rio de Janeiro: Unipro, 2008, p. 5.

<sup>358</sup> MACEDO, 2008, p. 7.

<sup>359</sup> MACEDO, 2008, p. 7-8.

<sup>360</sup> MACEDO, 2008, p. 10.

que ela não perca o controle imperialista para a maioria. Isso contradiz frontalmente a vontade de Deus.<sup>361</sup>

O autor combate as igrejas fundamentadas em uma visão bíblica profética, na linha da justiça. Para dar base à prosperidade ataca uma teologia da miséria que Pelotas também enfrenta. Macedo diz ser acolhida pela Igreja Católica, o que não é verdadeiro, como veremos mais à frente. Assim, os fiéis de Macedo seguem a ideia do bem em confronto eterno com o mal:

A parceria com Deus abastece o ser humano com um poder acima de todos os poderes deste mundo para vencer o mal. Esse poder maior é a fé viva no Deus vivo. Se há parceria com Deus e não há sucesso sobre o mal, então a culpa não é d'Ele, mas da qualidade de parceria que se tem com ele. O fato é que ninguém do passado que se aliou com Deus foi vencido pelo mal. Vence o mal quem faz uso do poder disponível do Bem, que é a fé. Origem da riqueza - Propôs-se buscar a Deus nos dias de Zacarias, que era sábio nas visões de Deus, nos dias em que buscou ao Senhor, Deus o fez prosperar. 2 Cr 26.5.<sup>362</sup>

A base na riqueza é falsa, porém, Macedo afirma ser correta onde “O ouro é símbolo de Deus. Desde a antiguidade o ouro serve como símbolo de pureza, realeza, autoridade e poder.”<sup>363</sup> Seus fundamentos são buscados no primeiro testamento. Pouco cita o segundo testamento, e com muita parcialidade os evangelhos onde está a vida e os ensinamentos de Jesus, distorcendo os contextos e ensinamentos do Mestre: “Enganam-se aqueles que transmitem a fé num Jesus pobre, que sequer tinha um travesseiro para reclinar a cabeça. De fato, ele veio ao mundo na condição mais humilde [...]. Mas isso não significa, necessariamente, que era ou é pobre!”<sup>364</sup> Isola frases do escritor em Colossenses, Apocalipse e Isaías pintando um deus longínquo, poderoso e inatingível, sempre de olho no ser humano para que lhe entregue todo o dinheiro. Um texto de Bobsin aprofunda ângulos não religiosos da mesma teologia da prosperidade por outros autores e o próprio Macedo:

[...] pretendo realçar um aspecto da religiosidade contemporânea que se manifesta, como tema transversal, em várias práticas religiosas e em discursos não religiosos que buscam potencializar a dimensão interior como fonte de superação da insuficiência das condições externas, as quais, na maioria das vezes, são lidas como insuficiência dos indivíduos. Este Eu pode ser aperfeiçoado a partir de impulsos internos, como se as pessoas fossem “automóveis”. Arrisco-me a dizer que o Cogito, ergo sum (Penso, logo existo) está sendo atualizado por novas visões religiosas, neo ou pós-evangélicas ou de outras origens – não como se Deus não existisse (etsi Deus non

<sup>361</sup> MACEDO, 2008, p. 13-15.

<sup>362</sup> MACEDO, 2008, p. 17.

<sup>363</sup> MACEDO, 2008, p. 17.

<sup>364</sup> MACEDO, 2008, p. 25.

daretur), mas como uma divinização do Eu que se encurva em si, perdendo, desta forma, o horizonte escatológico. Sem esperança, o Deus que se fez homem/mulher se auto-diviniza.<sup>365</sup>

Desnuda a teologia da prosperidade e realça a possível correlação entre pastores neopentecostais com Ribeiro e Trevisan fundamentados na mentalização, falando deste último:

Em seu livro *Pode quem pensa que pode*, Lauro Trevisan defende a ideia de que miséria, desemprego, doença, etc., são estados mentais. Sua “ciência do sucesso” se resume no seguinte: ‘Todo pensamento acreditado acontece. Toda oração acreditada acontece. O milagre é a força divina imanente em você. Se esta força é imanente em você – você é o poder do milagre. Por causa do poder de Deus, que existe em você. [...] baseia-se numa teologia do poder infinito da mente. Desta forma, ignorando os fatores culturais, econômicos e políticos, bem como os condicionamentos psicossociais, Trevisan atesta a inutilidade dos movimentos sociais, partidos políticos, políticas públicas e as instituições em geral como meios coletivos de afirmação da vida. Sem uma relação direta de causalidade, tal pensamento tem afinidade com um pensamento que defende o Estado mínimo. Se você pode tudo, você também poderá alcançar qualquer objetivo. É só mentalizar. “Ora, a presença de Deus numa pessoa confere-lhe a grandeza infinita. Aliás, a Bíblia diz: ‘Vós sois deuses’. Isto significa que vocês têm uma dimensão divina, por que Deus é em você.’<sup>366</sup>

Lair Ribeiro caminha no mesmo rumo:

O seu livro *O Sucesso não Ocorre por Acaso* traz orientações de como as pessoas poderão aumentar a sua capacidade mental para alcançar os seus objetivos na vida. Ao contestar a mentalidade fatalista, Lair Ribeiro parece nos colocar diante de uma “Teologia da Libertação” de cunho mágico-individual”, que visa ativar a capacidade do cérebro. Fazendo um trocadilho teológico, a fé não se ativa no amor, mas no auto-conhecimento. ‘Através do uso da mente, o ser humano é potencialmente capaz de mitigar ou transcender os acontecimentos predeterminados por forças cármicas ou astrológicas. É sempre possível, a qualquer pessoa, escolher como agir diante de qualquer coisa que acontece. [...] Se o livre arbítrio não nos possibilitasse essa transcendência, seria incoerente, seria uma sacanagem cósmica’.<sup>367</sup>

Da mesma forma como Trevisan e Ribeiro são atacados por Bobsin, Macedo fica sem chão na sua teologia e nos fundamentos para as suas modalidades de recolher o dízimo e todas as demais formas utilizadas para obter dinheiro, nesta análise:

Em seu livro *O Poder sobrenatural da fé*, Edir Macedo ensina como obter bênçãos pela fé, após reconhecer que a maioria dos ricos no Brasil vive da

<sup>365</sup> BOBSIN, Oneide. **Teologia da Prosperidade e a construção do eu divino**. São Leopoldo, 2003, (mimeografado), p. 1.

<sup>366</sup> TREVISAN apud BOBSIN, 2003, p. 2.

<sup>367</sup> RIBEIRO apud BOBSIN, 2003, p. 3.

miséria do pobre. ‘Desse modo, se o pobre não encontrar um caminho próprio, pelo qual possa subir na vida, independente de quem quer que seja, vai ser muito difícil para ele alcançar uma posição melhor na sociedade. E é justamente aí que entra a fé sobrenatural positiva e ativa’. Evidente que esta fé sobrenatural é intermediada pelo dinheiro na forma de dízimo. O dízimo e outras campanhas financeiras revelam que está, de certa forma, nas mãos dos fiéis a possibilidade de mobilizar a vontade divina em seu favor. Ao contrário das formas tradicionais de religião, tão fortemente questionadas por serem fatalistas, o discurso do sucesso vem de dentro, mas mediado pelo dízimo. A pessoa é o ponto de partida e não Deus. Vejamos o que diz Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus: “Quando pagamos o dízimo a Deus, ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a sua Palavra, repreendendo espíritos devoradores que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social e em todos os setores da atividade humana, fazendo com que o homem sofra eternamente.”<sup>368</sup>

Fica evidente a exploração da fé e o uso da psicologia humana para alcançar a riqueza por um lado como vitória da qualificação de uma espécie de dom natural e, por outro lado, a desqualificação do indivíduo diante da fraqueza mental ou da fé individual, fundamentando assim a pobreza existente desvinculada da vida concreta. Isto é uma safadeza.

#### 4.4.2 Teologia do Interesse

A segunda vertente teológica suspeita é a “do interesse baseia-se na ‘teologia da retribuição’, isto é, damos a Deus para que ele nos dê em troca, às vezes em dobro’, quase que por uma suposta ‘dívida’ de Deus para conosco ou como ‘mérito’ nosso.”<sup>369</sup> Nesta teologia o ser humano dá a Deus um bem, no caso dinheiro, para receber de volta este bem possivelmente aumentado em várias vezes pelo deus a quem deu o seu bem, por isto num formato próximo ao do retribuir. Jesus desmascara a oração falsa e interesseira do fariseu que se coloca como perfeito e justo diante dos homens e de Deus rezando desta forma em Lc 18, 10 - 14: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões [...] pago o dízimo de todos os meus rendimentos. O Publicano [...] batia no peito dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!’ [...] este último voltou para casa justificado, o outro não.”<sup>370</sup> Afasta-se a auto exaltação. Sua atitude é esta: “Denuncia a hipocrisia dos fariseus que se apresentam como observantes... mas são amigos do dinheiro e roubam os pobres (Lc

<sup>368</sup> MACEDO apud BOBSIN, 2003, p. 3.

<sup>369</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS., 2013, p. 7.

<sup>370</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1964.

20, 47).”<sup>371</sup> Fala daquele que rouba e simula a oração. Isto não combina com a justiça de Deus. Francisco bate direto na teologia da prosperidade e enaltece a religiosidade que “tem carne, tem rostos. [...] setores de nossa sociedade, cresce o apreço de várias formas de ‘espiritualidade de bem-estar’ sem comunidade, por uma ‘teologia da prosperidade’ sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rosto.”<sup>372</sup>

Há os interessados na procura pelo que a comunidade pode oferecer aos fiéis, no acompanhamento religioso organizado a partir dos seus sacramentos. Isto pode ocorrer em ocasiões específicas. São os que pouco participam da vida comunitária, mas por tradição familiar. Entendem ser importante receber algum sacramento da iniciação cristã para um familiar. É uma visão mágica, fruto de catequese deficitária. Submete-se à pequena participação na Igreja. Tornam-se dizimistas até alcançar o objetivo. Nestes casos não firmam pé na comunidade e os sacramentos são dados e recebidos como se compra um produto no supermercado. Há interessados em beneficiar-se da estrutura física que a comunidade possa oferecer como salão ou cemitério. Nas comunidades do Fragata, somente três comunidades possuem salão. Dois com espaço inferior a cem pessoas e uma em torno de duzentas. Mais tarde, outras duas comunidades conseguem pequeno espaço para menos de cem pessoas. Algo ínfimo. Estas comunidades urbanas não possuem cemitério próprio.

#### **4.4.3 Teologia do Acúmulo**

A terceira teologia suspeita é a dos que se dizem ricos aos olhos do mundo, mas não o são aos olhos de Deus. A “teologia do acúmulo” baseia-se na ‘teologia da falsa felicidade’, isto é: minha contribuição do ‘dízimo’ é para comprar a minha felicidade como sinônimo de ter mais, poder mais e gozar mais.”<sup>373</sup> Encontramos no relato em Lc 12, 13-14: “Alguém da multidão lhe disse: ‘Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança’. Ele respondeu: ‘Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro da vossa partilha?’”<sup>374</sup> Os bens são um elemento de divisão familiar onde está o espírito de querer tudo para si. Jesus propõe a parábola do terreno que produziu em

---

<sup>371</sup> DIOCESE DE CHAPECÓ, 1998, p. 37.

<sup>372</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 76-77.

<sup>373</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 7.

<sup>374</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1954.

abundancia e seu dono pensou em fazer celeiros novos e enormes em Lc 12, 16-21: “[...] hei de recolher todo o meu trigo... [...] bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te. Mas Deus lhe diz: ‘Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. [...] ajunta tesouros para si mesmo, e não é rico para Deus’.”<sup>375</sup> O problema é onde guardar tudo isso. A mensagem Jesuânica diz que desejar tudo para si e colocar toda a riqueza em outro lugar que não é Deus é o mesmo que não conhecer a Deus conforme ensina a Igreja: “Porquanto, ignorar as Escrituras é ignorar Cristo.”<sup>376</sup> Deposita a confiança naquilo que não é duradouro. Não é sábio agir focado somente no lucro, na riqueza, crendo que traz a felicidade. Sem amor pelo Senhor da vida e nem amar o semelhante. Ali não tem lugar para o outro. Não pensa em Deus nem no ser humano.

Ao comentar a ânsia de acumular, Pagola diz que “Impulsionado pela ideologia neoliberal, o dinheiro converteu-se no nosso mundo globalizado num ídolo de imenso poder que, para subsistir exige cada vez mais vítimas e desumaniza cada vez mais aqueles que lhe rendem culto.”<sup>377</sup> Trabalhar para o sustento é justo. Defender a qualidade de vida no acúmulo sem limite é contemplar alguns. Procurar só riqueza desumaniza e afasta do criador da vida. Jesus deixa claro quando diz à multidão sobre o reclamar a alma daquele rico que a vida pertence àquele que a fez. As coisas não asseguram a vida. Embora imagine tê-la, na verdade ela lhe foge por entre as mãos e nada consegue fazer no sentido de mantê-la para si.

Um fato ocorrido num velório expõe três irmãos quando um se levanta e vai até outro dizendo: vem comigo. O convidado atende e segue. Caminham em círculo em torno do caixão. Um para e pergunta: você viu? O outro responde: não. Então diz: continue olhando. Voltam a caminhar em volta do defunto. Após algum tempo pergunta novamente: você viu? E o outro responde: mas eu tenho que ver o que? O primeiro declara: você vê se está levando junto a terra que ele e tu roubaram de mim? Aquele homem caiu em si e ficaram de dialogar noutro momento. Todos viemos do pó e ao mesmo retornaremos na brevidade do tempo que nos é dado. Não levaremos bens materiais. Aprender de Jesus é descobrir o melhor da vida. Ficam os bens para

---

<sup>375</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1954.

<sup>376</sup> COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Dei Verbum. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1978, n. 25, p. 138.

<sup>377</sup> PAGOLA, José Antônio. **Jesus e o dinheiro**: uma leitura profética da crise. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 33.

trás, ou, apresentamo-nos diante de Deus muito pobres por não possuir nada mais do que somente coisas. Os bens não são riqueza para Deus.

No decorrer desta pesquisa, a pandemia do Covid-19, provoca consequências enormes. A perda de vidas humanas é veloz. Não é número, mas dor, sofrimento humano com familiares. Rapidamente meio milhão de vidas humanas foram ceifadas. A Organização Mundial da Saúde socializou orientações para a preservação da vida. Encontrou acolhida nos responsáveis da saúde e nos governantes, menos no Brasil. Nas ruas de Canoas alguns poucos ricos em seus luxuosos e protegidos automóveis disseram ter medo de passar fome e para não parar a economia pressionaram a volta da população ao trabalho. Sem recomendação dos agentes sanitários. Exerçeram arbitrariedades enormes. Arriscaram vidas de trabalhadores menosprezados em vista do dinheiro. O rico quer riqueza. A saúde humana preocupa? Para alguns não. Sem muita novidade na história. Cada colaborador (a) que tombou foi substituído por outro (a), pois o sistema capitalista faz sobrar mão-de-obra para isto. Essa é a prática dos ditos senhores detentores dos postos de trabalho.

Francisco se posicionou: “devemos dizer ‘não a uma economia da exclusão e da desigualdade social.’ Essa economia mata. [...]. Teve início a cultura do “descartável”, que aliás, chega a ser promovida. [...] Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’.”<sup>378</sup> Ataca o dinheiro como idolatria: “Uma das causas dessa situação está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. [...] na sua origem há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano.”<sup>379</sup> Francisco denuncia a base da economia mundial indicando como problema a “ambição do poder e do ter não conhece limites. Nesse sistema [...] qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefesa diante dos interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta. [...]. O dinheiro deve servir e não governar.”<sup>380</sup>

Este impressionante momento da humanidade e os gestos dos patrões na busca do acumular riqueza colocada acima da vida humana revelam uma macabra e triste realidade de tantos trabalhadores com perda da própria vida. É estarrecedor

---

<sup>378</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 2013, p. 48.

<sup>379</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 2013, p. 49.

<sup>380</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, p. 2013, p. 50- 52.

ouvir os membros do atual governo brasileiro, que se diz cristão. A fala do ministro do meio ambiente: vamos aproveitar que os meios de comunicação social só falam da pandemia para fazer passar a boiada. Desregulamentar tudo que protege o solo indígena para ser explorado em mãos do agronegócio e da mineração.<sup>381</sup> Atesta Pagola: “O império do dinheiro provoca uma fratura na comunidade mundial, concentrando o poder em uns poucos. [...] pobreza e fome de grandes populações [...] um modo de produção que coloca em perigo o futuro do ser humano na terra.”<sup>382</sup>

Paulo orienta seu amigo como falsa ciência em 1 Tm 6, 10.17-19: “A piedade é de fato grande fonte de lucro, mas de fato para quem sabe se contentar. [...] Aos ricos deste mundo, exorta-os que não sejam orgulhosos, nem coloquem sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus [...]”.<sup>383</sup> Nos ensinamentos do Filho de Deus estão as autênticas atitudes a ser convertidas em gestos concretos em prol da dignidade da vida. A verdadeira riqueza é valorizada como justa e necessária para um dia apresentar-se diante daquele que é o doador da vida: “Os cristãos não devem se deixar escravizar pelo dinheiro [...], enfrentou o demônio que domina as pessoas, fazendo com que elas vivam no egoísmo, não se importando com a injustiça, com a exploração que gera miséria e escravidão para a grande maioria do povo.”<sup>384</sup> Assim identificamos a falsidade do acúmulo.

#### 4.4.4 Teologia da Miséria

A quarta suspeita é a “teologia da miséria”, que se baseia na ‘teologia do mínimo’, isto é, para Deus basta um pouquinho, até menos que ‘o preço de uma cerveja, [...] reféns dos ‘10%’, promotores do ‘centésimo’, ou outras estipulações de limites mínimos.”<sup>385</sup> Alguns nas comunidades se posicionam que do dízimo não tem como se desviar mesmo, então para se safar dele marcam ponto. Desincompatibilizam-se e entregam qualquer coisa mínima. Recordo numa etnografia o posicionamento onde o dízimo é R\$ 1,50 por mês, fruto de diálogo antigo sobre o dízimo estipulando este valor assim fixado como se o tempo não passasse com suas

<sup>381</sup> Conforme reunião da presidência da república e seus ministros, em 22 de abril de 2020, publicada em varios jornais. Foi autorizada pelo STF a sua divulgação.

<sup>382</sup> PAGOLA, 2014, p. 35.

<sup>383</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2231.

<sup>384</sup> DIOCESE DE CHAPECÓ, 1998, p. 36.

<sup>385</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 8.

mudanças. É acomodação. Outro fundamento frágil como dízimo foi o pensamento ligado a uma campanha para montar a repetidora da Rede Vida em Pelotas, com bom resultado. Era R\$ 1,00 por católico. Diziam: já pensou se cada católico desse R\$ 1,00 de dízimo? Com todos os católicos que existem? Não haveria problemas nas comunidades. Os olhos estavam voltados ao passado como se vivessem o período colonial. Careciam de um sentido mais coerente.

Antoninho Tatto deu clareza que dízimo não era algo que o atraísse, pelo contrário: “combatia [...]. Meter a mão no bolso, tirar dinheiro para a Igreja era impossível. [...]. Vou criticar com provas. Ofereci-me para trabalhar na equipe de finanças da minha comunidade, para descobrir onde está o dinheiro da Igreja. Quebrei a cara.”<sup>386</sup> Neste relato, testemunhou que não queria ser dizimista. Na continuidade, debochou o dízimo na Igreja e se deparou com o equívoco de quem deveria conhecer mais sobre o assunto e não resolveu o problema. Caiu no papo da porcentagem, o que sempre é um caminho incorreto. Não refletiu o sentido do dízimo e perguntou: “Padre, o dízimo tem que ser 10% mesmo? Não, Antoninho, você dá 2% e está tudo bem. Falei com outro padre e me disse que não era 2% e sim 1%. Falei com o terceiro padre e este me disse que eu desse o que queria. [...]. Não quero dar nada. Então está tudo bem.”<sup>387</sup> A inquietação desse homem que não se convenceu sequer em ser dizimista o fez perguntar a um pastor crente:

O Pastor abriu uma maleta, tirou a Bíblia e começou a ler textos e explicar. No final eu estava convencido que deveria dar 10%. [...]. Percebi então que ficar na Igreja Católica era mais barato! Evidentemente não gostei nada das explicações do pastor.<sup>388</sup>

Tudo isto demonstrou o pouco conhecimento sobre a missão de Cristo e a fé cristã. Um dos grandes problemas que a Igreja Católica tem nos seus fiéis: “O declínio do processo catecumenal que aconteceu no contexto que se chamou de Cristandade, quando a maioria das pessoas se tornou cristã. [...]. Era um cristianismo herdado, transmitido como tradição familiar e social.”<sup>389</sup> Por isto mesmo os bispos reunidos em Aparecida declararam que a Igreja “[...] terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; [...] iniciar os não

<sup>386</sup> TATTO, Antoninho. **Dízimo e oferta na comunidade**. São Paulo: O Recado, 1983, p. 5.

<sup>387</sup> TATTO, 1983, p. 6.

<sup>388</sup> TATTO, 1983, p. 6.

<sup>389</sup> CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à vida cristã**: itinerario para formar discípulos missionarios. 2. ed. Brasília: CNBB, 2017. (Doc 107.) p. 31.

batizados que, havendo escutado o querigma, querem abraçar a fé.”<sup>390</sup> Brota a consciência de rever a caminhada na iniciação cristã.

Como devolver a Deus o que há de pior e com base no que não é justo? Pergunta Eclo 35, 9.11–12: “Dá ao Altíssimo conforme ele te deu, com generosidade, segundo as tuas posses. [...]. Não tente corrompê-lo com presentes, porque ele não os receberá, não te apoies num sacrifício injusto. Pois o Senhor é um juiz que não faz acepção de pessoas.”<sup>391</sup> Profeta do templo, com intenção suspeita a serviço do rei, que não é Deus, o tema dos que tentam enganar a Deus é refletido em MI 3, 6-12: “Mas vocês perguntam: ‘Em que precisamos voltar? Pode um ser humano enganar Deus?’ No dízimo e na contribuição? Vocês estão ameaçados de maldição e mesmo assim, estão me enganando, vocês e a nação inteira.”<sup>392</sup> Expõe um deus que reclama quando lhe é ofertado o resto dentre os animais em MI 1, 8: “quando trazeis um animal cego para sacrificar, isto não é mal? Quando trazeis um animal coxo ou doente isto não é mal?”<sup>393</sup> Estas palavras colocam aquele povo sob a pressão de um deus que não corresponde ao verdadeiro Deus. É utilizada a cobrança de uma legislação que leva não a Deus, mas ao tesouro do rei, pois aquele templo é propriedade real.

O argumento de um deus falso que se utiliza da ameaça para fazer-se ouvir. Na passagem anterior, em Eclo encontramos um Deus generoso que se baseia na justiça, sem visão parcial sobre os humanos, muito menos para fazer-se atender. Dom Jacinto sintetiza assim o nosso afastamento das teologias suspeitas: “Essas quatro ‘teologias’ refletem as lógicas mercadológicas e vão na contramão da **espiritualidade eucarística**, da **espiritualidade da oferenda cristã**, da **espiritualidade da partilha** e da **espiritualidade missionária**, que dão base à TEOLOGIA DA GRATUIDADE E ALTERIDADE.”<sup>394</sup> Destas teologias suspeitas e que é bom não seguir, vamos passar à ceia de Cristo. Na sua ceia nos convida a colaborar na missão de Deus.

---

<sup>390</sup> V CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E CARIBE. Documento de Aparecida. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007, n. 293, p. 136.

<sup>391</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1297.

<sup>392</sup> VALENTIM, 2004, p. 16.

<sup>393</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1821.

<sup>394</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 8.

## 4.5 CEIA

Na parte anterior clareamos quatro teologias suspeitas e vimos que são orientadas pelo interesse pessoal e contrarias à vontade de Deus. Nos Conselhos de Pastoral questionávamos: que espiritualidade nos sustenta? “Como cristãos, queremos, no nosso caminhar para Deus, ser iluminados por Jesus, pelo seu caminho, vivenciando assim o tipo de libertação que Jesus também vivenciou. Busquemos descobrir Deus na história, isto é, nas relações humanas, na história de um povo.”<sup>395</sup> Tentamos situar um pouco as raízes desta ceia para melhor compreendê-la, para depois entrar na ceia de Jesus.

### 4.5.1 Ceia como festa da Páscoa

O povo de Deus viveu a escravidão no Egito. Isto trouxe saudades do tempo em que tinha liberdade. Um Deus que acompanha a vida do seu povo está narrado no Ex 3, 7-12: “Iahweh disse: ‘Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor por causa dos seus opressores [...] vós servireis a Deus nesta montanha.”<sup>396</sup> Liderado por Moisés e depois Josué, este povo libertado pro Iahweh entra na terra prometida. Em meio a tantas adversidades o povo passou a celebrar esta passagem relatada em dois períodos diferentes: “a Páscoa mais primitiva (Ex 12, 21-28) e a Páscoa no tempo do Exílio, na Babilônia (Ex 12, 1-14).”<sup>397</sup>

É a celebração mais antiga deste povo como Festa da Páscoa. “Celebrava a memória do fato mais importante da sua história: a libertação do Egito. A celebração recordava algumas características do período tribal igualitário: de início era familiar e se celebrava nas casas, era presidida pelo pai, pela mãe ou anciãos do clã.”<sup>398</sup> Nesta celebração familiar “apresenta o vinho e proclama: ‘o vinho, com sua cor vermelha significa a própria vida com seus momentos doces e amargos: em tempo de opressão não falte a esperança de liberdade. Em tempo de liberdade não se apague a lembrança da escravidão.”<sup>399</sup> Acentuava-se o encontro festivo familiar que revivia a libertação: “Era uma festa de comunhão, na qual a família partilhava dos frutos da

---

<sup>395</sup> DIOCESE DE CHAPECÓ, 1998, p. 19.

<sup>396</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 109.

<sup>397</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 50.

<sup>398</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 52.

<sup>399</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1994, p. 229.

colheita e do rebanho para evitar o acúmulo daquilo que era produzido por todos.”<sup>400</sup> Comer com alegria é a marca da celebração litúrgica.

A forma de celebrar essa festividade era uma verdadeira catequese dialogada: “na celebração da Páscoa era utilizado o pão ázimo, o cordeiro e seu sangue, ervas amargas e vinho, sendo tudo consumido (Ex 34, 25b).”<sup>401</sup> O sinal que faz uma ligação com a última praga narrada é o sangue; “o gesto memorial mais importante era o sangue nos batentes das portas, que lhes trazia à memória a ação de lahweh protegendo as suas casas contra a praga exterminadora.”<sup>402</sup>

#### 4.5.2 Festa dos ázimos e profecia

O período das festas era o início da primavera: “Nesta época celebrava-se também a Festa dos Ázimos, mas com outro conteúdo: era promovida pelos reis, para que os camponeses viessem ao templo trazendo tributos e oferendas como agradecimento pelas colheitas.”<sup>403</sup> O povo não mais vivia no regime tribal mas no império dos reis. “Incorporada à festa dos ázimos, a Páscoa deixou de ser familiar e perdeu o espírito de participação e partilha. Passou a ser uma festa estatal de acúmulo de bens no templo e nas mãos do Rei.”<sup>404</sup> Os reis que governaram neste período são vários e ocorre outras formas de culto. “Durante o governo de Manassés (698-642 a.C.), os cultos assírios foram favorecidos no templo de Jerusalém como sinal de submissão e obediência ao império assírio.”<sup>405</sup> É um reinado que oprimiu o povo conforme relata 2Rs 21,1-17. “A entrega do dízimo no lado de fora do portão surgiu em oposição ao governo de Manassés. Os agricultores não reconhecem a legitimidade dos cultos assírios e destinam o dízimo à solidariedade para com os empobrecidos.”<sup>406</sup> Percebe-se que o dízimo acontecia em dois locais:

Diante de Javé no lugar que Javé escolher para habitar o seu nome e no lado de fora do portão. A prática do dízimo não pode ser compreendida de forma isolada, mas como parte de um conjunto de práticas comunitárias que

<sup>400</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 52.

<sup>401</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 52.

<sup>402</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 52.

<sup>403</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 53.

<sup>404</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 53.

<sup>405</sup> STAUDER, Eduardo Paulo. **O dízimo como prática Comunitária e solidária** – Uma leitura histórico-crítica de Deuteronômio 14,22-29. São Bernardo do Campo/SP, 2007, p. 32. (Dissertação de Mestrado).

<sup>406</sup> STAUDER, 2007, p. 33.

sustentadas pela fé em Javé buscam garantir a liberdade e relações sociais justas e fraternas junto ao povo de Israel.<sup>407</sup>

Vemos nesta caminhada do povo de Deus que as dificuldades ressurgiram. Na verdade, eram impostas pelos reis e vividas pelo povo. Entende-se perfeitamente a perda do sentido da Páscoa, pois o povo vivia novo período de escravidão como vemos no EX 23, 14-15: “Três vezes no ano me celebrarás festa. Guardarás a festa dos Ázimos. Durante sete dias comerás os ázimos, como te ordenei, no tempo marcado do mês de Abib, porque foi nesse mês que saíste do Egito.”<sup>408</sup> A perda de sentido passou a ser criticada pelo profeta:

Quando a festa da Páscoa foi oficializada e manipulada economicamente pelas lideranças judaicas, caiu-se num mero ritualismo. Contra esta tentação de um formalismo ritual levanta-se a voz dos profetas. Alertam que tal celebração seria um gesto esvaziado de seu conteúdo: ‘Eu estou farto de vossos sacrifícios’ (Is 1,11).<sup>409</sup>

O profetismo preocupou-se em alertar o povo sobre o desvirtuamento e evocou o verdadeiro sentido diante de Deus como diz Os 6,6: “Porque é amor que eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos.”<sup>410</sup> Josias fez uma reforma e recuperou a Páscoa. Porém, ela perdeu o sentido: “não se poderia mais fazê-la em outro lugar, a não ser em Jerusalém (Dt 16, 1-8). Tal centralização fez com que se perdesse o aspecto familiar e tribal que a celebração possuía no início da história do povo de Israel.”<sup>411</sup> Com a morte de Josias e o povo levado ao exílio havia o risco de perder a identidade em meio aos pagãos e é lá que “os judeus procuraram recuperar o sentido original da festa da Páscoa. E então ela voltou a ser uma festa familiar de partilha e participação. Assim está descrito em Ex 12, 1-14.”<sup>412</sup>

Passado o cativo e retornados a Jerusalém revela-se nova perda de suas origens: “o cordeiro deve ser sacrificado no templo de Jerusalém e o povo é obrigado a fazer uma romaria. Conservava-se, porém, a celebração da Ceia Pascal nas casas, como se descreve nos evangelhos (Mc 14, 12-16).”<sup>413</sup>

<sup>407</sup> STAUDER, 2007, p. 38.

<sup>408</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 139.

<sup>409</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1994, p. 229.

<sup>410</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1723.

<sup>411</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 53.

<sup>412</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 53.

<sup>413</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1990, p. 53.

### 4.5.3 Ceia de Jesus

A ceia de Jesus ocorre numa casa e está ligada ao lava pés como gesto do serviço no amor. Lavar-se os pés uns dos outros. Diferente dos senhores que eram servidos pelos escravos. Gutiérrez aponta que o evangelista João narra o lava pés com sentido de eucaristia: “[...]. É significativa esta substituição: João parece ver nesse fato o sentido profundo da celebração eucarística, cuja instituição não narra. A eucaristia aparece, pois, inseparavelmente unida à criação e, afinal, à construção de uma real fraternidade humana.”<sup>414</sup> Esta vida entregue, de Jesus e de tantos, nos desperta a um compromisso: “Comprometer-nos com uma nova história, que se constrói a partir da gratuidade do AMOR-SERVIÇO, eis o maior gesto eucarístico que Jesus nos deixou como exemplo (Jo 13, 1-20). [...]. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais’.”<sup>415</sup>

A ceia judaica era uma tradição anual. Nela, Jesus instituiu a eucaristia. “É significativo observar a relevância do pão e vinho no contexto em que Jesus viveu [...] comida principal de Israel [...] ‘comer pão’ significa ‘tomar uma refeição’. [...]. As refeições comunitárias se tornaram práticas marcantes na vida desse povo.”<sup>416</sup> A experiência humana do comer juntos estreita laços fraternos quebrando barreiras onde o rico afasta o pobre da mesa: “Estas refeições já apontavam com clareza para o fato de que com a vinda de Jesus irrompera o reino de Deus. Através das ceias Jesus ensinou e promoveu experiências de acolhimento para as pessoas desacolhidas e rejeitadas na sociedade, maus e bons (Mt 22.1-14).”<sup>417</sup>

Jesus ensina quem convidar à mesa em Lc 14, 13-14: “Pelo contrário, quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos.”<sup>418</sup> Esta passagem bíblica lembra o Papa Francisco. Em várias ocasiões de seu aniversário convidou os pobres para festejar formando mesa “foi inaugurado um novo tempo em que a realidade geradora de sofrimento pela discriminação e exclusão começa a ser superada: ‘temos nessa comunhão a representação de uma nova

<sup>414</sup> GUTIÉRREZ, 1975, p. 217-218.

<sup>415</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1994, p. 231.

<sup>416</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. **Servir à mesa**. São Leopoldo: Con-Texto, 1999. (Serie ensaios e monografias, n. 22). p. 10.

<sup>417</sup> GAEDE NETO, 1999, p. 11.

<sup>418</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1958.

realidade social na qual estão vencidas as barreiras divisoras da humanidade.”<sup>419</sup> Eis o relato de Lucas 22, 14 - 20:

A ceia pascal – Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: ‘Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus.’ Então, tomando um cálice, deu graças e disse: ‘Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus. Instituição da eucaristia – E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória’. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós’.<sup>420</sup>

Sinalizamos aqui que Jesus teve os mesmos gestos colocados como verbos: tomou o pão, deu graças, partiu e distribuiu-o aos apóstolos. E fez o mesmo com o cálice. São gestos comuns na vida de Jesus encontrados na multiplicação do pão em Jo 6, e em Emaús Lc 24, 30. Da clareza que aquele pão é seu corpo e aquele vinho é seu sangue. Concretizou a nova aliança. Antecipou sua Páscoa que já vivia. Na ritualidade judaica tínhamos duas dimensões: a da memória histórica e a da esperança escatológica,

[...] a ceia cristã muda o referencial. Agora, o que dá sentido aos gestos e palavras não é mais a saída do Egito, mas a vida do próprio Jesus. A memória que fazemos é a memória daquilo que Jesus fez. A esperança que alimentamos é a de alcançar aquilo que as palavras e gestos de Jesus implementaram: o Reino de Deus.<sup>421</sup>

Jesus desejou comer a Páscoa. Declarou que o seu corpo era dado ao Pai e à humanidade. Assim, colocou-nos no mistério da morte e ressurreição com a sua eucaristia. A ceia vivida por Jesus fez uma perfeita passagem daquela Pascoa Judaica para uma nova Pascoa. Havia quem quisesse tirar-lhe a vida e a tentação do dinheiro alcançou o coração do apóstolo Judas Iscariotes levando Jesus à prisão, ao sofrimento e à morte. Este fato gerou o desânimo da comunidade. Instalou o medo. Mesmo preparados, “ansiava-se por um Messias glorioso e triunfante. O estraçalhado na cruz não era a imagem do Messias que o povo e os apóstolos exatamente esperavam.”<sup>422</sup> A ressurreição foi o diferencial que fez nascer a fé. “A ressurreição os fez constituir novamente comunidade e superar o fosso cavado pela morte.

<sup>419</sup> GAEDE NETO, 1999, p. 11.

<sup>420</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1971.

<sup>421</sup> MASSULO; ZUGNO, 2019, p. 71.

<sup>422</sup> BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo**: paixão do mundo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 91.

Recuperaram a fé no Senhor. A Igreja nasce da fé e na fé na ressurreição.”<sup>423</sup> Os profetas agiram inspirados por Deus. Foram uma presença que incomodou a quem não é justo. Sofreram a morte. Na cruz, seria Jesus o Messias? “As referências à morte sempre estão relacionadas com a ressurreição. [...]. Deus não o abandonou. Estava com ele no sofrimento e na morte; não o abandonou, permaneceu com ele na morte, de tal forma que a ressurreição mostrou a presença de Deus nele.”<sup>424</sup> Demorou para a comunidade elaborar uma releitura que atribuiu o servo sofredor de Isaías a Jesus. Na interpretação da

morte do Justo como expiação e representação em favor do povo [...] associavam a nova aliança de Jesus em sua morte como sacrifício expiatório se criou uma associação nova. [...] situa-se na linha da morte dos mártires pela fé e da morte dos inocentes: ela é redentora, expiatória, sacrificial. Alcança o perdão dos pecados; inaugura uma nova aliança de Deus com o seu povo, a Igreja.<sup>425</sup>

Por isto observamos o todo na vida de Jesus: “Jesus foi um ser para os outros; deu-se continuamente [...]. Como sua vida fora uma entrega permanente, um sacrifício para os outros, assim o é também a morte. [...] não só a morte, mas toda a vida de Cristo é redentora.”<sup>426</sup> Paulo fez uma teologia da cruz. “Na cruz se discernem os espíritos e as práticas. [...] A cruz nos obriga a aceitar uma outra sabedoria, a de Deus, que se apresenta não com grandiloquência, mas na capacidade de assumir as atividades quotidianas e as fraquezas.”<sup>427</sup> A cruz deu sentido à ressurreição fundamentada no amor; amor tão forte pelos outros que nela o crucificado intercedeu em Lc 23, 34 onde “Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem.”<sup>428</sup> Encontramos o pão partilhado na Igreja de Jerusalém nos At 2, 42-46: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. [...] punham tudo em comum: [...], mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração.”<sup>429</sup>

---

<sup>423</sup> BOFF, 1978, p. 89.

<sup>424</sup> BOFF, 1978, p. 92.

<sup>425</sup> BOFF, 1978, p. 97.

<sup>426</sup> BOFF, 1978, p. 98.

<sup>427</sup> BOFF, 1978, p. 102.

<sup>428</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1975.

<sup>429</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2051.

#### 4.6 ESPIRITUALIDADES NASCIDAS DA CEIA DE CRISTO

A partir do evento Jesus Cristo, com sua vida, morte e ressurreição, Ele passa a ser a mediação entre Deus e o mundo criado. Seu testemunho suscita seguimento a Deus, brota um novo sentido de viver, surge a vida comunitária, com partilha de bens entre irmãos. Não há dúvidas quanto à unidade entre duas mesas: a Palavra e a Eucaristia. Os bispos presentes no Concílio Vaticano II em Dei Verbum 21, afirmaram com clareza: “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na Sagrada Liturgia, sem cessar toma da mesa tanto da Palavra de Deus, quanto do Corpo do Cristo o pão da vida, e o distribui aos fiéis.”<sup>430</sup>

Desta forma na liturgia “existe um antes, como anúncio, pregação, catequese, e um depois, como ação de caridade, vivência daquilo que foi celebrado, como engajamento na construção de uma sociedade justa e fraterna”<sup>431</sup>. Neste mesmo rumo, com olhar histórico, Kirst nos recorda que o nosso atual culto cristão, “nasce de duas vertentes: a primeira comunidade cristã e a sinagoga judaica. Da primeira comunidade cristã herdou a ceia, que desde muito cedo veio a chamar-se Eucaristia. Da sinagoga judaica [...] veio-lhe a liturgia da palavra.”<sup>432</sup>

Assim, a celebração eucarística tem a mesa da Palavra e da Eucaristia ritual e simbólica, e acrescento uma terceira real, a mesa do pobre que Cristo costumava sentar e partilhar o pão. Cristo está presente entre nós em sua Palavra, na Eucaristia e no pobre. Estas mesas estão interligadas em espiritualidades também muito próximas, pois são gestos que formam uma mesma ceia.

A organização e a vivencia do dízimo no Fragata não acontecem mais na secretaria ou outro espaço qualquer, mas aos pés do altar do Senhor. Neste lava pés/eucaristia Jesus nos ensina, como diz Bergmann: “Nada de ‘teologia da prosperidade’ e sim **espiritualidade eucarística**; nada de ‘teologia do interesse’ e sim **espiritualidade da oferenda**; nada de ‘teologia do acúmulo’ e sim **espiritualidade da partilha**; nada de ‘teologia do mínimo’, e sim **espiritualidade missionária**.”<sup>433</sup> O

<sup>430</sup> COMPENDIO DO VATICANO II, 1978, p. 135.

<sup>431</sup> ROCKENBACH, MASSULO, 2019, p. 107.

<sup>432</sup> KIRST, Nelson. Disciplinas específicas da teologia prática: liturgia. In: HAPPRESCHT, Christoph Schneider, ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.) **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 3. ed. ver. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011, p. 113.

<sup>433</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 8.

dízimo não é para resolver problemas financeiros, mas para construir o corpo de Cristo, como diz Paulo. A comunidade, os seres humanos são corpo de Cristo. Ninguém está autorizado a usar Cristo e a religiosidade para fazer comércio, como enxergamos nas ditas igrejas inspiradas na teologia da prosperidade, do acúmulo, do interesse e do mínimo.

#### 4.6.1 Espiritualidade Eucarística

Jesus Amou os seus e os preparou para uma comunhão de vida. Declarou-se ser o verdadeiro pão que alimenta: “Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo.”<sup>434</sup> Este ensinamento gerou escândalo e o afastamento entre os judeus e entre muitos discípulos conforme narra Jo 6, 53-58:

Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim. Este é o Pão que desceu do céu. Ele não é como o que comeram e pereceram; quem come este pão viverá eternamente.”<sup>435</sup>

Os Apóstolos foram questionados por Jesus se não gostariam de afastar-se obtendo esta resposta de Pedro em Jo 6,68-69: “Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus.”<sup>436</sup> Jesus próprio abre o entendimento de estreita compreensão entre eucaristia e eternidade da vida.

No lava pés Ele nos deu o ensinamento de servir. Aprendemos a nos colocar a serviço uns para com os outros assim como Ele próprio fez. Na ceia em que Jesus pegou o pão, deu graças e o repartiu, deu aos que ali estavam reunidos declarando ser o seu próprio corpo e sangue como alimento nos coloca em profunda unidade de pensamento e de ações com Ele.

---

<sup>434</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2001.

<sup>435</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2002.

<sup>436</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2003.

É ao mesmo tempo uma ceia festiva que ocorreu no passado, e a seu pedido nos introduz no presente e abriu para o banquete da vida no futuro conforme narra Mt 22, 2: “O Reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as núpcias do seu filho. Enviou seus servos para chamar os convidados para as núpcias...”<sup>437</sup> Para a eucaristia Deus convida a todos. É necessário revestir-se de uma sintonia entre vivência humana, ensinamentos e a prática de Jesus. Nestes termos, a eucaristia não fechou com o espírito e ensinamento da prosperidade aludida nas igrejas pentecostais.

#### 4.6.2 Espiritualidade da Oferenda

A espiritualidade da oferenda é contrária à teologia do interesse. “Com a morte na cruz e a vitória da ressurreição, o Filho de Deus, Jesus Cristo sacrificou-se/doou-se/voltou-se totalmente para os outros, para a nossa salvação: não há oferenda maior do que esta!”<sup>438</sup> Jesus orientou com o fazei isto em memória de mim atualizando a maior oferenda que é Ele mesmo.

A oferta e o dízimo, unidos ao pão e ao vinho, no altar, passaram a ser, após sua consagração, a melhor oferenda, pois, oferecemos a Deus o Seu próprio Filho. Junto à Eucaristia, devolvemos a Deus o que é de Deus, ou seja, Jesus. “Nas oferendas do pão e do vinho, já simbolizados no nosso **ser** e **ter**: oferecemos o que **somos** e o que **temos** para participarmos da oferenda maior e mais agradável que é Jesus Cristo.”<sup>439</sup> Jesus se deu totalmente a nós e ao Pai. Jesus deu a própria vida por toda a humanidade.

A oferta e o dízimo colocados diante do altar estão simbolicamente unidos ao pão e ao vinho como já fizera Abrão relatado em Gn 14,18-20: “Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho; ele era sacerdote do Deus altíssimo. Ele pronunciou esta bênção: ‘Bendito seja Abrão pelo Deus altíssimo que criou o céu e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo [...]’ E Abrão lhe deu o dízimo de tudo.”<sup>440</sup> O rei Davi declara que tudo vem de Deus, conforme I Cr 29,11.14: “A ti, lahweh, a grandeza, a força, o

<sup>437</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1879.

<sup>438</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 8.

<sup>439</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 9.

<sup>440</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 50.

esplendor, o poder e a glória, pois tudo, no céu e na terra, te pertence. [...] tudo vem de ti e te ofertamos o que recebemos de tua mão.”<sup>441</sup>

No reconhecimento da ação divina oferecemos: “Na apresentação das oferendas (o ofertório), são trazidos ao altar, por vezes em procissão, o pão e o vinho que serão oferecidos pelo sacerdote, em nome de Cristo, no sacrifício eucarístico e ali se tornarão o Corpo e o Sangue de Cristo.”<sup>442</sup> Ele se torna a maior oferenda a Deus.

Jesus é o verdadeiro sacerdote, “é ‘serviço’, ‘ação’, de Jesus Cristo (SC 7). Ele veio para servir e dar a própria vida para a salvação de muita gente”<sup>443</sup>. Ele próprio se oferece ao Pai por nossa salvação. Esta ação de Jesus é “ação de graças: não somos nós que oferecemos, mas é o próprio Cristo que se oferece por nós, incorporando-nos a ele, transformando-nos numa oferta viva ao Pai e aos irmãos.”<sup>444</sup>

Não mais são oferecidos pão e vinho, mas o próprio Cristo ao Pai criador: “Celebrar e viver a Eucaristia é **celebrar a total gratuidade e alteridade do Filho de Deus para nos salvar e celebrar a nossa sempre maior gratuidade e alteridade para com Deus e os irmãos.**”<sup>445</sup> O gesto humano torna-se doação, para viver e compartilhar os bens espirituais e parte dos bens materiais na celebração litúrgica.

São Paulo diz que em Cristo, somos todos membros que formam um só corpo Ef 3,6: “os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo Corpo e co-participantes da Promessa em Cristo Jesus, por meio do evangelho.”<sup>446</sup> Aos Coríntios (1 Cor, 12,21), fala do corpo, onde ninguém pode dispensar o outro “Não pode o olho dizer à mão: ‘não preciso de ti’; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: ‘não preciso de vós’.”<sup>447</sup>; e aos Colossenses, (Cl, 2,10), o Cristo é a cabeça “e nele fostes levados à plenitude. Ele é a cabeça de todo Principado e de toda Autoridade.”<sup>448</sup>

Portanto, quando comungamos, não comungamos só Cristo que foi apresentado como cabeça do corpo, mas comungamos todos os membros do corpo. Assim, parte do dízimo ou ofertas, destina-se aos pobres, aos necessitados e além

<sup>441</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 636

<sup>442</sup> IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, 2017, p. 372.

<sup>443</sup> PALUDO, Faustino. **Liturgia**: Ação de Deus na comunidade de fé. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 37.

<sup>444</sup> CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Eucaristia vida que se celebra**: para viver melhor o misterio da eucaristia na vida. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção: rumo ao novo milênio, n. 51). p. 45.

<sup>445</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 9.

<sup>446</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2200.

<sup>447</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2164.

<sup>448</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2213.

das duas mesas já citadas, reforça-se a terceira mesa, aquela recordada na viúva, no pobre, conforme nos diz São João Crisóstomo:

Se queres honrar o corpo de Cristo, não o descuides quando se encontra nu. Não o honres, aqui na Igreja, com roupas de seda para descuidá-lo lá fora, onde padece frio e nudez. Com efeito, aquele que disse: 'Isto é o meu corpo' é o mesmo que disse: 'vós me visteis com fome e não me destes de comer. E na medida que fizestes isto ao menor dos meus irmãos, a mim o fizeste.'<sup>449</sup>

#### 4.6.3 Espiritualidade da Partilha

Aprendemos a partilhar o fruto de nosso trabalho com nossos irmãos, nossas irmãs e com as pessoas necessitadas:

A Eucaristia lança-nos para fora de nós, para junto dos esfomeados de pão material, de solidariedade, de justiça. Desafia-nos também a tomar consciência do contraste que existe entre o acúmulo de bens nas mãos de alguns, por um lado, e, a fome, a miséria, a falta absoluta de bens necessários à sobrevivência, por outro. Daí porque junto com o *agradecer* brota um outro desafio, o *partilhar*.<sup>450</sup>

Cristo deseja uma coerência do dizimista com Deus e com o próximo em Mt 5, 23-24: "Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta."<sup>451</sup> Este ensinamento relaciona o dízimo com a justiça e a misericórdia vivida entre irmãos. Na eucaristia "Jesus é alimento para o homem faminto de verdade e de liberdade. [...] 'Que pode a alma desejar mais ardentemente do que a verdade?' [...] sem o conhecimento da verdade, a liberdade desvirtua-se, isola-se e reduz-se a estéril arbítrio."<sup>452</sup> Assim Buyst conecta este Cristo que muda relações:

Propor mudanças que tiram os privilégios de quem está no poder, seja na sociedade, seja na família, seja na Igreja, ou em qualquer lugar de convivência humana, é complicado. Acarreta conflitos, tensões, perseguição... [...] foi assim na vida das primeiras comunidades descritas nos Atos dos Apóstolos, e é assim hoje. A proposta de uma convivência baseada na partilha do poder, do saber, dos bens (da terra, dos lucros...), uma convivência baseada na solidariedade, com os mais fracos... depende de um aprendizado lento e difícil de todos nós. E a missa, como a ceia de Jesus situa-se no centro deste aprendizado, no meio do conflito, no centro desta busca, que dá esperança a uns e medo a outros. Isolar a missa desta

<sup>449</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1994, p. 232.

<sup>450</sup> CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1994, p. 231.

<sup>451</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1846.

<sup>452</sup> BENTO XVI. **Sacramentum Caritatis**: sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja 2007, p. 3-4.

realidade, fazer dela uma bela cerimônia recheada de sentimentos religiosos, é truncar a proposta de Jesus.<sup>453</sup>

Somos convidados à partilha. Há promotores da morte como fez Judas Iscariotes. Morte continuam no sacrifício dos atuais filhos e filhas de Deus como aconteceu com Jesus:

Todas as vezes que celebramos a eucaristia, alguém em algum lugar do mundo, está sendo entregue, está sofrendo perseguição por causa da tentativa de se construir um mundo justo e fraterno, um mundo onde haja lugar para todos: é preciso lembrar estas pessoas e situações quando estamos reunidos para celebrar a ceia do Senhor. Nelas, é o Senhor Jesus que está sendo entregue.<sup>454</sup>

Bento XVI, ao falar sobre o sacramento da caridade, afirma: “A santíssima eucaristia é doação que Jesus Cristo faz de si mesmo, revelando-se o amor infinito de Deus por cada homem. [...] manifesta-se o amor ‘maior’: o amor que leva a ‘dar a vida pelos amigos’ (Jo 15, 13).”<sup>455</sup> Nos primórdios da Igreja, os cristãos reuniam-se nas casas, perseguidos. No perigo iminente, em lugares escondidos. Justino nos descreve bela celebração dos primeiros cristãos, urbanos e rurais, no primeiro dia, com presença da Palavra, da eucaristia e dos pobres:

No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas [...] oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, amém. Vem depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos. Os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dá o que bem lhe parece, e o que foi recolhido se entrega ao presidente. Ele o distribui a órfãos e viúvas, aos que por necessidade ou outra causa estão necessitados, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, numa palavra, ele se torna o provedor de todos os que se encontram em necessidade. Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso salvador, ressuscitou dos mortos.<sup>456</sup>

A espiritualidade da partilha está na ponta contrária da teologia do acúmulo mostrando o gesto de dar destinado ao pobre, que é a salvação a todos:

A partilha (só ela) é salvadora. A partilha (só ela) torna feliz (traz e leva a felicidade). Devemos remar contra a tentação do acúmulo - o contrário da

<sup>453</sup> BUYST, Ione. **A missa: memória de Jesus no coração da vida**. 5. ed. Vozes: Petrópolis, 2001. p. 61.

<sup>454</sup> BUYST, 2001, p. 62.

<sup>455</sup> BENTO XVI, 2007, p. 3.

<sup>456</sup> MASSULO; ZUGNO, 2019, p. 73.

partilha; também contra a falsa ideia de **felicidade** como sinônimo de **ter mais, poder mais e gozar mais**. Importa **ser mais, servir mais e amar mais**, isso requer partilha. O dízimo como oferenda cristã no altar da Eucaristia torna-se, assim, expressão de minha **celebração da partilha** para ajudar os pobres, promover a evangelização e provocar a missão.<sup>457</sup>

#### 4.6.4 Espiritualidade missionária

A espiritualidade missionária surge contraposta à teologia do mínimo. Morrendo e ressuscitando o sacrifício de Jesus é autodoação total salvando a humanidade. É o mediador da vida plena. A missão recebida no batismo é a de Jesus: “**evangelizar** o povo de Deus aqui presente; aqui é nossa “terra santa” que precisa ser **evangelizada** para ser **evangelizadora** de outros. É a missão “ad intra” e “ad extra”: sermos mais e mais uma **Igreja Missionária**, anunciando o Cristo e sua Boa Nova a todos os povos.”<sup>458</sup>

Codina fala do abraço de Francisco: “[...] não basta o abraço litúrgico da paz na eucaristia, é preciso ir à rua e abraçar o pobre, o enfermo, a mulher abandonada, o ancião desamparado o privado de liberdade. Como confirma o Papa Francisco, no abraço estamos abraçando a carne de Cristo.”<sup>459</sup>

Todo dizimista torna-se discípulo missionário ao celebrar a partilha da Eucaristia que tem “a dimensão de comunhão com o mundo, com toda a sociedade, com todos aqueles e aquelas que ainda não participam da mesa comum da humanidade, com todos aqueles e aquelas que ainda não podem sentar-se na mesa comum da partilha do pão e da vida.”<sup>460</sup> A vida é missão.

<sup>457</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 10.

<sup>458</sup> ARQUIDIOCESE DE PELOTAS, 2013, p. 10.

<sup>459</sup> CODINA, Victor. **A pastoral do abraço do Papa Francisco**. IHU, jul./2015.

<sup>460</sup> ZUGNO, Vanildo Luiz. **Sacramentos: Deus na vida da gente**. Porto Alegre: Evangraf, 2005, p. 62-63.

## 5 CONCLUSÃO

A pesquisa refletiu acerca da sustentabilidade das Comunidades Eclesiais de Base no Fragata. Teve como seu elemento principal a sustentabilidade com o dízimo que criou as condições necessárias para exercer a missão da Igreja que é a mesma de Deus. Seu pontapé inicial foi a partilha da vida. O diálogo corajoso sobre a vivencia e as dificuldades expressadas pelo Fr. Ademir, portador da preocupação com a sustentabilidade destas. Em assembleia buscaram luzes para esta realidade. A pesquisa procurou responder às perguntas: A fragilidade vivida por estas comunidades periféricas, conseguiriam com o dízimo tornar-se força aglutinadora, geradoras de unidade, formativas e desencadeadoras de um processo de ajuda solidária entre si e mesmo e para fora delas? Poderia gabaritar a comunidade para alguma parceria com entidades civis que beneficiariam adolescentes, jovens, adultos e idosos de alguma forma em suas vidas? Superariam a visão capitalista mercadológica do dízimo a tal ponto de fermentar uma diocese toda e florescer uma teologia que fundamente o dízimo numa visão de gratuidade e alteridade?

Compreendeu-se a fragilidade destas comunidades periféricas pelas condições de vida de muitos dos seus membros em situação de pobreza que nelas participavam. Foi destacado a jovialidade destas comunidades. No período do nascimento das comunidades, os seus primeiros passos ocorrerem nas casas e garagens dos moradores, algumas em colégios. Aos poucos, partiram em busca de um terreno e construíram um espaço muito simples com a ajuda da Paróquia através da ADVENIAT e a contrapartida local foi o trabalho em mutirões, promoções localizadas, como almoços, bingos comunitários, ação entre amigos e doações. Acolheram as pessoas. Enfrentaram outras dificuldades, na linha das necessidades básicas. Grande parte dos postos de trabalho para o sustento das famílias eram sazonais e boa parte lutou pela energia elétrica e pela água. Algumas delas organizaram um dízimo esporádico, por vezes, anual, levado na secretaria das comunidades ou buscado em casa por algum voluntário. Em não poucas oportunidades, este ouvia o pedido de retornar em outro momento mais favorável. Na sustentabilidade viviam medidas insuficientes que estavam ao seu alcance.

1 - A decisão das comunidades em assembleia para ouvir um missionário da Prodízimo ajudou a superar desafios. A proposta do dízimo nas comunidades estava rodeada por dúvidas e descrença embasadas em vários fatores. A atuação deste missionário na noite de aquecimento encorajou as lideranças para a superação destas dificuldades. Algumas estão elencadas a seguir. Uma delas era a crítica existente nas comunidades em relação ao dízimo nas igrejas, em especial, as que adotavam a teologia da prosperidade. Isto causou reflexos negativos na Igreja Católica. Uma imaginação existente entre as lideranças que girava em torno de um possível sumiço dos participantes das comunidades, esvaziando-as, mostrou-se equivocada, pois, organizando o dízimo, isto não ocorreu. O dízimo trouxe muita gente afastada para a celebração litúrgica da comunidade.

Diante da falta do dinheiro, a proposta feita por Gandi em nome da Prodízimo mostrou-se afetiva e efetiva. Ofereceu um kit que disponibilizou os materiais necessários para a implementação prática desta pastoral sem retirar dinheiro do caixa de nenhuma comunidade. A Prodízimo aguardou um determinado período fundamentada no argumento de que o dízimo se auto paga pela gratuidade dos dizimistas para então receber os valores correspondentes. Isto tranquilizou as lideranças. Naquela noite foi criado o ambiente favorável que culminou no encaminhamento decidido para organizar uma Pastoral do Dízimo em todas estas comunidades. Isto permitiu o trabalho de organizar a pretendida pastoral.

2 - A atuação dos Conselhos de Pastoral nos seus dois níveis: comunitário e da Rede de Comunidades. Eles fizeram a gestão da sustentabilidade com a participação do presbítero no sentido de caminhar junto, trabalhar junto.... Esta ferramenta já era existente nas comunidades e foi afiada no estudo do livrinho Conselhos de Pastoral em Construção sobre o próprio entendimento acerca do desabrochar dos Conselhos na Igreja, sua missão, sua espiritualidade, sua constituição e compromissos. A formação de seus membros, o entendimento da atuação nas comunidades, o sentido do dinheiro na Igreja e outros assuntos. Isto fortaleceu um modelo de Igreja a ser buscado e já apontado pelo Concilio Vaticano II. Abriu a visão de muita gente que passou a olhar a realidade à sua volta iluminada biblicamente com o espírito do lava pés ensinado por Jesus. Passou a propor, dialogar, coordenar, decidir...

Foi na reunião do Conselho Paroquial ou da Rede de Comunidades que os membros da Coordenação da Pastoral do Dízimo proposta pelo casal Francisco e Margarida Victoria foi apresentada e referendada, inclusive as funções elaboradas e propostas por esta. Neste mesmo espaço firmou-se quatro macetes importantes no trabalho desenvolvido: os envelopes seriam trazidos pelos Freis ou Ministros da Palavra das comunidades para a Coordenação da Pastoral para serem abertos por esta. Os primeiros meses seriam exclusivamente para saldar o investimento realizado. O resultado inicial seria divulgado em prestação de contas no seu montante geral alcançando o total investido. O critério de partilha do dízimo entre Comunidades e Diocese não seria modificado, preservando o formato existente.

O Conselho de cada Comunidade ficou responsabilizado em formar as Equipes da Pastoral do Dízimo na sua comunidade, que por sua vez segue orientação da Coordenação Geral da Pastoral do Dízimo. Deram suporte para os passos práticos dos mutirões nas ruas próximas contatando as famílias convidando-as a participar nas celebrações comunitárias em dias e horários estabelecidos. Então os Conselhos de Pastoral foram fundamentais na construção desta pastoral. A afinação e o respeito dos conselhos em relação às funções da Pastoral do Dízimo garantiram a estabilidade o que permitiu boa organização da pastoral em todas as comunidades.

3 - A posição da Coordenação da Pastoral do Dízimo com olhar firme e amplo, não monetário visou a criação de uma pastoral e gerou unidade. Numa etnografia apareceu o questionamento por parte de membros das comunidades feito ao coordenador: quanto estamos pagando? Ao que este lhe respondeu não se interessar em saber quanto estaria pagando, mas interessava estar na construção de uma pastoral. Esta postura do coordenador da Pastoral do Dízimo deu o tom de apostar no projeto. Mostrou formação e maturidade. Ajudou a criar credibilidade.

Depositou confiança nas equipes desta ação. Apareceu aqui os frutos da oração e do estudo do livrinho “Conselhos de Pastoral em Construção” que colaborou para o sentido das ações empreendidas. Para superar os possíveis pensamentos contrários que poderiam espalhar-se foram importantes as funções exercidas pela coordenação da pastoral do dízimo, sem desmerecer nenhuma outra. A prática de rezar pelos missionários e pelas famílias visitadas durante doze horas diariamente na semana missionária encorajando os (as) missionários (as) e sendo de conhecimento

de todos e todas, levando as pessoas céticas a pensar duas vezes antes de implementar sua contrariedade ao mutirão de visitas e ao dízimo.

A comunidade orante e a dinâmica do envio com a acolhida das pessoas missionárias que retornaram foram encorajadoras e fizeram a missão frutificar. O dia de Ação de Graças pelas pessoas dizimistas surpreendeu pela presença de muita gente nova na igreja depositando os seus envelopes. Isto calou de vez os duvidosos, pois contrariamente ao que haviam pensado, o dízimo é fator de reunir católicos e católicas na igreja. Não que isto fosse o suficiente para eliminar possíveis tentativas de levar ao fracasso.

Exemplificando, na primeira etnografia encontramos isto na Comunidade São Francisco de Assis, onde o Coordenador do Conselho se impôs e determinou a abertura dos envelopes daquela e naquela comunidade, o que traria como consequência a quebra da unidade. Na reunião seguinte, naquele mesmo Conselho isto foi retificado. Clareou-se que aquela decisão estava fora da competência, pois, no equilíbrio dos critérios combinados, uma das quatro estratégias firmadas fora a de que os envelopes não seriam abertos na comunidade, e sim pela Coordenação da Pastoral do Dízimo como uma das suas funções, diminuindo serviços e criando unidade.

Que a Pastoral do Dízimo uniu as comunidades foi atestado em diversos momentos, por pessoas diferentes e evidenciados nas etnografias, dentre as quais destaco: um reconhecimento foi do Gilmar, Coordenador do Conselho de Pastoral das Comunidades. Ele emitiu o seu parecer numa reunião de avaliação para encaminhar à Assembleia Diocesana. Atestou que a pastoral mais organizada era o dízimo. Outro reconhecimento veio dois anos depois, escrito no parecer declarado no Termo e Relatório de D. Jaime na sua Visita Pastoral durante toda a Missão Popular Diocesana vivida nas comunidades fragatenses comprovando a sua firmeza a longo prazo.

Destacou que o crescimento neste particular, o valor pastoral, de que o trabalho da Pastoral do Dízimo no Fragata colocou as comunidades do povo em sintonia com a Igreja, comunidade e paróquia. Uma terceira foi do próprio Coordenador da Pastoral do Dízimo, Francisco, também destacada na etnografia, afirmando muitíssimas vezes que “antes desta Pastoral do Dízimo a Paroquia São José era formada por vinte e quatro comunidades independentes entre si. Com o dízimo tornaram-se como que uma só Comunidade. Estão unidas.” Os muitos sinais colocados, e mais estes testemunhos, demonstraram fortemente que o dízimo criou unidade nas

comunidades. Por fim o reconhecimento público do Arcebispo da colaboração do Fragata que ajudou a desencadear uma Pastoral do Dízimo Arquidiocesana. Esta unidade se fortaleceu cada vez mais na atuação dos Conselhos de Pastoral ao buscar soluções conjuntas diante de algumas dificuldades que surgiram no caminho, felizmente solucionadas.

Nesta caminhada as comunidades foram tratadas de forma igual sem divisões em maiores, medias ou menores. Os critérios de abrir os envelopes juntos, de juntar o dízimo dos primeiros meses canalizado para acertar o investimento. Uma vez acertado o investido, o dízimo passou a ser de cada comunidade conforme o que lhe era correspondente com respectiva prestação de contas. Todas as comunidades passaram a ter o seu dízimo a partir do mesmo mês. Isto evitou a fala do espírito de concorrência com base capitalista de que uma comunidade seria melhor que outra. Desta forma as comunidades maiores colaboraram com as comunidades menores o que gerou mais unidade e reconhecimento mútuo.

4 - Com o dízimo nasceu algumas constantes nas comunidades do Fragata: ampla formação de lideranças como na liturgia, catequese, bíblia, comunicação, instrumentos musicais, teologia popular. A valorização dos jovens e a participação nos encontros das CEBs em todos os níveis: comunitário, Arquidiocesano, Estadual e Intereclesial Nacional. As relações tornaram-se mais humanizadoras com a marca da confraternização: encontros anuais dos missionários com oração e jantar, entre dizimistas e festas juninas. O cuidado na saúde de membros das comunidades e todos que tenham buscado a Pastoral da Saúde. A melhoria do patrimônio com muitas doações e empréstimos internos das comunidades e/ou aquisições. A solidariedade com outras comunidades na cidade e mesmo fora de Pelotas.

Constatou-se com muita facilidade nas etnografias as sugestões e encaminhamentos na área formativa onde o dízimo é declarado pilar responsável para auxiliar as pessoas. Encontramos isto no Curso de Teologia a Distância, disponibilizado pela ESTEF via Jornal Correio Riograndense para os catequistas e lideranças da comunidade. Numa etnografia constou o Conselho da Comunidade São Francisco de Assis que acolheu sugestão e informou que metade das comunidades encaminharam pedido de inscrição para receber o Jornal referido.

A Comunidade Maria de Nazaré relatou o estudo do segundo encontro do livrinho “Conselhos de Pastoral em construção” como memória da reunião anterior e

o estudo do terceiro encontro naquela reunião. Registrou comentários dos participantes. As etnografias registram fartamente como as comunidades com o dízimo assumiram a formação para lideranças em vários formatos.

As atividades dos jovens ganharam apoio das comunidades. Foram gincanas locais, retiros, encontros formativos a nível de área pastoral, encontros estaduais culminando na Jornada Mundial da Juventude. A consciência criada nos jovens chegou a um ponto que saltou aos olhos: chegaram a devolver sobras de dinheiro para a Comunidade Santo Antônio que havia apostado nos seus jovens. Da mesma forma as etnografias registraram a colaboração com seus representantes que não teriam os recursos necessários em múltiplos encontros de CEBs, em nível diocesano, estadual e mesmo nacional por muitas vezes nos vários níveis neste mesmo período desta pesquisa.

As festas dos padroeiros nas comunidades perderam a função de garantir recursos para a manutenção da mesma. Com o dízimo assumiram um sentido de confraternização. Tornaram-se mais leves e despreocupadas com as condições climáticas favoráveis ou desfavoráveis. Nasceram confraternizações a nível geral e comunitário com os dizimistas e com os missionários. A festa que era conhecida como Festa das Comunidades com caráter de garantir caixa deixou lugar para o resgate da Festa Junina das Comunidades. Nesta, todas elas passaram a marcar presença com espírito confraternizador desde a sua organização e realização.

A saúde das pessoas ganhou lugar como preocupação dos membros das comunidades. Variadas formas deram conta neste particular. Nasceu um auxílio de forma pessoal e também comunitária na chamada Pastoral da Saúde. Na etnografia apareceram os esforços da Comunidade Santo Antônio que canalizou belos recursos em salas e em remédios naturais ajudando os pobres sem perguntar em que Igreja vivem sua fé com bela marca ecumênica.

O desencadear de ajuda solidaria também está fartamente presente nas etnografias em resposta a dificuldades, como a colocação do sistema de segurança de alarme monitorado na Comunidade São José. Sozinha não daria conta em repor centenas de vidros, fazer readequação de espaço seguro para a secretaria com a urgência que a situação exigia. A aquisição de automóvel para o trabalho pastoral. Estes casos foram suportados na mesma sugestão: todas as comunidades abriram mão integralmente do seu dízimo para cobrir os custos pelo tempo necessário até

alcançar o objetivo proposto. Ao longo das etnografias encontramos os registros nas atas dos conselhos dando conta de imensa colaboração mútua com generosidade nas doações entre comunidades, bem como, se necessário, empréstimos sem juros pelo tempo que fosse necessário, sempre dentro das possibilidades das referidas comunidades. As generosas doações para fora das comunidades: para o telhado da Paróquia vizinha, N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Aparecida no Bairro Simões Lopes e uma cidade atingida pelo ciclone, Barros Cassal. Esta, pertencente à Diocese de Cruz Alta. Também para os desabrigados de Santa Catarina, entre outros exemplos, mostrou a solidariedade além do Frágata, o que só foi possível com o dízimo.

5 - Com o dízimo poderia gabaritar a comunidade para alguma parceria com entidades civis e beneficiar adolescentes, jovens, adultos e idosos de alguma forma em suas vidas? Concluímos que sim. Verificamos diversas parcerias como com o sindicato do vestuário e outras conquistando emprego/renda pelo curso de costura industrial. Firmou parceria de informática básica e montou uma sala digital. Isto impactou na vida de adolescentes, jovens, adultos e idosos com reflexos práticos na cidadania inclusiva como a formação, o trabalho, a comunicação, e a autonomia em autoatendimento.

Consideramos primeiro o Curso para Costura Industrial e depois a Sala Digital Caia na Rede. O Curso da Costura Industrial foi parceria realizada pela Comunidade São José com o Sindicato do Vestuário de Pelotas, a Prefeitura Municipal e SESI. Constatou-se a formação para trinta adultos acima de vinte e cinco anos de idade e sua colocação certa em emprego, dirigida ao público desempregado. A mesa do pobre encontrou o desempregado e foi na forma da cedência do salão por um mês com os banheiros e tudo o que isto implicou. A limpeza destes espaços foi realizada pelo colaborador da comunidade, realizada nos intervalos do curso com todos os produtos necessários custeados pela mesma comunidade. Os demais componentes como equipamentos, instrutores, segurança no local, transporte e outros detalhes foram supridos pelos parceiros.

A parceria para a criação da Sala Digital Caia na Rede foi celebrada entre a Paróquia São José e diversas instituições privadas. A Paróquia São José para este fim entrou com a total gratuidade da sua maior e melhor sala, o que significou abrir mão na utilização desta para serviços importantes da comunidade. Custeou: nela instalou a segurança, buscou internet (não existente na igreja até então), a energia

elétrica, banheiros e a limpeza na sala realizada pelo colaborador da comunidade durante os dez anos comportados nesta pesquisa. Este suporte todo foi realizado com o dízimo das comunidades. Neste período o atendimento ultrapassou o segundo milhar de pessoas beneficiadas concluintes gratuitamente no curso. A etnografia exemplificou presença de aprendizes em computação nesta sala. A mesa do pobre ajudou jovens a se tornar cidadãos, trabalhadores e com boa escolarização. Foi celebrada parceria com Grupos de Agentes Ambientais e Grupo de Mulheres no Projeto de Empreendedorismo e Sustentabilidade. Acessaram desta aprendizagem na Sala Digital Caia na Rede. Eram pessoas desempregadas que sustentavam suas famílias através destes serviços à sociedade com a marca do cuidado ao meio ambiente e aproveitamento de retalhos em tecidos para gerar emprego e renda. Estes moradores formaram parcerias para melhorar as condições de trabalho e de vida. O dízimo bem trabalhado gerou cidadania de tantas formas belas.

6- Provocou outras Paroquias e Arquidiocese. Culminou na elaboração da teologia da gratuidade e alteridade que combateu falsas teologias: da prosperidade, do interesse, do acúmulo e da miséria. Partiu da Ceia de Jesus, sua vida, morte e ressurreição. Desta ceia brotaram espiritualidades: eucarística, da oferenda, da partilha e missionária. Esta teologia fundamentou um Projeto Arquidiocesano da Pastoral do Dízimo. O Fragata esteve integrado neste processo, colaborou e foi enriquecido por ele.

As compreensões teológicas aprofundadas, ou não, expuseram alguns limites e a busca por soluções. No olhar do coordenador que se afastou de sua comunidade porque ela atendia famílias que participavam da Igreja Universal e entregavam 10% de seus rendimentos no dízimo naquela e vinham buscar mensalmente o sacolão de alimentos e roupas nesta comunidade católica revelou querer auxiliar somente pessoas católicas. A mesa do pobre reduzir-se-ia à mesa dos pobres católicos. O espírito empreendido no alimento, no vestuário, na Sala Digital, na Pastoral da Saúde não estava reduzido aos católicos, mas em vista do ser humano. Pareceu uma distorção da missão abraçada por Pedro aos judeus e Paulo aos gentios na qual a única preocupação observada a Paulo era com os pobres. Estas questões debatidas foram iluminadas pela espiritualidade de Jesus junto ao poço com a samaritana e o sentido do dinheiro constados no livrinho “Conselhos de pastoral”. A não acolhida disto revelou as lacunas catequéticas dos católicos bem como de outras igrejas. Nos

colocaram na discussão das espiritualidades e teologias que nos sustentavam e as que estavam à nossa volta com reflexos em nossas comunidades. Isto nos desafiou a aprofundar estas questões para acertar o passo com o Deus da vida.

O rumo empreendido foi o de atender o necessitado. Qual era a culpa da criança para não ser auxiliada diante da fome? O debate foi contra a teologia da prosperidade, não contra o ser humano. Esse episódio revelou a presença da teologia do acúmulo, do interesse, ou a do meu pequeno grupo. Seguiu a pergunta se poderíamos chegar a uma teologia e espiritualidades que superassem isto. Sim. A caminhada o confirmou. Constatamos a estreita colaboração do Fragata que partilhou sua caminhada do dízimo e aos poucos tornou-se assunto da diocese. Chegou, pelo seu Arcebispo, a uma boa teologia que refutou as teologias da prosperidade, do acúmulo, do interesse e da miséria. Tinha a prática que inspirou a Teologia da Gratuidade e Alteridade. Esta teologia trabalhou profundamente a Ceia de Jesus com espiritualidades dela surgidas: eucarística, da oferenda, da partilha e missionária.

Este dízimo e suas compreensões teológicas fomentaram um bom debate, acrescido por mais cristãos que ampliou seus olhares e saberes. No seu conjunto alcançaram uma bela teologia. Novidade que passou a ser estudada e debatida novamente em todas as comunidades do Fragata inseridas no Plano de Pastoral da Arquidiocese de Pelotas. Pareceu um efeito bumerangue que organizou localmente e em determinado momento foi lançado e deu fruto. Depois retornou ao seu ponto de partida com uma teologia amadurecida nestas raízes locais.

Assim, quanto ao objetivo geral em pesquisar a sustentabilidade nas Comunidades Eclesiais de Base no Fragata, a partir do seu dízimo celebrado liturgicamente, autônomo e solidário com suas implicações nas comunidades, e seus gestos solidários internos e externos. Mostrou ser possível dizer que outras comunidades podem acolhe-lo como inspiração e exemplo. A pesquisa bibliográfica, documental e observação participante permitiu vislumbrar os passos organizativos da pastoral do dízimo. A ação missionária de visita às casas e convite a participar da palavra e da ceia eucarística na comunidade com partilha à mesa do pobre abriu a possibilidade de tornar-se dizimista com continuidade na comunidade. Foram descritos os passos realizados desde a decisão, a preparação dos missionários, os materiais utilizados, a missão realizada, a oração sempre presente na semana

missionária. Terminado este grande mutirão, e com a acolhida dos dizimistas a oração por eles tornou-se permanente na comunidade.

Organizou-se uma Coordenação da Pastoral do Dízimo com tarefas elaboradas em conjunto assumidas de forma cuidadosa. Isto foi fundamental. Possibilitou a missão de forma conjunta o que uniu as comunidades. Esta coordenação incentivou os missionários reunidos, preparou-os, tirou as suas dúvidas com calma, inteligência, paciência, entrosamento e maturidade. A verificação das divisas entre as comunidades missionadas mapeou o trecho de rua que cada dupla fez a visitação. A preparação e distribuição dos materiais, com os momentos certos para a sua utilização. A oração nas comunidades em apoio aos missionários e às famílias que seriam visitadas fortaleceu a todas as pessoas. Sabedores da oração durante o mutirão os missionários (as) se sentiram apoiados (as) e encorajados (as) na ida às famílias. Isto remeteu a uma reflexão quem pudesse sentir-se na liberdade de desencorajar a missão para o dízimo.

A pesquisa refletiu acerca da fé do povo no âmbito comunitário como seus ritos, orações, gestos do dízimo afastando a visão capitalista mercadológica do dinheiro. Teve um olhar solidário vivido nas comunidades. Integrou pessoas e comunidades. Resgatou a festa junina entre comunidades. Melhorou o ambiente de convivência. O primeiro retorno dos dizimistas foi relatado na Celebração da Palavra e da Eucaristia que aconteceu em todas as comunidades no segundo final de semana em maio de 2005, dia das mães. Os fieis foram acolhidos e lotaram comunidades. A acolhida foi dirigida aos dizimistas e às mães. Por ser a primeira Celebração de Ação de Graças com os dizimistas a celebração era voltada a eles.

A gestualidade penitencial e os motivos de glorificação a Deus estavam voltados aos dizimistas e às mães. A reflexão da palavra naquele dia recordou as primícias dadas a Deus no altar dirigidas ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, em uma palavra, ao pobre. Tudo pertence a Deus, ele nos deu para que sejamos os cuidadores do que pertence a ele. Reconhecedores disto, no espírito de fé e gratidão damos a ele o que a ele pertence.

Esta ritualidade já fazia parte da ceia de Jesus. Nela estivemos em ação de graças pelo seu mandato: fazei isto em memória de mim. Assim é que todos de pé rezaram juntos a oração do dizimista e depois se dirigiram até o altar para colocar aos seus pés o dízimo, a oferta. Este dia marcou a mudança do lugar onde passou a

ocorrer o gesto do dízimo. Não mais na casa do dizimista, na secretaria, ou num canto da Igreja. Foi diante do altar do Senhor que provocou uma mudança na prática litúrgica destas comunidades. Ao invés de aguardar sentado no banco até que chegue uma cestinha, uma caixinha ou um saquinho para colocar também a sua oferta. O fato de levantar-se e ir ao encontro até o altar. Colocar ali o envelope do dízimo e a oferta, gesto mantido em todas as demais celebrações. Esta gestualidade colaborou na compreensão teológica ao participar da oferenda do pão e do vinho que estava sendo preparado e colocado sobre o altar. Ajudou a compreensão no dízimo e na oferta ali colocada, unindo suas vidas ao pão e ao vinho.

Na oração da consagração foi atualizado o memorial de Cristo presente. Na continuidade da oração eucarística era oferecido ao Pai criador o seu próprio Filho, Jesus Cristo e com Ele, todos nós. Este gesto de partilha tornou-se uma oferenda a Deus, do que a humanidade poderia oferecer de melhor: seu próprio Filho. Constatamos o aumento da participação humana nas liturgias comunitárias. Foi uma resposta positiva dos visitados à comunidade. Mostrou que este modelo de dízimo trouxe novamente as pessoas para um convívio comunitário religioso. Deu este sentido à pessoa humana que percebeu: tudo o que tem na sua vida vem de Deus. Percebeu um valor da vivência no espaço comunitário e ali podia devolver a Deus um pouco do tudo que recebeu. Assumimos a indicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que o dízimo não tem percentualidade. É escolha do coração agradecido a Deus de forma madura, livre a partir da fé.

O exercício do retorno à família ganhou um novo sabor. Não tinham sentido de cobrança. A possível forma anterior de buscar o dízimo na casa firmava a ideia de uma dívida da pessoa ou família com a comunidade. Ao inverter esta dinâmica colocou o dízimo junto à ceia celebrada na comunidade. A posterior visita para devolver o envelope ao dizimista proporcionou ao (à) missionário (a) expressar palavras de agradecimento pelo gesto realizado na comunidade em ação de graças. Tornou-se oportunidade de informar ou convidar para participar na celebração litúrgica semanal, uma vivência comunitária.

Por fim, a pesquisa procurou compreender a nova realidade do dízimo local que permitiu fazer parcerias com entidades civis. Trouxe benefícios aos adolescentes, jovens, adultos e idosos com marcas solidárias e cidadãs. O mutirão do dízimo deu resultados positivos incríveis. Esta nova realidade do dízimo foi percebida na

comunidade através da prestação de contas, nos encontros formativos. Gerou mudança de rosto da comunidade. Tornou-se verdadeiramente cristã em seus gestos. Acrescento às parcerias o benefício junto aos jovens e adultos que, ao entrar neste mundo da informática refletiu não só o fato de aprender a computação. Este aprendizado abriu portas ao mundo estudantil e universitário. Gabaritou pessoas para o trabalho. Abriu caminhos novos às mulheres e aos agentes ambientais. Os idosos passam a ter a sua autonomia junto a um caixa eletrônico.

Pais começaram a comunicar-se com os filhos distantes através das redes sociais. Aproximou famílias. A gastronomia ganhou novos pratos com pesquisa pela internet. A relação familiar de muitos pais ou avós recolocados em pé de igualdade junto a filhos ou netos porque estavam fora do tempo. Agora puderam acompanhá-los no uso destas ferramentas que eles deram aos filhos. Mudou o cotidiano de famílias e comunidades. Ocorreu muito entrosamento e sentimento que valeu a pena descobrir o ser dizimista, pois, a comunidade deu seu retorno de muitas maneiras.

Ao olhar todo o processo desenvolvido, chegamos à conclusão de que o dízimo é confiável, eficiente e edificante. Respondeu às necessidades das Comunidades Eclesiais de Base no Fragata, em Pelotas. Atrevo-me a dizer que é um caminho a ser trilhado não só por elas, mas, uma inspiração às comunidades de fé, entendidas como Comunidades Eclesiais de Base ou não. Independentemente de estar vivendo dificuldades semelhantes ou não, pois, o dízimo não se apequena em resposta monetária, como vil metal. É algo maior.

A sustentabilidade das CEBs no Fragata está a serviço da missão, que é a mesma de Deus. A presença permanente do presbítero foi a do companheiro de caminhada da Coordenação da Pastoral do Dízimo com suas respectivas tarefas, dos Conselhos de Pastoral. Havia clareza de atribuições, um bom grupo de missionários que visitou as famílias. Viveu-se liturgicamente a palavra e o pão à mesa nestas espiritualidades. Ninguém é obrigado a ser dizimista. Este gesto brotou da fé que reconheceu a ação de Deus em tudo. A gratuidade é livre e do tamanho do coração.

A sustentabilidade mostrou clareza de propósitos, qualidade na oferta de serviços, transparência na prestação de contas e capacidade de animar, liderar e gerenciar comunidades e pessoas. Capacitou-se a realizar parcerias e fazer teologia. Estas comunidades são pobres e partilharam desta pobreza trabalhando contra a pobreza construindo justiça social.

Não pretendo esgotar tudo aqui. Outros (as) pesquisadores (as) também são convidadas a aprofundar esta reflexão. Podem trazer à luz aspectos não abordados nesta pesquisa. A construção da sustentabilidade nas comunidades é tarefa de todos (as) os (as) que se reconhecem filhos (as) de Deus. Percebem a ação deste em suas vidas. Geram o sentimento de gratidão e proximidade com ele. Vivenciam a sua fé de forma comunitária, ao redor da mesa conforme Cristo ensinou. É acolhida a todos.



## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Accelino. **Paróquia São José do Fragata**: Pelotas Os Capuchinhos na Região Sul do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPEL, 2011.

APOSTOLICAM ACTUOSITATEM. Petrópolis: Vozes, 1978.

ARQUIDIOCESE DE PELOTAS. **Oferenda** – o dízimo cristão no altar da eucaristia. Projeto Arquidiocesano da Pastoral do dízimo. Pelotas: Sem Rival, 2013.

ARQUIDIOCESE DE PELOTAS. **Plano arquidiocesano de pastoral**. Pelotas: Sem Rival, 2012.

ASSOCIAÇÃO DAS VILAS REUNIDAS FRAGET. **Projeto FRAGET Empreendedorismo e Sustentabilidade**. Pelotas, 2015.

ASSOCIAÇÃO DAS VILAS REUNIDAS FRAGET. **Termo de Parceria**. Pelotas, 2015.

ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA SÃO BOAVENTURA. **Certificado**. Pelotas: [s.n.], fev. /2009.

ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA SÃO BOAVENTURA. **Convenio de Parceria**. Pelotas, 2008.

BENETTI, Ademir. **Contribuição para a Paróquia**. Pelotas, 2002.

BENTO XVI. **Sacramentum Caritatis**: sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, 2007.

BERGMANN, Dom Jacinto. **Anteprojeto arquidiocesano da Pastoral do dízimo**. Pelotas, nov./2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. ver. atual. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOBSIN, Oneide. **Teologia da Prosperidade e a construção do eu divino**. São Leopoldo, 2003. (mimeografado).

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo**: paixão do mundo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 2. maio/2005.

BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 3. jun./2005.

BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 4. ago. /2005.

BOLETIM DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Pelotas, n. 5. out. /2005.

BROSSE, Olivier de la; HENRY, Antonin-Marie; ROUILLARD, Philippe. **Dicionário de termos da fé**. São Paulo: Santuário, 1995.

BUYST, Ione. **A missa: memória de Jesus no coração da vida**. 5. ed. Vozes: Petrópolis, 2001.

CHEMELLO, Dom Jayme. **Termo e relatório da visita pastoral à Paróquia São José do Fragata**. 2007.

CNBB. **O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas** (Doc. 106). 2. ed. Brasília: CNBB, 2017.

CODINA, Victor. **A pastoral do abraço do Papa Francisco**. IHU, jul./2015.

COMUNIDADE CATÓLICA JESUS DE NAZARÉ. **Convite**. Pelotas, 2005.

COMUNIDADE DE SANTO ANTÔNIO. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Santo Antônio**. Ata n. 471. 1991. v. 3.

COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Maria de Nazaré**. Ata n. 224. 1997. v. 2.

COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Maria de Nazaré**. 2006. v. 3.

COMUNIDADE MARIA DE NAZARÉ. **Atas do Conselho Pastoral da Comunidade Maria de Nazaré**. Ata n. 228. Pelotas 1997. v. 2.

COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Guadalupe**. Pelotas, 2009. v. 2.

COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Santo Antônio**. Pelotas, 1991. v. 3.

COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade Santo Antônio**. Pelotas, 2006. v. 4.

COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade**, 2003. v. 2.

COMUNIDADE SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade São José**. Ata n. 192. Pelotas, 2007. v. 3.

COMUNIDADE SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho de Pastoral da Comunidade São José**. Ata n. 198. 2008. v. 3.

COMUNIDADE SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho Pastoral da Comunidade São José**. Ata n. 260. 2015. v. 4

COMUNIDADE SÃO PEDRO. **Atas do Conselho Pastoral da Comunidade São Pedro**. 2002. v. 2.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. **Tua Palavra é vida:** A formação do povo de Deus. São Paulo: Loyola, 1990.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Eucaristia vida que se celebra:** para viver melhor o mistério da eucaristia na vida. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção: rumo ao novo milênio, n. 51).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à vida cristã:** itinerário para formar discípulos missionários. 2. ed. Brasília: CNBB, 2017. (Doc 107).

CONSELHO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **O dízimo na comunidade de fé:** orientações e propostas. Brasília: CNBB. 2016. (Doc. 106).

CONSELHO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral do dízimo.** 13ª reim. São Paulo: Paulus, 2015, p. 9. (Estudos da CNBB n. 8.).

COSTA, Rovílio. BONI, Luis A. De. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Evangraf, 1996.

CURSO DE TEOLOGIA POPULAR DA PAROQUIA SÃO JOSÉ. Pelotas: 2008.

CURSO DE TEOLOGIA POPULAR. Pelotas. **Registros.** [s.n.], 2008.

DIOCESE DE CHAPECÓ. **Conselhos de pastoral em construção.** Passo Fundo: Berthier, 1998.

DIOCESE DE CHAPECÓ. **Conselhos de pastoral em construção.** 2. ed. rev. reimp. Xanxerê: News Print, 2002.

DIOCESE DE PELOTAS. **Anteprojeto Arquidiocesano da pastoral do dízimo.** Pelotas: [s.n.], 2011.

DIOCESE DE PELOTAS. **Assembleia diocesana.** Pelotas: [s.n.], 2009.

DIOCESE DE PELOTAS. **Assembleia diocesana.** Pelotas: [s.n.], 2010.

DIOCESE DE PELOTAS. **Diretório para Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base.** Pelotas: Diocese de Pelotas, 2000.

DIOCESE DE PELOTAS. **Encontro Diocesano da Pastoral do dízimo.** Pelotas, mar./2011.

DIOCESE DE PELOTAS. **Prioridades e Ações comuns diocesanas para 2011.** Pelotas, dez./2010.

DIOCESE DE PELOTAS. **Prioridades e Ações comuns diocesanas para 2011: 2ª** Prioridade: Pastoral do dízimo. Pelotas, dez./2010.

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA. **Convênio de Cooperação Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana e Paroquia São José Operário.** Porto Alegre, 2012.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda et al. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 9ª Imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S A, 1975.

FERREIRA, Gandi. **Dízimo**: fonte de graças, comunhão com Deus. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

FURG. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Curso Engenharia da Computação. Rio Grande, 2017.

GAEDE NETO, Rodolfo. **Servir à mesa**. São Leopoldo: Con-Texto, 1999.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1975.

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Catecismo da Igreja Católica**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2017.

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA. **Código de direito canônico**. São Paulo: Loyola, 1983.

INFORMATIVO PARÓQUIA SÃO JOSÉ DO FRAGATA. Pelotas: Diário Popular, n. piloto, jul./ago./2008.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE. **Documento fundante**. São Leopoldo, 2013.

KIRST, Nelson. Disciplinas específicas da teologia prática: liturgia. In: HAPPRESCHT, Christoph Schneider, ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.) **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 3. ed. ver. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

LOURENÇO, Elíneo. **Gastos aproximados nas obras da Igreja São José e salão**. Pelotas, 2014.

LOURENÇO, Elíneo. **Gastos aproximados na reforma do telhado da CEB São José**. Pelotas: [s.n.], mar./2015.

LOURENÇO, Elíneo. **Prestação de Contas Pelotas**: [s.n.], mar./2014.

MACEDO, Edir. **Fé e dinheiro**: descubra qual é a vontade de Deus para sua vida. Rio de Janeiro: Unipro, 2008.

MAIMONE, D. José M. **Dízimo**. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

MASSULO, Luciano da Costa; ZUGNO, Vanildo Luiz. **Sacramentos**: teologia, liturgia e pastoral. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.

MITRA DIOCESANA DE PELOTAS. **Encontro Diocesano da Pastoral do Dízimo** – Pelotas: [s.n.], 2011.

NEVES & FILHOS. **Administração e Intermediação de Imóveis Ltda.** Termo de rescisão do contrato de trabalho. Pelotas, 2017.

NUNES, Taylerand. **Lema** – Mais missão. Pelotas: maio/2010.

ORIOLO, D. Edson. **Pastoral do dízimo:** da comunicação ao comprometimento. São Paulo: Paulus, 2019.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus e o dinheiro:** uma leitura profética da crise. Petrópolis: Vozes, 2014.

PALUDO, Faustino. **Liturgia:** Ação de Deus na comunidade de fé. Petrópolis: Vozes, 2002.

PAPA FRANCISCO. **A alegria do Evangelho.** São Paulo: Paulinas, 2013.

PAROQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO. **Revitalização Parcial do Patrimônio da São José.** Pelotas, 2012.

PAROQUIA SÃO JOSÉ, **Missa do envio dos missionários e missionárias do mutirão do dízimo de 24 de abril de 2005.** Pelotas, abr./2005.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho de Pastoral Paroquial.** Pelotas, 2004. v. 2

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho de Pastoral Paroquial.** Pelotas, Ata n. 128. Dia 08/mar./2005. v. 2.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Atas do Conselho Paroquial de Pastoral.** Ata n. 80. 2006. v. 3.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. C. E. B. Jesus de Nazaré. **Orientações para o setor da equipe da comunidade.** Pelotas. [s.n.] abr./2005.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Celebração de envio dos missionários e missionárias do mutirão do dízimo:** dia 24 de abril de 2005. Pelotas, [s.n.], abr./2005.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. Comunidade Católica Jesus de Nazaré. **Prezada Família do Condomínio Humaitá.** Pelotas: [s.n.], 2005.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Comunidade N. Sra. Aparecida.** Pelotas, abr./2005.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. Comunidade São José. **Novo telhado do salão da Paróquia São José.** Pelotas, 2014.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Convite.** Pelotas: [s.n.], ago. / 2005.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Convocação.** Pelotas: maio 2005.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Convocação.** Pelotas: maio/2005. Pelotas: maio/2005. p. 1.

PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Cronograma dos horários de oração pelos missionários do dízimo.** Pelotas, abr./2005.

- PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Funções da pastoral do dízimo**. Pelotas, mar./2005.
- PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Igreja Católica ou comunidade N. Sra. Aparecida**. Pelotas: [s. d.: abr./2005]. p. 01.
- PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Missa de ação de graças pelos dizimistas: 7 e 8 de maio 2005**. Pelotas, maio/2005.
- PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Orientações para o setor da equipe da comunidade**. Pelotas, abr./2005.
- PAROQUIA SÃO JOSÉ. Pelotas. **Tombo**. 1943. v. 1.
- PAROQUIA SÃO JOSÉ. **Tombo**. Pelotas, 2005. v. 2.
- PEREIRA, Anderson Costa. A experiência da coleta para a Igreja de Jerusalém. In: CAMINHANDO COM O ITEPA. Passo Fundo, Pastoral do dízimo. Ano XXXV, n. 124, nov./2018.
- PRODÍZIMO. **Abra a Tua Porta**. Rio de Janeiro: Drumond, 2004.
- PRODÍZIMO. **Atenção Missionários (as) que irão de casa em casa**. Rio de Janeiro: Drumond, 2004.
- PRODÍZIMO. **Oração dos dizimistas**: Envelope do dízimo. Rio de Janeiro: Drumond, 2004.
- ROCKENBACH, Carlos Raimundo. MASSULO, Luciano da Costa. **Introdução à Liturgia**. Porto Alegre: Evangraf, 2019.
- SALA DIGITAL CAIA NA REDE. Pelotas, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SEGUNDO. Juan Luis. **Libertação da Teologia**. São Paulo: Loyola, 1978.
- SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICENCIA. OLIVEIRA, Rafael Garcia. Pelotas: [s.n.], 1996.
- SOUSA, Jessé, et al. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- STAÚDER, Eduardo Paulo. **O dízimo como prática Comunitária e solidária – Uma leitura histórico-crítica de Deuteronômio 14,22-29**. São Bernardo do Campo/SP, 2007. (Dissertação de Mestrado).
- TATTO, Antoninho. **Dízimo e oferta na comunidade**. São Paulo: O Recado, 1983.
- UNIDADE DE NEUROFISIOLOGIA CLÍNICA DR MARTIN RAIMAR PÖRTNER. OLIVEIRA, Rafael Garcia Porto Alegre: [s.n.], 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. SOARES, Glauca Potenza. Licenciado em Matemática. Pelotas, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. SOARES, Glauca Potenza. Mestra em Educação Matemática. Pelotas, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG. Rio Grande: [s.n.], 2017.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E CARIBE. **Documento de Aparecida**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

VALENTIM, Joel Leal. **Dízimo Sinal de Fé**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Drumond, 2004.

VALENTIM, Joel Leal. **Mutirão do Dízimo**: como fazer e dar continuidade -cartilha explicativa. Rio de Janeiro: Drumond, s.d.

ZUGNO, Vanildo Luiz. **Sacramentos**: Deus na vida da gente. Porto Alegre: Evangraf, 2005.